

RUI ANTÔNIO DE SOUZA

**IDÉIAS DE EDUCAÇÃO NA COMUNICAÇÃO
DO JORNAL MUNDO JOVEM: 1963 a 2005**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, linha de pesquisa: Práticas Sociopolíticas nas mídias e comunicação nas organizações.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Helena Steffens de Castro

Porto Alegre

2008

RUI ANTÔNIO DE SOUZA

**IDÉIAS DE EDUCAÇÃO NA COMUNICAÇÃO
DO JORNAL MUNDO JOVEM: 1963 a 2005**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, linha de pesquisa: Práticas sociopolíticas nas mídias e comunicação nas organizações.

Aprovada em ____ / ____ / 2008.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dr. Maria Helena Steffens de Castro

Prof. Examinador: Dr. Pedrinho A. Guareschi

Profa. Examinador: Dr. Beatriz Dornelles

AGRADECIMENTOS

“Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui...”

A todos que fizeram e fazem bela a história do Mundo Jovem: equipes, colaboradores, representantes, assinantes e leitores.

Em memória de Pedro Paganin, pela entrega à causa da comunicação, através do Mundo Jovem.

À minha orientadora, Maria Helena, pela compreensão e acompanhamento atencioso.

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação”.

Paulo Freire

“É preciso colocar o conhecimento à disposição do maior número possível de pessoas, criando um ambiente que seja não só de comunicação, mas que também atue como ferramenta instigadora, que colabore para uma reflexão crítica, para o desenvolvimento da pesquisa, que facilite uma aprendizagem contínua, permanente e autônoma”.

Maria Cândida Moraes

RESUMO

Esta pesquisa resgata aspectos da história do jornal Mundo Jovem, cuja circulação iniciou em 1963 até a atualidade. De um “boletim vocacional”, gestado no Seminário Maior de Viamão – RS, Mundo Jovem tornou-se um impresso voltado ao mundo da educação juvenil, divulgando conteúdos e idéias interdisciplinares. O Jornal Mundo Jovem é um veículo que discute, através de suas matérias, os diferentes paradigmas da educação brasileira, que são debatidos em sala de aula e entre os educadores e assinantes deste periódico. Ou, mais ainda, este impresso propõe um modelo de educação: popular, crítica, democrática, dialógica e libertadora, pois se trata de uma publicação que apresenta idéias e propostas, sem ser apenas o reflexo do seu tempo. Sendo assim, este trabalho discute como o periódico comunica os paradigmas educacionais adotados no país desde a década de 1960, com o propósito de formar pessoas autônomas, criativas, críticas e solidárias, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais. Os paradigmas serão analisados através dos artigos sobre educação, publicados no Mundo Jovem da década de 1960 até a de 2000, interpretando como eram feitas estas relações com o contexto social de cada época. Através da pesquisa aos textos e da interpretação, facilitada pela Hermenêutica de Profundidade, de John Thompson, e pela teoria da enunciação, de Patrick Charaudeau, procuro analisar a produção deste veículo de comunicação e seu propósito de educar através do jornalismo.

Palavras-chave: comunicação - jornalismo - educação - crítica - libertadora.

ABSTRACT

This research brings aspects of the history of the periodic publication Mundo Jovem, whose circulation initiated in 1963 and continues in the present time. From a "vocational publication", created within the Seminário Maior de Viamão - RS, Mundo Jovem became a printed matter directed to the world of education of youngsters, divulging contents and ideas from multiple courses of study. This publication argues, through its articles, different paradigms of Brazilian education, debated in classrooms and among educators and subscribers. Or, moreover, proposes an education model: popular, critical, democratic, dialogic and liberating, because it is a printed matter that presents ideas and proposals, without being only the reflex of its time. Thus, this work argues how Mundo Jovem communicates the adopted educational paradigms in the country since the decade of 1960, with the intention to form independent, creative, critical and solidary people, capable to explore the universe of its intellectual constructions. The paradigms will be analyzed through articles on education, published in Mundo Jovem from the 60's until the decade of 2000, interpreting how those relations were made with the social context of each time. By the research of the texts and the interpretation, made easier for the Depth Hermeneutics, by John Thompson, and for the enunciation theory, by Patrick Charaudeau, the objective is to analyze the production of this media vehicle and its intention to educate by journalism.

Keywords: Communication - Journalism - Education - Critics - Liberating.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1960.....	24
Tabela 2 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1970.....	25
Tabela 3 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1980.....	30
Tabela 4 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1990.....	34
Tabela 5 - Séries/Seções – Jornal Mundo Jovem - de 2000 a 2005.....	37
Tabela 6 - Artigos de Educação (Anos 1960 / 1970 / 1980 / 1990 / 2000).....	51
Tabela 7 - Gêneros Jornalísticos sobre Educação.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ASPECTOS DA HISTÓRIA DO JORNAL MUNDO JOVEM	16
1.1 A HISTÓRIA FAZ O MUNDO JOVEM.....	18
1.2 O MUNDO JOVEM SE DISTINGUE	38
1.3 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO NO MUNDO JOVEM	42
2 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA	54
2.1 FORMAS SIMBÓLICAS	57
2.2 MÍDIA IMPRESSA.....	59
2.2.1 O Jornalismo na América Latina	62
2.2.2 A Comunicação no Jornal Mundo Jovem	73
2.3 CULTURA, EDUCAÇÃO E JUVENTUDE	76
2.3.1 Uma nova condição juvenil	79
2.3.2 A escola, entre o universalismo e o relativismo	84
2.4 IDEOLOGIA E PODER.....	87
3 ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA: MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO	91
3.1 TEXTOS DE COMPORTAMENTO ELOCUTIVO	95
3.2 TEXTOS DE COMPORTAMENTO ALOCUTIVO	105
3.3 TEXTOS DE COMPORTAMENTO DELOCUTIVO	111
4 INTERPRETAÇÃO E REINTERPRETAÇÃO	112
4.1 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1960	113
4.2 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1970	114
4.3 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1980	116
4.4 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1990	117
4.5 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 2000	119
CONCLUSÕES	121

REFERÊNCIAS.....	126
ANEXO A – INFORMAÇÕES VOCACIONAIS	131
ANEXO B – S.O.S. VOCAÇÕES (Capa da 1ª edição)	132
ANEXO C – LANÇAI AS REDES (Capa)	133
ANEXO D – MUNDO JOVEM (Capa)	134
ANEXO E – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 1970 (Capa).....	135
ANEXO F – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 1980 (Capa).....	136
ANEXO G – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 1990 (Capa)	137
ANEXO H – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 2000 (Capa)	138
ANEXO I – APELO AOS LEITORES.....	139
ANEXO J – RECEPÇÃO DO MUNDO JOVEM NA EDUCAÇÃO	140
ANEXO K – “LANÇAI AS REDES E OS PROFESSORES” (Texto para Análise – Anos 1960).....	141
ANEXO L – “A REFORMA AINDA DESVINCULADA DA REALIDADE” (Texto para Análise – Anos 1970)	142
ANEXO M - “A EDUCAÇÃO ESTÁ COMPROMETIDA COM O MEIO (MAS SÓ A ESCOLA AINDA PODERÁ SALVAR O HOMEM” (Texto para Análise – Anos 1970)	145
ANEXO N – “PARA ONDE CAMINHA A EDUCAÇÃO” (Texto para Análise – Anos 1980).....	147
ANEXO O – “A EDUCAÇÃO ROMPENDO AS AMARRAS” (Texto para Análise – Anos 1980).....	148
ANEXO P – “AVALIAÇÃO, REPETÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR” (Texto para Análise – Anos 1990)	151
ANEXO Q – “EVASÃO E REPETÊNCIA, DE NOVO! (Texto para Análise – Anos 1990).....	152
ANEXO R – “ESPERANÇA DE UMA NOVA ESCOLA” (Texto para Análise – Anos 2000).....	153
ANEXO S – “A ESCOLA CIDADÃ E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE PÓS- MODERNA” (Texto para Análise – Anos 2000).....	154

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema deve-se ao fato da minha trajetória pessoal no Jornal Mundo Jovem, desde março de 1997, quando assumi a função de redator. Pretendo resgatar a memória desse periódico que, em setembro de 2007, completou quarenta e cinco anos de existência, tendo se dedicado, de forma regular, a orientar professores e jovens, procurando associar a escola com a vida e o contexto social e histórico vigente.

Desde sua origem, o Jornal Mundo Jovem publica textos/matérias sobre educação, tanto no espaço informal, na família e nos grupos, como no espaço formal, escolar. Para facilitar o acesso a estes textos e outros tantos, produzidos para várias áreas do conhecimento, a equipe responsável pela revista decidiu pela digitalização e a catalogação dos artigos da coleção completa deste periódico, e a sua gravação em CD, estando também à disposição na internet, para acesso aos pesquisadores e interessados.

O projeto de digitalização do Mundo Jovem, que contou com recursos humanos e materiais próprios e da universidade, iniciou no segundo semestre de 2002, sendo concluído em janeiro de 2004. Denominado “Edição em CD-ROM do Jornal Mundo Jovem (1963 – 2002): catálogo e texto” teve por finalidade a preservação e a divulgação da coleção deste periódico, composto até aí por 332 fascículos. Os responsáveis por essa publicação da PUCRS, informados do trabalho de organização e catalogação do Acervo Literário da Livraria do Globo, realizado por um grupo de pesquisadores, estabeleceram uma parceria para a realização de trabalho semelhante em relação ao acervo deste periódico. O projeto foi desenvolvido sob a coordenação da professora Alice Campos Moreira, pesquisadora do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em letras da PUCRS. A área de informática ficou a cargo do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPCT), e funcionários da Biblioteca Central da PUCRS ficaram responsáveis pela observação das normas de catalogação e indexação das imagens. A ficha catalográfica dos fascículos foi elaborada com base no software MICRO-ISIS para bibliotecas, programa da Unesco já utilizado em outros projetos. A

ficha é composta por 29 campos para referência, entre eles: nome da editora, volume, fascículo, número de páginas, nome do autor, título do artigo, título da seção, página inicial e final do artigo, autor citado, ilustrador e fotógrafo.

Para definir o *corpus* desta pesquisa, foram selecionados artigos sobre educação, através de tabelas que indicam a ênfase em cada período da análise. Através do panorama que a catalogação permite visualizar, pode-se perceber a intensidade da alteração do perfil do jornal em direção ao mundo da educação. Se, na década de 1960, apenas uma matéria fala diretamente de educação escolar, na década de 1970 são 23; nos anos 1980 são 58; na década de 1990 são 93; e nos anos 2000 (até 2005) são 82 matérias. Há, portanto, um crescimento acentuado no tratamento dos temas relacionados à educação no jornal Mundo Jovem.

Da catalogação para este trabalho foi necessário fazer algumas alterações, direcionando o que foi entendido por educação para o corpus escolhido, ou seja, a educação no espaço escolar, como processo de ensino-aprendizagem, com as questões políticas, administrativas e pedagógicas que daí decorrem. Além das matérias que debatem a educação propriamente dita, Mundo Jovem publica textos sobre educação sexual, educação ambiental, e textos para as disciplinas escolares, como história, geografia, língua portuguesa, filosofia, sociologia, psicologia e ensino religioso. Outras seções, como realidade brasileira, política e cidadania, sexualidade, entre outros, são subsídios complementares e interdisciplinares, que são publicados para o debate em sala de aula. Mais adiante, na análise do discurso produzido por Mundo Jovem sobre educação fica mais claro que, além de uma mudança quantitativa, em número de matérias, a educação teve um tratamento qualitativo diferenciado.

Este trabalho tem por objetivo analisar a produção e o discurso do Jornal Mundo Jovem, sobretudo nos temas que se referem à educação. Também, destacar, nos artigos deste impresso, as percepções da realidade educacional brasileira em seus diferentes momentos; e identificar e analisar e interpretar, nas matérias, as marcas do pensamento educacional brasileiro, através do discurso do jornal.

Apresento um perfil do Jornal, destacando aspectos mais relevantes de sua história, que contribuíram na formação de sua identidade como veículo impresso de educação através do jornalismo. O foco da pesquisa baseou-se nas matérias publicadas sobre educação, neste periódico, nas décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000, que somam 257 textos, entre artigos, editoriais, entrevistas e depoimentos. O predomínio, durante toda a história do jornal, é da publicação de artigos, pela opção em oferecer textos curtos para provocar o debate. Entre os textos, foram selecionados dois artigos de cada década, para análise, conforme a incidência dos temas mais abordados. Na década de 1960, apenas um editorial trata da educação escolar e, por isso, será analisado. O corpus foi constituído por nove textos (um editorial e oito artigos), escolhidos conforme os temas e autores destacados em cada década analisada.

Buscar luzes num referencial teórico na área da comunicação é uma investigação nova para este veículo impresso. Daí a sua relevância e as escolhas que fiz no sentido de ir “mais além” da produção e recepção do Mundo Jovem. Esta, uma tarefa um tanto difícil pelo fato de eu estar dentro da estrutura de produção do impresso, pois, segundo Charaudeau, o papel do analista “*é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar*” (2006, p.29). Por outro lado, estar neste contexto representa a facilidade de acesso a documentos e mesmo à história oral, através do diálogo com diferentes personagens que fizeram parte desta história, o que contribuiu muito para esta pesquisa. Partii de uma constatação, como pesquisador, de que o Mundo Jovem publica matérias educativas com base nos diferentes paradigmas educacionais adotados no Brasil e que eram discutidos em sala de aula, segundo o relato de pessoas que interagiram com o impresso. Esta constatação baseia-se na minha própria vivência, antes como leitor e agora como redator do jornal, além do levantamento de temas e matérias publicadas feito através de catalogação realizada em 2002/3 pela Faculdade de Letras da PUCRS.

Além da minha trajetória pessoal na redação do Jornal há dez anos, atuei também como educador e agente de pastoral, mantendo uma relação muito próxima com a equipe e com o jornal. Isto traz dificuldades, mas também certezas e desafios.

Com este trabalho, procuro resgatar aspectos importantes da história do Mundo Jovem, uma vez que há mais de 40 anos tem como finalidade a educação de jovens, refletindo a mentalidade, a identidade, o espaço-temporal, a cultura e a visibilidade do imaginário coletivo de seus leitores.

Ao percorrer este caminho de elaboração da pesquisa, algumas perguntas foram surgindo. São questões que não têm, aqui, uma resposta, mas que recebem uma boa iluminação, a partir da fundamentação teórica e metodológica estudada.

- Como o Jornal Mundo Jovem comunica e discute os paradigmas educacionais brasileiros através do jornalismo?

A mídia, hoje, tem um papel fundamental na produção e circulação das formas simbólicas, ou seja, dos textos, falas e ações sociais. Assim, as palavras, as informações, as idéias que o Mundo Jovem leva aos seus leitores do universo escolar, sobretudo porque o impresso chega a lugares que têm pouco acesso a informações e novidades, fazem dele este veículo de debate da educação. A partir dessas constatações, pergunto:

- Como, através das matérias do Mundo Jovem, podemos conceber os paradigmas da educação brasileira, no período de 1963 a 2005?

A leitura de J. Thompson ajudou-me a compreender que o Mundo Jovem procura elucidar os contextos e processos socialmente estruturados, como a escola, a sala de aula e o universo juvenil. Desta forma, coloca como mais importante, segundo Freire “a problematização do mundo, da cultura e da história” (2002, p. 83). O impresso Mundo Jovem foi, durante toda a sua história, crítico diante dos modelos tradicionais e liberais-tecnocratas, propondo uma educação humanista, crítica, popular e libertadora.

A metodologia usada nesta pesquisa foi a Hermenêutica de Profundidade, proposta por John B. Thompson para o estudo dos temas dos meios de comunicação. Para o estudo da produção discursiva nos temas de educação no jornal Mundo Jovem também foi usada a teoria da enunciação, de Patrick Charaudeau.

A escolha do método, a Hermenêutica de Profundidade, deve-se ao fato de que, para analisar as formas simbólicas (ações, falas, textos), precisamos de um referencial teórico que busque a compreensão e a interpretação destas, em geral, e dos textos e do discurso produzido pelo Jornal Mundo Jovem, em particular. A Hermenêutica de Profundidade compreende três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva, interpretação e reinterpretação, que são precedidas pelo que Thompson chama de “interpretação da doxa” ou “hermenêutica da vida cotidiana”. Já a teoria de enunciação, de Charaudeau considera o sujeito da enunciação como construtor da mensagem, pois ao usar o código lingüístico para ocupar a posição de enunciador, instaura o papel de destinatário. Optar, então, por um modo de qualificação do objeto é optar por um tipo diferenciado de discurso, que apresenta marcas do contexto externo ao jornal Mundo Jovem, ou seja, circunscritas ao meio.

A técnica de análise de discurso é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise dos acontecimentos linguajeiros, de modo que a produção de efeitos de sentido aparece como objeto de estudo, realizada por sujeitos sociais inseridos na história do periódico. Neste trabalho, focalizo efeitos identitários construídos numa teia entre discurso, história e educação, a fim de analisar a conjunção dos campos com os estudos da mídia. Trata-se de identificar trajetos históricos da educação brasileira nas formas discursivas do jornal Mundo Jovem, delineando as relações que a mídia estabelece com outros dispositivos textuais que circulam na sociedade.

No primeiro capítulo, apresento um histórico e algumas características do veículo de comunicação impressa Mundo Jovem, o nosso objeto de estudo. Neste histórico vai se revelando as características e as marcas que formam a identidade do periódico e a sua distinção em relação a outros impressos. No capítulo 2, na análise sócio-histórica, destaco algumas categorias que são importantes na análise do periódico. As categorias “formas simbólicas”; mídia impressa; cultura, educação e juventude; ideologia e poder, sintetizam o universo da produção e circulação do jornal Mundo Jovem, mostrando a relevância de cada contexto sócio-histórico para os discursos produzidos. No capítulo 3, para a análise discursiva, uso os modos de enunciação, da teoria semiolingüística, de Patrick Charaudeau, destacando e

analisando artigos que revelam o discurso do impresso em cada período analisado. No quarto capítulo, a interpretação e a reinterpretação permitem ir além das circunstâncias sócio-históricas vigentes, revelando os não-ditos, os ocultos, os silêncios, os vazios e as presenças pouco expressivas, tomadas por alguma significação distinta.

Na perspectiva de uma metodologia centrada na hermenêutica de profundidade, o que se quer é deixar aberta a discussão, sem comprovação exaustiva. Entendo ter encontrado algumas razões possíveis para argumentar acerca das teorias educacionais vigentes no país, de 1963 a 2005, empregadas pelo jornal Mundo Jovem, sem a pretensão de fechar conclusões a respeito delas. Não procurei um dado objetivo. Parto do princípio de que, da relação do sujeito-pesquisador com o objeto-mundo é que surgirão as possibilidades de análise, desde a capacidade criativa de reinterpretação. Assim, esse trabalho preocupa-se mais de perto com a estrutura das formas simbólicas, à qual corresponde uma análise discursiva dos dados qualitativamente construídos.

1 ASPECTOS DA HISTÓRIA DO JORNAL MUNDO JOVEM

O Jornal Mundo Jovem, com sede na Pontifícia Universidade Católica – PUCRS, sob orientação da Faculdade de Teologia, com quarenta e cinco anos de história e uma tiragem atual de cerca de 120 mil exemplares mensais, afirma-se como um veículo impresso de educação através da comunicação. Entretanto, a singularidade do Mundo Jovem está, sobretudo, no fato de alcançar uma tiragem significativa em nível nacional sem o recurso da propaganda, circulando há 35 anos dentro desse critério¹.

O Mundo Jovem usa a nomenclatura de “jornal”, mas as suas características formais e de conteúdo são de uma revista, ou seja, a periodicidade mensal, a segmentação do público, como grupos e comunidade eclesiais, estudantes e professores. Segundo Scalzo (2004, p. 19), as revistas surgiram com características e uma “missão” própria: “destinar-se a públicos específicos e aprofundar os assuntos – mais que os jornais, menos que os livros” Essa “missão”, Mundo Jovem exerce ao divulgar e aprofundar temas relacionados ao meio eclesial e depois educacional, reunindo opiniões diversas sobre cada momento histórico.

Além disso, o periódico carrega outra característica própria das revistas, desempenhando “um papel importante na complementação da educação, relacionando-se intimamente com a ciência e a cultura” (SCALZO, 2004, p. 21). Neste aspecto, Mundo Jovem tornou-se, cada vez mais, uma fonte complementar para o debate dos temas escolares, sobretudo das áreas humanas, oferecendo textos interdisciplinares e transversais para o debate em sala de aula e como fonte de pesquisa, gerando novos conhecimentos. A equipe encara a veiculação dos conteúdos e das idéias como uma missão, como expressa em dezembro de 1979, no editorial com o título “a leitura, o alimento do espírito”, Mundo Jovem (n. 124, dez. 1979, p. 4):

¹ Mundo Jovem teve publicidade até final do ano de 1971, depois a equipe, a pedido dos leitores, decidiu por não mais veicular propaganda, para preservar a liberdade editorial, sem influência dos anunciantes.

O ano de 1979 termina e aqui na redação de Mundo Jovem cresce uma consciência: a consciência da missão de nosso jornal enquanto oferta de leitura sadia. Mundo Jovem se propõe a contribuir para a formação do jovem que o lê. Fornecer conteúdo para o jovem ler, pensar, definir e enriquecer a sua vida.

Incentivar e promover a leitura e a formação cultural do jovem, desenvolvendo a sua consciência crítica diante das mudanças que estavam ocorrendo no mundo, parece ser a identidade que o veículo de comunicação impressa Mundo Jovem, ia afirmando. Segundo Piza, (2004, p. 116-117):

O cidadão atual é cada vez mais pressionado a fazer opções, a dizer o que pensa sobre os mais diversos tipos de assunto – dos transgênicos ao Oriente Médio, das estréias de cinema às desmedidas da política – e assim exercer sua cidadania. O jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão.

Como o ser humano é um ser histórico e não somente um espectador, também o sistema educativo deve responder às necessidades do contexto social em que está inserido, e elaborar propostas que permitam às pessoas descobrir e desenvolver diferentes modos de apropriação da sua experiência cultural. No caso, o periódico Mundo Jovem, faz da sua interlocução com as organizações juvenis e com o universo escolar, um espaço de produção de idéias como expressão desses contextos, que vão, em contrapartida, construir a sua identidade, pois, segundo Charaudeau (2006, p. 161):

Retomando, repetindo, imitando o que outros disseram, apropriando, reconstruindo, modificando ou mesmo inovando o dito através de seu próprio ato de enunciação é que se constrói a identidade do ser falante, o que faz com que falar seja, ao mesmo tempo, dar testemunho de si e do outro, do outro e de si.

A marca do veículo de comunicação impressa Mundo Jovem está na identificação e interlocução com os leitores, através da convicção na defesa dos conteúdos e idéias veiculadas como “testemunho de si”, e na valorização das experiências e ações dos destinatários como “testemunho do outro”. Por isso, o que

este veículo representa na comunicação e na educação, é fruto da história que fez e que o fez, e da sua distinção como um periódico de comunicação alternativa para a educação.

1.1 A HISTÓRIA FAZ O MUNDO JOVEM

O Jornal Mundo Jovem nasceu em março de 1963, no Seminário Maior de Viamão, sob o nome de Informações Vocacionais. (ANEXO A). Circulava entre as equipes que tinham como propósito desenvolver campanhas vocacionais nos seminários, nas paróquias e nos colégios católicos. O editorial, assinado pela “Equipe Vocacional” dizia: “o jornal surge sem previsão de que vai continuar ou não. Talvez quando houver assunto e dinheiro (e a Providência nunca falta) sairá o 2º número”. Neste período teve somente uma edição, com seis páginas, tratando exclusivamente de vocações sacerdotais e religiosas. O periódico nasceu sob a responsabilidade da “Sociedade de Cultura Artística por um mundo melhor”, fundada no dia 20 de março de 1956, no próprio seminário, tendo como diretor o Cônego Atilio Fontana.

Em setembro de 1963, este periódico foi ampliado para 12 páginas e publicado em português e espanhol, sob o título “S.O.S. Vocações” e “S.O.S. Vocaciones” (ANEXO B)².

O objetivo continuava o mesmo: atrair mais gente para os seminários e, ao mesmo tempo, despertar a consciência dos seminaristas para o seu compromisso com as novas orientações da Igreja na América Latina depois da Conferência do CELAM, no Rio de Janeiro, em 1955. Mas, “Por que S.O.S Vocações?” perguntava-se nesta primeira edição. A equipe de redação respondia no “S.O.S. Vocações” (ano 1, n. 1, set. 1963, p. 8):

² Apenas duas edições foram publicadas em português e espanhol. Na edição número 3, de abril 1964, ao invés de edição bilíngüe, “S.O.S Vocações” publica um Suplemento em língua espanhola, com artigos enviados por colaboradores dos países de língua castelhana. Entre os motivos para não continuar a edição em espanhol está o custo muito alto de produção para um número reduzido de assinantes nestes países, a dificuldade em traduzir os textos e o fato de os leitores saberem ler nas duas línguas.

Diante da situação precária do clero no Brasil e na América Latina e diante dos problemas alarmantes dos nossos tempos, que exigem solução imediata, não podemos permanecer indiferentes e por isto lançamos o grito de alarme S.O.S Vocações. Grito este dirigido a todas as pessoas de boa vontade que queiram trabalhar para solucionar o problema das vocações na América Latina. Este jornal está sob a inteira responsabilidade da Equipe Vocacional do Seminário Maior da Imaculada Conceição – Viamão – RS.

Havia, nesta época, uma grande preocupação com a falta de padres para atender a população que estava crescendo, sobretudo nas grandes cidades. Por isso, os apelos e esforços pastorais estavam direcionados à promoção vocacional. Este trabalho era realizado tanto nas comunidades e paróquias, como nas escolas e nos meios de comunicação, tanto convencionais, como nos veículos de comunicação da própria Igreja, entre eles, os impressos, como “S.O.S Vocações”, depois “Lançai as Redes”.

A segunda edição de “S.O.S Vocações”, com oito páginas, é publicada em novembro de 1963, sob a direção de Monsenhor Otto Skrzypezak e Ari Martendal na redação. Na edição número quatro, de maio-junho de 1964, a equipe anunciava a mudança do nome para Lançai as Redes. No editorial, o redator Ari Martendal, justifica a mudança, dizendo que o “jornalzinho” não desperta o interesse apenas das equipes vocacionais, mas dos vigários, professores, religiosos e jovens. Propõe, então, “S.O.S Vocações” (n. 4, maio-jun. 1964, p. 2) “[...] um cunho mais pastoral, um cunho de ajuda aos que já se encontram engajados na ação apostólica”.

Em agosto de 1964, circulava o primeiro número do periódico Lançai as Redes, (ANEXO C) impresso em preto e branco, com seis edições ao ano, de 12 páginas cada uma. Em abril de 1966, houve a alteração de 12 para 20 páginas, com seis números ao ano, abrindo mais espaço para as experiências dos leitores e a publicação de textos e mensagens úteis para a ação pastoral nas comunidades. A partir desta edição, número 14, “Lançai as Redes” passa a ser apresentado com o slogan “Órgão de divulgação do Movimento Vocacional do Brasil”. O informativo “Lançai as Redes” era dirigido, sobretudo, para os professores católicos do sul do Brasil, pois “Lançai as Redes”, (n. 7, nov. 1964, p. 4):

[...] dos professores e professoras depende enormemente a solução do problema vocacional do Brasil. Lançai as Redes quer ser um amigo e uma mão de ajuda ao professorado católico no trabalho vocacional que desenvolvem entre os seus alunos.

Na edição número 23 mais uma mudança era anunciada, através da participação dos leitores, com sugestões de nomes para o impresso, sendo que em “Lançai as Redes” (n. 23, set. 1967, p. 20): “[...] o novo título deverá corresponder à orientação que estamos imprimindo nestes últimos números, evoluindo para uma pastoral vocacional fundamental junto a grupos de jovens”.

Em outubro-novembro de 1967, na edição número 24, circulava o primeiro Mundo Jovem, (ANEXO D) impresso em preto e branco, com seis edições ao ano, de 20 páginas cada uma. A equipe de redação justificou a mudança do nome de Lançai as Redes para Mundo Jovem, em outubro de 1967, com o objetivo de ampliar o campo de ação do jornal, destinando-o não mais especificamente para o jovem religioso, mas para todos os jovens preocupados com o seu futuro, com sua definição vocacional e profissional e com os rumos da sociedade em termos políticos e sociais. Na capa da edição número 24, com o título “Quem sou eu?”, os responsáveis definem a missão do periódico em Mundo Jovem (n. 24, out./nov. 1967, p. 1):

Uma vez me chamavam Lançai as Redes. Então eu era muito pequeno e abordava uma realidade tipicamente vocacional. Resolvi crescer e tornar-me um jornal para jovens. Todo mundo reparou que eu ficara gente. Resolveram mudar o meu nome. Muita gente veio com vários nomes no bolso para ficar padrinho. Depois de muita conversa, muitas cartas e muitos testes disseram que o meu nome será: “mundo Jovem”. Mas por que Mundo Jovem? – Porque eu sou um jornal para jovens e quero levar-lhes uma mensagem de cristianismo autêntico. E cristianismo é juventude. Não se entende um cristianismo velho, decadente, decrépito... Para que o mundo seja jovem (cristão) é preciso que cada um dê a sua colaboração.

Entre as mudanças, a indicação de livros, filmes e canções com reflexões sobre a juventude da época. Também os textos abordam o mundo dos jovens, com temas relacionados ao estudo, trabalho, lazer, namoro, amizade, entre outros. Nesta época, em que nasce o jornal Mundo Jovem propriamente dito, a “equipe de trabalho”, era composta por: diretor – Ivo Steffen; redação – Hélio Rubert, Zeno

Rech, Gentil Corazza; assistente – Pe. Abílio Nardeli; gerência – Idemir Bagatini; publicidade – Ivo Blatt; fotografia – Camilo Simon; expedição – Remi Maldaner.

Em agosto-setembro de 1968, na edição número 29, o periódico começou a ser impresso em duas cores e, a partir de março de 1971, foi impresso em off-set, uma mudança que foi comemorada pela equipe: “aqui estamos com a melhor e mais moderna impressão jornalística – o processo off-set. Bem, você veja e compare para ver a diferença”. (MJ, n. 44, mar. 1971, p. 3). O jornal aumentou de 20 para 24 páginas, com nove edições ao ano, correspondendo ao período letivo (março a dezembro, com interrupção em julho), o que já sinalizava uma preocupação do veículo com o universo da educação.

Na edição número 41, setembro de 1970, o expediente é publicado com o slogan “Equipe nova para um jornal novo”. Entre outros, compõem a equipe Ireno Finkler, Laurício Neumann e Zeno Hastenteufel, figuras de destaque nesta década para o Mundo Jovem. Deu posse à nova equipe, o diretor, Padre Nei Paulo Moretto. Além das mudanças na equipe, o jornal previa uma arrancada nova, dentro do que chamavam de “explosão-70” (MJ, n. 41, set. 1970, p. 2).

No período de 1968-75, o público leitor do Mundo Jovem era basicamente constituído de grupos de jovens católicos e cristãos ligados às paróquias e comunidades. Mundo Jovem era usado também nas escolas e colégios católicos, como subsídio para as aulas de Religião, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira, adotado pelos professores, pois “o que agrada aos alunos é o sabor de novidade que existe cada mês em MJ”, dizia-se naquela época. (MJ, n. 96, nov. 1976, p. 18). O impresso já era bem diferente daquele da sua origem, com o predomínio de temas vocacionais. Apesar de conservar o seu caráter eclesial e religioso, Mundo Jovem passa a adquirir a marca de um jornal crítico, enfocando temas da realidade social brasileira e latino-americana e reflexões filosóficas que provocam inquietações no jovem sobre o sentido da vida.

Em janeiro de 1972, o Jornal Mundo Jovem passou para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), sob a orientação do Instituto de Teologia e com a supervisão técnica da Faculdade dos Meios de Comunicação

Social (FAMECOS). O expediente apresenta como diretor e gerente, Ireno Finkler; assessor de gerência, Nazareno Fontanive; editor-chefe, Tibério Vargas Ramos; assessor gráfico, Laurício Neumann; diagramação, Léo Tavejnhansky. Também neste ano passa a circular sem patrocínios. A partir de então, o periódico começou a registrar um crescimento rápido, o que exigiu permanente ampliação da equipe de trabalho e dos recursos físicos e técnicos. Dizia a equipe no editorial de Mundo Jovem (n. 53, mar. 1972, p. 2):

Enquanto você, jovem, descansava, veraneava, trabalhava ou dava duro no vestibular, no Mundo Jovem se operavam grandes e decisivas transformações. Transformações estas já cogitadas há longo tempo, como fator de segurança, definição e afirmação do jornal no meio jovem (...) Passamos a contar, portanto, com o apoio da PUC. Entendemos a decisão da Universidade como reconhecimento de que o jornal é um autêntico trabalho de engajamento, que orienta a ação pastoral jovem.

A mudança para a Pontifícia Universidade Católica era encarada como uma grande transformação, um salto qualitativo na história do periódico. Na época, a decisão da PUC-RS foi entendida como um gesto de reconhecimento pelo trabalho que Mundo Jovem vinha realizando, mas também como um fator de segurança, de maior profissionalismo e a garantia de continuidade que uma grande instituição poderia oferecer. Além disso, o fato de estar na universidade, colocava a equipe mais próxima da realidade do jovem. Neste período, o impresso começava também a aproximar-se, cada vez mais, do mundo da educação, como diz o mesmo editorial do Mundo Jovem (n. 53, mar. 1972, p. 2):

O jornal vem se impondo no meio dos jovens, dos grupos de vivência, dos movimentos e, principalmente, nos estabelecimentos educacionais do Estado e do País. Constatamos que MJ é adotado como manual de reflexão, debates e análise de textos, nas aulas de Português e Moral e Cívica.

Portanto, a partir da década de 1970, o veículo impresso Mundo Jovem vai, aos poucos, entrando nas escolas, oferecendo textos para debate em algumas disciplinas, sobretudo para o Ensino Religioso e como incentivo à leitura. É um tempo de muito idealismo e doação das equipes, com recursos escassos, onde as mesmas pessoas fazem desde a redação até o empacotamento e expedição. Por isso, jornalisticamente, o que se percebe é certo amadorismo que aparece na

imprecisão e falta de definição e continuidade das seções, alteradas com bastante frequência (conforme as tabelas 1 e 2) e sem uma definição técnica de diagramação, montagem e apresentação. Sobre isso, Scalzo (2004, p. 66) comenta:

É esse equilíbrio e essa coerência editorial da pauta, bem como o ordenamento das seções, colunas, entrevistas especiais etc., que vão definir a personalidade de uma revista. A cada edição o leitor vai encontrar, ao mesmo tempo, variedade e algumas marcas de identidade, que o permitem reconhecer e manter uma relação de familiaridade com sua revista predileta.

O periódico demoraria alguns anos para atingir este equilíbrio. Talvez pelo seu público-alvo, ainda difuso, sejam os grupos e comunidades eclesiais, as escolas, enfim, não havia uma definição sobre o público-leitor, apesar do veículo se caracterizar por um conteúdo bastante religioso e vocacional.

Em 1978 é criado um projeto de produção de audiovisuais e de realização de palestras em escolas e comunidades, coordenados por Pedro Paganin. Este projeto teria muita repercussão em todo o sul do Brasil até o ano 2000, abordando assuntos relacionados a valores e os temas da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica no Brasil.

Na tabela, a seguir, organizada a partir da digitalização e catalogação já referidas, uma amostra do que era produzido nas séries/seções de SOS Vocações (1963), “Lançai as Redes” (1964-1967), Mundo Jovem (a partir de out./nov. 1967), evidenciando o caráter eclesial-vocacional do impresso nestas décadas.

Tabela 1 - Séries/Seções – Jornal Mundo Jovem – Anos 1960

Anos 1960 até 1969	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Editorial	3	3	5	6	6	5	7
Pequeno Clero	1	3	2	-	-	-	-
Coro Falado	-	2	2	-	-	-	-
Ensaio	-	-	2	-	-	-	-
Ultraredes	-	-	2	21	8	-	-
Programa Radiofônico	-	-	1	-	2	5	3
Oração	-	-	-	1	-	-	-
Bíblia em Verso Popular	-	-	-	2	-	-	-
Reportagem	-	-	-	2	-	-	4
A canção e a vida	-	-	-	6	12	5	2
Rezar com a Bíblia	-	-	-	3	3	-	-
Filme	-	-	-	-	2	3	-
Cartas	-	-	-	-	16	6	34
Livros	-	-	-	-	2	8	-
Encontro com Cristo	-	-	-	-	2	3	1
Entrevista	-	-	-	-	-	-	3
Esporte	-	-	-	-	-	-	1
Cinema	-	-	-	-	-	-	4
Canção	-	-	-	-	-	-	9
Notícias	-	-	-	-	-	-	7

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE, 2007.

Nesta época, os textos tinham uma característica de mensagens religiosas e vocacionais, uma vez que o Mundo Jovem participava de campanha da Igreja Católica na busca de novas vocações sacerdotais. A seção “Ultraredes” relata encontros e experiências de grupos vocacionais e de jovens em todo o Brasil; na seção “a canção e a vida”, o padre Ângelo Costa comenta canções da época. A presença do editorial é constante, mostrando desde o início a preocupação do veículo em afirmar a sua missão. Chama a atenção, a seção de “cartas”, revelando a preocupação do periódico em manter a interatividade com o leitor, colhendo informações importantes, para conquistar cada vez mais seu interesse. No final dos anos 1960, o periódico está sintonizado com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, no meio juvenil e na Igreja Católica. Mundo Jovem veicula na capa da edição de outubro de 1968, parte do texto do documento sobre juventude, aprovado na Conferência dos Bispos da América Latina, em Medellín, na Colômbia, em agosto do mesmo ano em Mundo Jovem (n. 30, out. 1968, p. 1):

A juventude vive numa época de crises e transformações, causas de conflitos entre gerações. Conflitos que estão exigindo um sincero esforço de compreensão e diálogo, tanto da parte dos jovens como dos adultos. Os jovens são mais sensíveis que os adultos aos valores positivos do processo de secularização. Esforçam-se por construir um mundo mais comunitário.

Estão mais abertos a uma sociedade pluralista e a uma dimensão mais universal da fraternidade. A juventude é o símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, a um contínuo 'rejuvenescimento'. A Igreja deseja auscultar, atentamente, as atitudes dos jovens que são manifestações dos sinais dos tempos: a juventude é prenúncio de valores que renovam as diversas épocas da história. Com satisfação a Igreja busca acolher a juventude em suas estruturas e promovê-la a uma efetiva participação nas tarefas humanas e espirituais.

Esta opção e visão positiva da Igreja para com os jovens iria marcar o início da nova década, dos anos 1970, (ANEXO E) onde cresce a organização dos jovens em grupos e movimentos sociais e eclesiais. Se, com o golpe militar, as lideranças das organizações ligadas à Ação Católica foram perseguidas pelo regime, dizimando muitos grupos e ações juvenis, nesta época começam a surgir grupos que dariam origem à Pastoral da Juventude. A organização e as ações desta pastoral seriam incentivadas e divulgadas nas páginas do jornal Mundo Jovem no decorrer deste período.

Tabela 2 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1970

Anos de 1970 até 1979	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Editorial	6	-	8	9	9	9	9	9	9	9
Cinema	2	-	-	2	4	-	2	-	-	-
A canção e a vida	2	-	-	4	-	-	-	-	-	-
Cartas	24	31	69	-	-	-	-	-	-	-
Canção	8	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Programa Radiofônico	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O leitor fala	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Filme	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Família	-	-	4	-	-	-	1	1	5	-
Esporte	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-
Música	-	-	8	-	10	8	6	-	-	-
Páscoa	-	-	3	-	-	-	-	2	-	-
Vocação	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Crônicas	-	-	8	1	6	8	14	18	19	20
Oroscopolho	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Religião	-	-	12	5	5	-	-	-	-	-
História	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Variedades	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-
Crônica dos Colégios	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Dia das mães	-	-	4	-	-	-	1	-	-	-
Jogral	-	-	3	-	4	6	4	2	2	2
Amor	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-
Literatura	-	-	1	-	1	-	1	1	-	-
Recortes de Jornal	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-

Cont...

Anos de 1970 até 1979	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Psicologia	-	-	1	5	2	1	7	4	5	-
Jovens	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Retalhos da vida	-	-	-	14	29	20	32	39	28	16
O recado dos leitores	-	-	-	4	6	10	22	86	79	70
Mundo Jovem responde	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-
Idéias de Leonardo	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
Parapsicologia	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-
Natal	-	-	-	3	-	-	1	3	-	-
Língua Portuguesa	-	-	-	-	3	2	-	-	-	-
Poesias/Poemas	-	-	-	-	9	6	13	15	24	19
Teologia	-	-	-	-	2	2	3	2	1	-
Orações	-	-	-	-	1	-	1	3	20	19
Dicas	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Ensaio	-	-	-	-	3	5	-	-	1	-
Celebração	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-
Comunidade jovem	-	-	-	-	1	2	4	1	-	-
Campanha da Fraternidade	-	-	-	-	-	1	2	1	2	1
Educação	-	-	-	-	-	5	-	-	1	-
Ensino Religioso	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-
Conto	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-
Livros	-	-	-	-	-	1	2	3	13	16
Reportagem	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Filosofia do homem	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-
Comunicação intergrupos	-	-	-	-	-	-	9	9	9	9
Entrevista	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Diálogos de Moscou	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-
Temas atuais em discussão	-	-	-	-	-	-	1	3	-	-
Pelos caminhos da ética	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-
MJ comenta	-	-	-	-	-	-	-	35	22	19
Em defesa da juventude	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-
Bíblia	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
Filosofia	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-
Em torno de Deus	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-
As doenças do povo	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-
O sentido da vida	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-
Meditações de viagem	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-
O trabalho de Deus e o trabalho do homem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Preparação para o casamento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Família e o desenvolvimento da personalidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Humanismo e tecnologia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Orientação vocacional e profissional	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Puebla, uma esperança e um desafio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE, 2007.

A ampliação do periódico de 12 para 20 páginas, a partir da edição número 14, de abril de 1966, possibilitou a publicação de mais seções, observadas, sobretudo, a partir da década de 1970. Entre os temas, bastante variados, podem-se destacar dois grupos. Primeiro, um grupo de temas religiosos, de orientação católica, para a vivência eclesial nas comunidades, como: páscoa, vocação, religião, natal, teologia, orações, celebração, campanha da fraternidade, bíblia, em torno de Deus. Num segundo grupo, alguns temas que se poderia chamar de “morais”, devido à sua preocupação em difundir e afirmar valores cristãos entre os jovens. Entre esses: família, amor, pelos caminhos da ética, o sentido da vida, o trabalho de Deus e o trabalho do homem, preparação para o casamento, família e desenvolvimento da personalidade, humanismo e tecnologia, orientação vocacional e profissional. Essa preocupação com os valores morais, especialmente oriundos da família, é expressa em editorial de outubro de 1974: “Jovem e família não podem estar separados. É na família que o jovem cresce, se desenvolve, para ser alguém na vida” (MJ, n. 77, out. 1974, p. 4).

Também continuam em destaque as séries: crônicas, jograis, poesias, retalhos da vida e recado dos leitores. São séries que revelam uma grande participação dos leitores e a produção de subsídios úteis para encontros de grupos e para o trabalho vocacional nas escolas. A seção ‘comunicação intergrupos’, a partir de 1976, é um espaço de comunicação entre grupos, com endereço para correspondência entre os jovens.

A década de 1980 (ANEXO F) chega com sinais de mudanças ainda mais profundas. No editorial de março, de 1980, a equipe antecipa: “Oitenta deverá ser a década da participação”. E o impresso coloca-se ao lado das “vozes que denunciam as explorações, que apontam os erros, desmascaram injustiças...”, unindo-se “à voz destes profetas para formarmos o grande coro do Povo de Deus a caminho da libertação”. (MJ, n. 125, mar. 1980, p. 4). Este é o cenário desta década: enxerga-se um contexto de injustiças e de dominação, diante do qual o povo, especialmente os jovens, organizam-se para mudar a realidade. A inspiração para esta forma de olhar para a realidade e para a missão do cristão, vinha das recentes mudanças ocorridas na Igreja Católica, através do Concílio Ecumênico Vaticano II (1965), da Conferência dos Bispos da América Latina em Medellín, na Colômbia (1968) e em Puebla, no

México (1979). Mundo Jovem repercute essas mudanças nas matérias publicadas neste período. A equipe de redação comenta, por exemplo, as duas opções preferenciais de Puebla, pelos pobres e pelos jovens em Mundo Jovem (n. 125, mar. 1980, p. 2-3):

A opção preferencial pelos jovens não é uma opção diferente da opção pelos pobres. Opta-se pelos jovens, porque deles, de seu ardor, de seu dinamismo, de seu sentimento de justiça, de sua insatisfação, pode surgir uma sociedade nova, a 'civilização do amor'.

A equipe, nesta época, havia mudado bastante, tendo inclusive a presença de mulheres, o que não existia antes porque o jornal era produzido basicamente por seminaristas, estudantes de Filosofia e Teologia. Em março de 1980, a equipe está assim constituída: Diretor – Ângelo Salvador; Gerente – Ireno Finckler; Editor-chefe – Tibério Vargas Ramos; Responsáveis de edição – Laurício Neumann e Vítor Edézio Borges; Auxiliares de jornal – Cláudio Somacal, Roque Bregalda, Hélio Shuster, Luiz Gambim, Pedro Gambim, Maria de Lourdes Muller, Antoninha Motta, Vilma Iochims, Nádia da Silva, Lúcia Barcelos, Síria Christ e Roberto Lanfredi; Palestras audiovisuais – Pedro Paganin.

Nesta década, o impresso Mundo Jovem estava, cada vez mais, presente em escolas públicas e privadas, orientando o seu conteúdo para o debate em sala de aula, como mostram alguns depoimentos de professores, recolhidos na comemoração de 25 anos, Mundo Jovem (n. 194, nov. 1987, p. 12-14):

Em minha Escola Pública, todos os anos, centenas de jovens lêem Mundo Jovem nas aulas de OSPB e Língua Portuguesa. Com isto, os jovens se livram daqueles livros-textos insípidos e supostamente neutros. E ganham, ao desenvolverem o senso crítico para assumir já seu papel na sociedade (Osvaldo Biz, professor e jornalista, Porto Alegre-RS).

Conheço Mundo Jovem e trabalho com ele há dez anos. É um jornal alternativo, ótimo para trabalhos didáticos, quer seja na escola, quer seja fora dela (Armando Triches Enderle, professor em Frederico Westphalen – RS, na época com 160 assinaturas).

A partir de 1972, assumimos também o Mundo Jovem como um precioso instrumento. Não para todos os lugares. Em alguns, é necessária a

conscientização mais elementar. Já chegamos a colocar 1500 assinaturas (Pe. Estevão Hubert, União da Vitória – PR. Falecido em 2007, foi um dos maiores divulgadores e colaborador do Mundo Jovem).

Mundo Jovem não significa para mim um simples jornal de idéias. É muito mais que jornal. É uma revista. Com a sucessão dos anos (de 1969 até a presente data) possui uma enciclopédia. São 18 anos de idéias novas se infiltrando em nosso mundo tão carente e interiorano... Em período de greve, de maio a julho/87, em praça pública, lemos artigos da revista de abril/87. É a revista utilizada pelos professores da área de Estudos Sociais, Fundamentos da Educação I e II, Religião... (Marina Mendes da Silva Andrade, professora e divulgadora do Mundo Jovem na cidade de São Tiago – MG).

O jornal Mundo Jovem, além de promover o debate sobre o contexto e as perspectivas da educação, passa a produzir matérias que são usadas como texto auxiliar e como conteúdo para diversas disciplinas, construindo uma outra imagem de veículo impresso, não apenas noticioso, mas também formativo e cultural. Esta imagem foi construída, sobretudo, pela interatividade com seus leitores e assinantes, através de cartas, telefone, pesquisa de opinião e visitas. Num “recado”, publicado na edição de março de 1991, o professor Adilson José Francisco, de Rondonópolis – MT, destaca algumas qualidades do Mundo Jovem: “sintético sem deixar de ser profundo foram logo identificadas pelos alunos, sem falar nos assuntos atuais e ‘polêmicos’ (expressão deles), variados e, sobretudo, questionantes. Tais qualidades fizeram com que eles procurassem a se interessar ainda mais pelo jornal e pelas aulas” (MJ, n. 222, mar. 1991, p. 23).

Na Tabela 3 a seguir, um panorama do que foi publicado no impresso nos anos 1980, uma década mudanças no país, que saía do período da ditadura militar, ingressando num período de redemocratização política, mas também um período onde ficam mais evidentes as desigualdades sociais e econômicas no Brasil e por toda a América Latina.

Tabela 3 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1980

Anos de 1980 até 1989	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Editorial	8	8	9	9	9	9	9	2	-	-
Comentário da canção	6	4	-	-	-	-	-	-	-	-
O jovem e seu meio	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Para onde vais?	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subsídios para uma política social	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Psicologia Diferencial	9	9	9	-	-	-	-	-	-	-
Página bíblica	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Teologia da juventude	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Poemas/poesias	20	21	8	4	4	2	1	7	5	11
MJ comenta	17	13	20	7	6	5	3	-	16	8
Recado dos leitores	46	57	66	62	64	77	54	65	54	55
Intergrupos	9	9	8	3	-	-	-	-	-	8
Crônicas	20	7	6	4	1	-	1	-	1	3
Orações	13	12	3	-	-	-	-	-	-	-
Retalhos da vida	19	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Política	1	1	-	-	-	-	-	-	-	6
Livros	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Música	4	-	3	-	-	-	-	-	2	-
Jogral	3	2	2	1	1	2	3	1	-	-
Entrevista	1	3	1	2	3	6	7	10	7	10
Celebração	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-
A palavra do Papa	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-
Grupos de jovens	-	9	-	-	-	-	-	5	-	-
Experiências de base	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-
O jovem e o lazer	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-
Casamento e família	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-
Os sacramentos	-	8	-	-	-	-	-	-	-	-
Saúde para todos	-	8	-	-	-	-	-	-	-	-
Canção	-	6	2	-	-	-	-	10	-	-
1981: ano intern. das pessoas defic.	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Medicina Popular	-	-	9	6	-	-	-	7	4	-
Educação	-	-	9	-	-	1	-	-	7	6
Documentos da Igreja	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-
Os mandamentos	-	-	8	-	-	-	-	-	-	-
O jovem e o evangelho	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-
Educação Política	-	-	5	6	-	-	-	-	-	-
Sociologia	-	-	8	-	-	-	-	-	-	-
Preparação para o casamento	-	-	8	-	-	-	-	-	-	-
Problemas brasileiros	-	-	5	7	7	4	-	-	-	8
Salmo	-	-	6	-	1	-	-	-	-	-
Partidos políticos brasileiros	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-
Ensaio	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Literatura	-	-	3	18	18	9	-	-	-	-
Realidade Brasileira	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Campanha da Fraternidade	-	-	-	8	8	8	6	4	-	-

Cont....

Anos de 1980 até 1989	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Geral	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-
Curtas e rápidas	-	-	-	-	-	-	-	-	30	22
Fórum de debates	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
200 anos de Champagnat	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
Páscoa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Educação religiosa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
História	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Juventude Urbana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Espiritualidade	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE – 2007.

Nesta década, embora ainda persista uma grande alternância nas séries/seções, o impresso Mundo Jovem começa a afirmar alguns temas que vão confirmar a sua identidade, como os relacionados à realidade e aos problemas brasileiros; os temas da educação e algumas disciplinas escolares; os assuntos que se referem ao universo juvenil e grupos de jovens.

Os editoriais, muito presentes na década anterior, vão deixando de ser publicados no final dos anos 1980. Um espaço de opinião, do veículo, sobre os acontecimentos da época, está na série “MJ comenta”, presente em todo este período. As seções: poemas, crônicas, jograis e recado dos leitores continuam persistentes. As “entrevistas” aparecem como uma seção do periódico, embora publique temas de diversas áreas, como educação, realidade brasileira e política.

As seções mais específicas para sala de aula, mas que ainda não estão fixas por não serem publicadas com frequência são: psicologia, literatura, filosofia, sociologia, língua portuguesa, história e educação religiosa. Alguns temas transversais, como educação sexual, moral, problemas brasileiros, educação política, comunicação e cultura brasileira, mostram a tendência do veículo em atender o universo escolar, oferecendo subsídios para o debate em sala de aula. A série “educação”, embora ainda não publicada todos os anos deste período, vai se afirmando. Nela, são abordados temas do contexto educacional brasileiro, da gestão e planejamento escolar, avaliação, evasão e sobre a missão da escola, entre outros.

Um aspecto que chama a atenção, nesta década, são as seções e temas relacionados ao contexto e à organização juvenil. Entre as razões para este destaque, estão a comemoração do “ano internacional da juventude”, 1985, promovido pela ONU, e as mobilizações dos jovens brasileiros em torno do processo constituinte e da Constituição de 1988.

Ainda embalados pelos novos ventos da democracia, após a ditadura militar, e sob as perspectivas de aplicação da nova constituição, os jovens brasileiros entram na década de 1990 dispostos a lutar por um novo país (ANEXO G). As mobilizações pelo *impeachment* do presidente eleito Fernando Collor, em 1992, coloriram o país, em grandes eventos contra a corrupção. O jornal “Mundo Jovem” repercute estes acontecimentos. Na opinião de Guareschi (1992, p. 13):

Os fatos ocorridos ultimamente parecem indicar que alguma coisa nova está acontecendo no Brasil. Houve a derrubada de um presidente. E não foi derrubado pelas baionetas ou por golpe, mas pela mobilização popular. Isso é raro ocorrer. Mas dá esperança e força ao povo, às organizações populares que querem mudar a sociedade, afirmando a democracia.

Neste período, Mundo Jovem segue sua missão de um veículo que denuncia as injustiças e afirma a cidadania. Conforme o expediente da edição de março de 1990, a primeira da nova década, a equipe do impresso tivera várias alterações: diretor – Pe. Zeno Hastenteufel; responsável de edição – Laurício Neumann; equipe responsável – André Lauro Birck, Luiz Gambim, Lúcia Maria Oliveira, Nilva Costella, Moacir Turmina, Jorge Alvício Teixeira, Neli Maria Teixeira, Adélia Mugnol, Sérgio Antonio Kumpfer, Arnaldo Batista dos Santos e Pedro Paganin. Até outubro de 1995, edição 265, Mundo Jovem contava com a supervisão técnica da Faculdade dos Meios de Comunicação – FAMECOS. A partir da edição seguinte, o periódico segue, com a orientação da Faculdade de Teologia da PUCRS. Na Tabela 4 abaixo, a amostragem do que foi publicado no jornal Mundo Jovem nesta década. Os temas de educação e os assuntos a serem estudados e debatidos em sala de aula ganham mais espaço, pois o veículo descobre na escola o seu público-alvo preferencial.

Tabela 4 - Séries/Seções - Jornal Mundo Jovem - Anos 1990

Anos de 1990 até 1999	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Educação	6	6	8	9	9	9	10	9	9	8
Mulher	8	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Moral	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juventude Estudantil	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Movimentos Populares	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Psicologia	7	7	11	9	7	7	10	9	9	9
Sexualidade	8	6	9	8	7	6	11	10	9	9
Filosofia	9	6	9	-	9	9	9	9	9	9
Comunicação	2	-	9	6	8	3	7	-	9	-
Política	7	7	13	11	10	8	8	9	9	9
Sociologia	7	6	-	9	8	5	7	-	-	8
Religiões	9	-	-	8	-	-	-	-	-	-
200 anos de Champagnat	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Festas religiosas	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bíblia	9	-	-	3	-	8	9	9	8	9
Culturas	11	9	5	9	3	20	4	1	-	-
Fórum de debates	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Poemas/Poesias	19	20	-	15	24	24	40	41	47	1
Mártires da Terra	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-
Jogral	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Excluídos	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-
Língua Portuguesa	-	-	-	-	-	9	9	9	-	9
Datas comemorativas	-	-	-	-	-	11	11	12	20	13
Notas e notícias	-	-	-	-	-	61	-	-	-	-
Espiritualidade	-	-	-	-	-	-	8	9	10	9
Quem fez história	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-
Página do leitor	-	-	-	-	-	-	49	47	47	-
Recado Marista	-	-	-	-	-	-	4	9	2	-
Cultura religiosa	-	-	-	-	-	-	-	9	-	-
Arte e cultura	-	-	-	-	-	-	-	15	-	-
Esporte	-	-	-	-	-	-	-	7	-	-
Vida e saúde	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-
Realidade brasileira	-	-	-	-	-	-	-	-	8	9
Ensino Religioso	-	-	-	-	-	-	-	-	9	9
Dinâmicas	-	-	-	-	-	-	-	1	4	6
Geografia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
Religião	-	5	7	-	9	9	-	-	-	-
Poemas/Crônicas	-	-	16	-	-	-	-	-	-	-
História da América	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Economia	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-
Denúncias	-	-	55	-	-	-	-	-	-	-
Agitação jovem	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-
Ecologia	-	-	9	-	7	-	9	-	9	9
Direitos Humanos	-	-	-	6	8	-	-	-	-	-
Jovem na Bíblia	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-

Cont....

Anos de 1990 até 1999	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Saúde	-	-	-	9	7	6	8	10	-	-
Literatura	-	-	-	10	-	-	-	-	7	-
Curtas e dicas	31	29	-	68	62	10	-	82	61	85
Novidades	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-
Champagnat acontece hoje	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-
Mártires	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-
Drogas	-	-	-	-	5	7	8	6	9	8
Família	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-
Eleições 90	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Recados	31	59	51	53	44	65	-	-	-	-
Problemas brasileiros	6	9	8	9	8	9	10	8	2	-
Entrevista	7	10	1	-	-	-	-	-	-	-
Problemas da juventude	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comunicação inter-grupos	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Experiência	7	-	10	-	-	-	-	-	-	-
Trabalho	8	8	-	-	-	-	-	-	-	-
Organizações civis	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-
Organização sindical	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-
História	-	9	6	-	-	9	-	-	9	9
História da Igreja	-	9	9	-	-	-	-	-	-	-
Champagnat	-	6	9	-	5	9	3	-	-	-
Juventude/Jovens	-	7	8	7	9	9	9	11	9	9
Movimento Operário	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Celebração	-	1	-	9	-	1	1	-	-	-

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE, 2007.

A década de 1990 representa a opção definitiva do jornal Mundo Jovem pela educação. O impresso passa a direcionar a sua produção, debates e interlocução para o universo escolar. Os editoriais são extintos. A série “educação” é publicada todos os anos e praticamente todos os meses, debatendo os temas de ensino-aprendizagem, contexto e políticas, entre outros assuntos que envolvem as escolas. Entre as disciplinas que vão se afirmando como seções publicadas praticamente todos os meses e anos deste período, estão: filosofia, psicologia, sociologia, língua portuguesa e/ou literatura, ensino religioso (religião, religiões), história. Geografia passa a ser publicada somente a partir de 1999.

Outros temas, considerados transversais na educação, vão ganhando espaço e permanência como seções do periódico. São eles: sexualidade,

comunicação, política, culturas, esporte e saúde, realidade e problemas brasileiros, ecologia, drogas, direitos humanos, trabalho.

Por estar situado na PUCRS, de orientação marista, Mundo Jovem abriu espaço para artigos e informações dos grupos e escolas maristas. A seção marista teve os nomes: “200 anos de Champagnat”, depois “Champagnat Acontece”, “Champagnat” e, por último, “Recado Marista”.

Os temas especificamente eclesiais, da espiritualidade cristã e católica, em décadas anteriores predominantes no impresso, vão ficando com espaço mais reduzido e com fisionomia própria, em séries como: história da Igreja, celebrações, bíblia e espiritualidade. A série jovens e/ou juventude também é direcionada a assuntos da organização em grupos e pastoral da juventude. As mobilizações “Fora Collor” e a Campanha da Fraternidade “Juventude, caminho aberto” levantam inúmeras questões sobre o mundo e a organização juvenil. Permanecem os poemas, os recados ou a página do leitor. A série “curtas e dicas” trazia notícias e indicações de livros, filmes e outros subsídios úteis aos leitores. Surgem as séries “datas comemorativas” e “dinâmicas”, com informações e atividades para comemoração de datas especiais e para a dinamização de grupos e das aulas.

Na entrada do novo milênio, (ANEXO H) no jornal Mundo Jovem, o tempo não é de grandes mudanças, restritas à diagramação e apresentação do periódico, mas de afirmação da identidade de um veículo de comunicação para a educação. Na equipe, a alteração de alguns membros, ficando com a seguinte composição, em fevereiro de 2000, edição 265: diretor – Pe. Geraldo Hackmann; Vice-diretor – Pe. Zeno Hastenteufel; Editor – Camilo Simon; Equipe Responsável – Pedro Paganin, Luiz Gambim, Lúcia Barcelos, Moacir Turmina, André Birck, Maria Isabel Teixeira, Ângela Barcelos, Francisco Machado da Cruz, Emerson Freitas, Rui Antônio de Souza, Márcia Oliveira, Amarildo Ferrari e Cristiano Aquiles da Silva. A partir deste número, 303, o impresso passa a ter dez edições ao ano devido à ampliação do calendário escolar e dos dias letivos, um sinal ainda mais evidente de que o veículo fizera uma opção pelo público das escolas, os professores e estudantes, especialmente do Ensino Médio. Sobre este direcionamento para o mundo da educação, pode-se ver na tabela a seguir, que mostra as Seções/Séries do jornal de 2000 a 2005.

Tabela 5 - Seções/Séries do jornal de 2000 a 2005

Anos de 2000 até 2005	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Educação	10	10	9	10	10	12
Juventude	11	14	11	13	11	10
Estudante	10	-	-	-	-	-
Dinâmica	13	4	5	7	9	7
Sexualidade	8	-	-	5	2	-
Psicologia	11	10	10	10	11	11
Língua e Literatura	13	7	14	10	10	9
História	10	11	10	10	10	11
Política e Cidadania	10	10	10	10	10	10
Realidade Brasileira	10	10	10	10	10	12
Ensino Religioso	10	10	10	10	11	13
Pais e Filhos	10	-	10	10	-	10
Filosofia	10	10	10	10	8	10
Vida e Saúde	9	-	-	-	-	-
Século 21	10	-	-	-	-	-
Espiritualidade	10	-	-	11	10	-
Bíblia	10	-	10	10	-	-
Variedades	54	56	-	-	-	-
Página do Leitor	73	69	-	-	-	-
Comunicação	-	11	-	-	-	-
Sociologia	-	10	10	11	-	-
Geografia	-	10	10	10	10	11
Drogas	-	10	-	-	-	-
Doutrina Social	-	10	-	-	-	-
Religião	-	10	9	-	-	-
Ecologia e Saúde	-	10	-	-	-	-
Arte e Cultura	-	12	-	-	-	10
Ciências	-	-	10	-	-	-
Economia	-	-	10	-	-	-
Esporte e Saúde	-	-	10	-	-	-
Datas Comemorativas	-	-	16	15	13	15
Dos Leitores	-	-	71	80	75	77
Música	-	-	10	-	-	4
Bioética	-	-	-	11	-	-
Desafios	-	-	-	10	-	-
Curtas e Dicas	-	-	-	48	41	57
Saúde	-	-	-	5	6	10
Matemática	-	-	-	-	10	-
Educação Física	-	-	-	-	10	-
Profissões	-	-	-	-	9	-
Sexualidade e Saúde	-	-	-	-	2	-
Religiões	-	-	-	-	10	-
Cultura da Paz	-	-	-	-	-	11
Religião e Espiritualidade	-	-	-	-	-	10
Aos Leitores	-	-	-	-	-	5
Ecologia	-	-	-	-	10	9

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE, 2007.

A organização das séries/seções, nestes anos da década de 2000, mostram que a opção por algumas seções já se torna bem freqüente e sistemática. Alguns

temas, como: educação, política e cidadania, realidade brasileira, juventude estão presentes em todos os anos. Também algumas disciplinas tornaram-se permanentes, como: psicologia, língua e literatura, história, geografia, filosofia e ensino religioso. A seção de geografia é a novidade neste grupo. Outras disciplinas, embora não se afirmem como seções do periódico, recebem a atenção e a publicação de matérias, como: matemática, ciências e educação física. Outros temas, como ecologia, bioética, pais e filhos e cultura da paz também são abordados como preocupações que emergem com a entrada no século XXI. Uma seção que vai ganhando destaque é a das “dinâmicas”, devido à solicitação dos professores, principalmente, por instrumentos que facilitem o ensino e a abordagem dos conteúdos e a participação dos alunos, como diz o artigo “a dinâmica promove a participação”, de Perpétuo e Gonçalves (1992, p. 2):

A dinâmica de grupo constitui um valioso instrumento educacional que pode ser utilizado para trabalhar o ensino-aprendizagem quando opta-se por uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria como a prática e considera todos os envolvidos neste processo como sujeitos.

A primeira edição de Mundo Jovem no novo milênio, apresenta como título da capa “Incluir os excluídos, nosso desafio maior”, (cf. ANEXO H) sinalizando mais uma vez a opção do periódico por temas que enfrentam a realidade mais urgente. Também na educação, o desafio é incluir muitas crianças sem acesso à escola ou excluídas dentro do próprio sistema de ensino que não inclui a vida com seus anseios e problemas. A educação ganha o reforço da transversalidade e da transdisciplinaridade, com uma variedade de temas que são abordados no Mundo Jovem neste período. São estas abordagens, visões e paradigmas da educação, publicadas neste periódico, que esta dissertação pretende analisar.

1.2 O MUNDO JOVEM SE DISTINGUE

Como a história mostra, o Mundo Jovem é uma revista, destinada aos grupos de jovens e às escolas, professores e estudantes, como instrumento de complementação das disciplinas curriculares, servindo à promoção do debate em

sala de aula e no mundo da educação. É uma revista, pois reúne vários assuntos e os apresenta em artigos curtos, entrevistas, comentários, crônicas, poesias, enfim, conforme a variedade que caracteriza este tipo de meio impresso de comunicação.

Também, nos temas que aborda, sem o imediatismo da imprensa diária, permite o aprofundamento e garante a durabilidade do impresso, como fonte de pesquisa e debate mais permanente. Como uma revista, com periodicidade mensal, Mundo Jovem também precisa, conforme Scalzo (2004, p. 21), “desenvolver uma natureza diferente, mais afastada do noticiário, mais preocupada em buscar caminhos alternativos, a encontrar sua própria função, seu público e sua linguagem”.

Mundo Jovem buscou sua distinção, acima de tudo, pelo conteúdo. A partir da edição número 249, março de 1994, passa a usar o slogan “um jornal de idéias”, que permanece até hoje. Não foi possível identificar como surgiu este slogan, mas já era usado em anos anteriores, como na carta da leitora Marina Mendes da Silva Andrade, já citada, de novembro de 1987. Como foi dito, o jornal Mundo Jovem têm algumas singularidades que o distinguem de outros meios impressos, seja jornais ou revistas:

- O boletim **Informações Vocacionais**, que deu origem ao **Mundo Jovem**, nasceu em março de 1963, vésperas do golpe de 1964, que implantou, durante 21 anos, o regime militar no Brasil. Conforme Pedroso (2001, p. 25):

O golpe de Estado, de 1964, representou um novo marco na história da imprensa, não só porque, novamente, mudanças foram provocadas na forma de apresentação da informação jornalística, em função da censura, mas porque provocou o aparecimento da imprensa alternativa ou de resistência ao cerceamento da liberdade de expressão.

- O primeiro “Mundo Jovem” circulou em outubro de 1967, vésperas do Ato Institucional nº 5 que, em 1968, introduziu a censura à imprensa;
- O jornal “Mundo Jovem” nasceu e cresceu num contexto de conflitos internos e externos e de pressões que, seguramente, podemos apontar como variáveis e, que interferiram nos rumos da história do jornal, como

relata Ireno Finckler (1987, p. 10), em depoimento na comemoração de 25 anos do “Mundo Jovem”:

Por quase 20 anos acompanhei Mundo Jovem, trabalhando como que numa trincheira. Vinha pressão de tudo que era lado. Quando não eram problemas financeiros e orçamentários, era a ala conservadora da Igreja querendo segurar ou empurrar o Mundo Jovem para trás. Somente quem teve ligação direta com Mundo Jovem, como eu, sabe a perseguição que sofremos durante todos estes anos.

Porém, o veículo também soube adaptar-se às novas realidades, participando das mudanças que foram acontecendo no decorrer de sua história;

- Até 1971, o jornal “Mundo Jovem” tinha duas fontes de receita: a venda de assinaturas e a venda de espaços publicitários. Há registros e depoimentos de assinantes, através de correspondências, posicionando-se contrariamente à venda do espaço publicitário no Mundo Jovem. De 1972 em diante, foi suprimida a venda de propagandas, sob a justificativa de que esta prática comprometia a linha editorial do jornal;
- “Lançai as Redes”, precursor do jornal “Mundo Jovem”, marcou época pelo seu conteúdo, sua orientação vocacional humana e cristã e pelo idealismo de todos os seus componentes, trabalhando sem vínculo empregatício e sem remuneração. “A carteira de trabalho de todos quantos passaram pelo MJ nestes anos foi o próprio jornal, como documento de que é possível perseverar pelo idealismo”, dizia Laurício Neumann na edição comemorativa número 100;
- Para Laurício Neumann, um dos redatores da época, tudo indica “que se trata de um jornal que foge às características tradicionais da grande imprensa, que visa ao lucro e que sobrevive às custas da venda de publicidade” (1986, p. 24). Mundo Jovem, desde esse período, sobrevive exclusivamente da venda de assinaturas. Diz ainda Neumann, no editorial de dezembro de 1976: “aqui não há participação de lucros, não há capital de giro. Para ser mais claro, nossos objetivos transpõem todos os resultados econômicos, sem ignorar que estes também são importantes para continuar fazendo um bom jornal” (MJ, n. 97, dez. 1976, p. 4);

- Outro elemento decisivo para o crescimento do Mundo Jovem é uma atitude de escuta diante dos anseios dos jovens e da educação, criando mecanismos de interlocução que identificam o enunciador com os seus destinatários. Todos os anos, por exemplo, a equipe responsável pelo impresso realiza uma pesquisa de opinião sobre as matérias publicadas e outros aspectos da revista, pedindo também sugestões para o ano seguinte. Este é um aspecto importante, pois, segundo Scalzo, “a escolha da pauta é meio caminho andado em direção ao sucesso” (2004, p. 65). Melhor ainda, quando esta pauta é escolhida junto com os leitores;
- Na venda do jornal, outra peculiaridade, a assinatura em grupo, ou seja, um “representante” voluntariamente assume a tarefa de formar um grupo, recolher o dinheiro, enviá-lo para o jornal, receber e distribuir as assinaturas que chegam ao seu endereço. Dizia-se no editorial de novembro de 1985: “E aí está o nosso grande segredo, em que um número considerável de leitores se torna também divulgador de Mundo Jovem. Quase podemos dizer que hoje temos 120 mil agentes espalhados por todo o Brasil” (MJ, n. 178, nov. 1985, p. 4);
- Enquanto a grande imprensa mantém um grupo de cronistas pagos, ou um sistema de matérias avulsas também pagas, o Mundo Jovem mantém uma rede de escritores-colaboradores, em várias áreas do conhecimento, sem remuneração alguma. Este vínculo, possivelmente, evidencia a identificação dos colaboradores com uma proposta de jornalismo diferenciada;
- Mundo Jovem caracteriza-se, atualmente, pela produção de textos/matérias: artigos, entrevistas, crônicas, poemas, comentários, dinâmicas, como subsídio complementar para diversas disciplinas do Ensino Médio e como instrumento pedagógico para os professores, conforme resume o depoimento de Oliveira (1991, p. 23):

Sou professor e quero parabenizar a equipe do Mundo Jovem por elaborar um jornal sob medida para o professor se atualizar. Divulga experiências de educadores, bem sucedidas, debate questões pedagógicas, faz reflexões sobre temas da realidade e traz ótimas informações que auxiliam e facilitam

o trabalho do educador. É um canal de comunicação entre pessoas de todo o país, pois divulga tudo o que de mais importante e moderno se passa no mundo da educação geral.

Por isso, Mundo Jovem assume uma comunicação voltada à educação, o que leva à necessidade de uma pesquisa que busque os motivos do seu crescimento dentro do contexto social brasileiro, os motivos da sua aceitação no meio escolar e da juventude, como também a sua linha editorial e a sua proposta educacional.

1.3 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO NO MUNDO JOVEM

Todo paradigma de educação está mergulhado numa cultura. Por isso, abarca valores e interesses comuns que caracterizam o comportamento de seus componentes em relação ao seu ambiente. A educação brasileira, nos períodos em que Mundo Jovem foi produzido, tem sido marcada por tendências liberais, ora conservadora, ora renovada (“escola nova”), mesmo que em certos momentos ou em experiências localizadas, haja uma abordagem crítica e libertadora.

A idéia da educação como um direito do cidadão, e não como um privilégio de poucos, nasce vinculada à perspectiva estratégica dos estados-nação, na Europa moderna. A escola passa a ser vista como um elemento integrador, um local que a sociedade oferece às crianças e aos jovens, particularmente aos marginalizados, para que eles realizem um direito subjetivo, relacionado com o processo de inserção do indivíduo numa coletividade. Decorrem daí, para Saviani (1999, p. 15), diferentes teorias da educação:

Grosso modo, podemos dizer que, no que diz respeito à questão da marginalidade, as teorias educacionais podem ser classificadas em dois grupos. Num primeiro grupo, temos aquelas teorias que entendem ser a educação um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade. Num segundo grupo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização.

O Brasil demorou muito para assimilar o ideário de generalização do acesso à escola. Por muito tempo, a educação permaneceu como assunto de poucos. O sistema nacional de educação só começa a formar-se na década de 1930, dentro de uma perspectiva clássica de criar um espaço de socialização do conhecimento e da cultura. Com o tempo vai mudando. Já na década de 1940, passa-se a atrelar educação com desenvolvimento econômico, pois a modernização do país pedia a formação de gente tecnicamente habilitada. Nessa época, cria-se uma escola técnica federal em cada estado e o chamado “sistema S” (Senai e Senac), constituindo uma rede de formação paralela à das escolas generalistas. Nas décadas de 1950 e início dos anos 1960, houve um grande movimento na educação brasileira. Paulo Freire foi convidado pelo governo do presidente João Goulart para coordenar uma campanha de alfabetização de adultos, em 1963, tornando-se conhecido no país. “Tornei-me mais consciente dos limites da educação na transformação política da sociedade, depois do golpe de 64” (FREIRE, 1986, p. 44).

Numa entrevista para o jornal Mundo Jovem, Kronbauer (1988, p. 12-13), analisa este movimento organizado por Paulo Freire:

Os projetos de alfabetização ajudaram a animar o povo, a despertá-lo e a incentivar a sindicalização e a organização de movimentos reivindicatórios. Era assustador o crescimento da consciência do povo e, em troca do seu apoio, o governo populista do Jango apoiou o projeto (...) Paulo Freire e tantos outros que se colocaram junto do povo, eram cada vez mais odiados pela classe dominante. E deu no que deu. Veio 64: a ditadura contra o povo; a guerra do exército contra as organizações populares e o terrorismo cultural: perseguições, prisões, expulsões e assassinatos.

A partir do golpe militar prevalece a idéia de que a educação é a chave para o desenvolvimento. Essa idéia é redefinida pelos governos militares, que falavam em construir o “Brasil - Potência”, através da industrialização e conseqüente urbanização. Nesta perspectiva, os militares promovem duas reformas educacionais. Na primeira, em 1968, havia o problema dos chamados excedentes, ou seja, alunos que conseguiam pontos suficientes para passar nos exames vestibulares, mas não encontravam vagas nas universidades, até então essencialmente públicas. Por isso, o governo estimulou a multiplicação de faculdades privadas, invertendo, em pouco tempo, a proporção de vagas. A segunda reforma, em 1971, subordinava

explicitamente a educação às necessidades do desenvolvimento econômico. Diferentemente da tradição clássica, que vê a educação como um direito subjetivo, essa lei propunha criar uma escola planejada para ser cursada pelos pobres, somente até o quinto ano, pois precisavam entrar, precocemente, no mercado de trabalho. Houve resistência da sociedade, sucedendo-se várias reformas sobre a recente reforma.

Na perspectiva tradicional, predominante até este período, a pedagogia privilegia o ensino de cultura geral sem relação com o cotidiano do aluno, dando predominância à palavra do professor, ao cultivo intelectual. A aprendizagem é passiva e mecânica. Em contraposição à educação tradicional, emergiu a educação liberal renovada, que acentua o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais, valorizando o auto-conhecimento. Para Luckesi (1992, p. 64), no entanto,

Tanto a educação tradicional, denominada bancária – que visa apenas depositar informações para o aluno – quanto a educação renovada – que pretendia uma libertação psicológica individual – são domesticadoras, pois em nada contribuem para desvelar a realidade de opressão.

Numa perspectiva liberal tecnicista, cabe à escola criar condições para que os sujeitos se integrem na máquina do sistema social, adquirindo habilidades e conhecimentos específicos, dentro de um sistema funcional. Seu objetivo é formar sujeitos competentes para o mercado de trabalho, valorizando a pesquisa científica, a tecnologia educacional e a análise experimental. Na sala de aula, o professor transmite o conteúdo, visando um resultado eficiente, e o aluno se esforça para fixar as informações. Ambos são espectadores diante de uma verdade supostamente objetiva. Essa escola surge, sobretudo, no Brasil, na segunda metade dos anos 1950, sendo efetivamente aplicada no final dos anos 1960, com o objetivo de adequar a escola ao regime militar. Nessa época, em que foram instituídas as leis 5540/68, que reformou o ensino superior, e a lei 5692/71, que reorganizou o ensino superior e de primeiro e segundo graus, trazendo muitos questionamentos para a educação, Mundo Jovem (n. 78, nov. 1974, p. 4) repercute no editorial:

Toda esta nova filosofia que envolve a nossa sociedade, colocou em crise toda gama de valores da educação, com seus métodos, meios e conteúdos. Até mesmo o papel do professor é questionado. Tudo isso, indica que a educação não está atendendo às necessidades do atual sistema de profissionalização e humanização. É por isso que a educação tornou-se uma das metas prioritárias da política do desenvolvimento. Aconteceu a Reforma Universitária, a reforma do 1º e 2º grau, o plano de carreira do Magistério. Tudo como uma nova experiência de ensino, e por isso discutível.

Naquele contexto, de ditadura militar, o veículo assume o seu papel, ao dizer que a nova legislação, com as mudanças que acarretava, era “discutível”, ou seja, precisava ser debatida e experimentada pelos envolvidos, os educadores, pais, alunos e toda a comunidade escolar. A edição número 86, do jornal Mundo Jovem, de outubro de 1975, é uma edição especial³ sobre o ensino e o mercado de trabalho. No editorial, a equipe comenta no MJ (n. 86, out. 1975, p. 4):

A equipe Mundo Jovem pensou com muita seriedade esta edição, destacando a situação do ensino no Brasil; a qualificação profissional; o mercado de trabalho; a distribuição dos profissionais; o papel do professor; a Reforma de Ensino e suas conseqüências... e outros artigos abordando a realidade educacional brasileira.

O debate sobre a educação ganha força nos anos 1980. A transição para a democracia proporcionou uma fecunda troca de idéias. Debateu-se intensamente a democratização do conhecimento, da escola e do financiamento. Diminuiu o enfoque economicista e surgiram outros projetos. Por exemplo, a Constituição de 1988 assegurou direitos educacionais a crianças de zero a seis anos e sinalizou na direção de uma educação não reducionista nem dualista. Volta-se para uma educação básica generalista e de uma escola unitária, capaz de sintetizar a diversidade, garantindo um padrão para todos. Diz o artigo 205, da Constituição Brasileira (1988):

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

³ Na análise discursiva (Capítulo 3), dois artigos desta edição serão analisados.

Todos, portanto, sem qualquer distinção, têm direito à educação escolar. Conforme a legislação, a escola tanto tem como tarefa a preparação para um trabalho futuro, como também a reflexão em torno da situação presente da criança e do jovem, em todas as dimensões do desenvolvimento humano e social, valorizando a relação com a prática, com a capacidade de lidar com a complexidade do dia e de refletir sobre as situações que se apresentam.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, a Lei 9.394/96, que concretizaria as conquistas da nova Constituição, democratizando o acesso à escola, começa a ser elaborada no início dos anos 1990. Porém, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, a proposta educacional da Constituição foi abandonada em nome da adaptação de seus conteúdos e aspectos organizacionais, à globalização e à reestruturação produtiva. Concebe-se uma educação voltada para desenvolver competências específicas, tendo em vista criar indivíduos empregáveis, segundo as necessidades do mercado. Troca-se, inclusive, o conceito de emprego, que remete a um universo social, pelo de empregabilidade, que remete ao indivíduo, assumindo uma perspectiva desintegradora. “Estas concepções e políticas não estariam formando os cidadãos passivos, não mais trabalhadores, mas colaboradores, déspotas de si mesmo em nome da produtividade e competitividade, empregabilidade, reconversão, etc.?” (FRIGOTTO, 1998, p. 46).

Foi com outra perspectiva que nasceu, nos anos 1950, a pedagogia crítico-libertadora, tendo Paulo Freire como seu maior expoente. Essa pedagogia implica maior trabalho extra-escolar, principalmente na educação de jovens e adultos. O conhecimento, neste paradigma da educação, é elaborado através de relações de transformação entre o ser humano e o mundo. O professor caminha junto com os alunos, num processo de interação, em permanente diálogo. Em agosto de 1982 (n. 148, p. 11), Mundo Jovem publica o texto “As idéias sociais do educador Paulo Freire”, apresentado como “síntese do debate realizado com Paulo Freire na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”. Neste texto fica clara a sua proposta pedagógica:

A educação popular se dá enquanto acontece o processo de mobilização e de organização de seu povo, que pensa, reflete, questiona e analisa a sua realidade de forma participativa e cooperativa, preservando sempre as suas raízes culturais. É o contrário da educação brasileira que continua bancária

(onde um fala e os outros escutam), passiva, desinteressada, alheia à realidade e que será transformada na medida em que nosso povo, pela mobilização e organização, conseguir quebrar as estruturas opressoras da sociedade, das quais a educação bancária é apenas um reflexo.

O método de alfabetização de Paulo Freire tinha como objetivo a conscientização, onde cada pessoa tem o direito de descobrir-se sujeito no processo histórico. De modo simples, Paulo Freire falava que a descoberta acontece quando o trabalhador descobre que a ordem das coisas não é natural e imutável, mas que o mundo é criado pelos seres humanos e que produz tudo são os trabalhadores, a maioria da população. Este método, aplicado nos chamados “Círculos de Cultura”, tinha grande efeito na educação popular por ser um método vivencial e prático. Enquanto os participantes aprendiam a ler e a escrever, o mundo e a vida ganhavam outro significado. Segundo Kronbauer (1988, p. 12-13):

O método foi elaborado para adultos. Seria eficiente também para a alfabetização das crianças. Mas a sua aplicação está impedida nas escolas oficiais, porque aí não há educação, há apenas ensino... Um ensino que está a serviço da classe dominante.

As concepções de Paulo Freire estão orientadas pela idéia-força de que a pessoa humana chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, e sobre o contexto sócio-histórico em que está inserida. Fora disso, não há educação, mas ensino e domesticação.

Numa análise histórica da instituição escolar, podemos compreender a sua evolução. Os séculos XVI e XVII, por exemplo, foram marcados pela inquietação em explicar o mundo através das certezas da ciência emergente. Neste contexto, o filósofo René Descartes criou o método da dúvida ou a “dúvida metódica”. Essa forma de pensar influenciou a concepção de ensino que surgiu junto com a escola pública. Para Moraes (2004, p. 43), o aparecimento das disciplinas foi a invenção mais fundamental da ciência moderna, dando origem ao afastamento da realidade. A autora é contundente na crítica a essa forma de pensamento:

Criticamos a excessiva ênfase dada ao método cartesiano que impregnou fortemente o paradigma dominante da ciência moderna que, com o passar dos séculos, provocou a fragmentação de nosso pensamento, a

unilateralidade de nossa visão. Levou-nos, também, a uma concepção de vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, à crença no progresso material ilimitado a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico. Direcionou a nossa educação à supervalorização de determinadas disciplinas acadêmicas, à superespecialização, uma vez que todos os fenômenos complexos, para serem compreendidos, necessitam ser reduzidos às suas partes constituintes.

Nesse contexto, a escola, com o advento da Revolução Industrial, no século XVI, teve um papel relevante, tanto no processo de inculcação ideológica, quanto na disciplinação para o trabalho. Posteriormente, soma-se a isso, a influência do positivismo, que imprimiu na escola a idéia de um conhecimento objetivo, que pode ser medido, experimentado e fragmentado. As conseqüências dessa evolução são percebidas até hoje, na disjunção do conhecimento em relação à vida e à sociedade, promovida pela fragmentação do próprio conhecimento investigado.

Hoje, muitos pensadores da educação propõem transformar a escola em um espaço interdisciplinar, sobretudo pelo fato de estarmos vivendo a era da informação, com as suas contradições e paradoxos, para os quais a escola já não consegue encontrar respostas. A aplicação de novos conhecimentos no campo da pedagogia exige um repensar a estrutura escolar, visando o resgate da inteireza e unidade do ser humano. A escola tem, portanto, um novo papel social: o de construir uma nova relação com o conhecimento, uma “pedagogia reflexiva” que, segundo Moraes (2004, p. 27):

Envolve um pensamento mais complexo, que já não pode ser linear, reducionista e fragmentado, mas que respeita a multidimensionalidade do real, que abarca, como sinaliza Morin, os aspectos sociais, históricos, ecológicos, além dos cerebrais. É um pensamento que busca a totalidade, as interações, a integração para o encontro de soluções para os problemas e os desafios apresentados em nosso dia-a-dia.

Moraes identifica alguns problemas da educação brasileira, para os quais, a busca de soluções requer “uma visão sistêmica, uma percepção da complexidade da realidade a ser transformada” (2004, p. 14) e uma revisão nas metodologias de ensinar e aprender. São eles: - precária organização dos sistemas de ensino nos estados da Federação; a aprendizagem não é o foco central da escola; insatisfação de pais e alunos; profissionais desmotivados e sem qualificação necessária. O jornal

Mundo Jovem repercute essas inquietações em suas matérias, trazendo como acento na sua história, a preocupação com os contextos sociais, políticos e culturais em que a educação é realizada. Mais ainda, Mundo Jovem, através do texto de Hack (1985, p. 14), conclama:

Os jovens precisam participar de seu processo educativo, caso contrário serão apenas domesticados e treinados para servir aos donos do poder. Só um sistema escolar que favoreça a participação dos jovens desenvolve a criatividade. Se nesses anos passados o Brasil tivesse favorecido a participação e a criatividade de seus milhões de jovens, já teria superado essa gigantesca crise que está destruindo, dia a dia, a dignidade humana de mais da metade da população brasileira, obrigada a viver de forma sub-humana.

Hoje, transformar a escola em um espaço interdisciplinar tornou-se uma necessidade, pois a revolução da informação, com suas contradições e paradoxos, não comporta mais uma escola gestada nos ambientes da revolução industrial e do iluminismo. O trabalho interdisciplinar visa uma pedagogia aberta que congrega atitudes de reflexão, crítica, de diálogo e transformação. No entanto, apesar dos inúmeros debates sobre interdisciplinaridade, os avanços são poucos. Nas práticas pedagógicas predomina o trabalho fragmentado, com uma visível delimitação de fronteiras entre os componentes curriculares. Em geral, os professores estão acostumados ao trabalho especializado, que conduz a uma compreensão de partes e dificulta a compreensão. A interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, por outro lado, propõe caminhos para superar o particularismo e alcançar a totalidade do conhecimento.

A dinamização do processo de aprendizagem exige dupla atenção do professor, pois, além de ensinar, precisa aprender o que seu aluno já construiu até o momento, como condição prévia para aprendizagens futuras. Trata-se, assim, de construir o mundo que se quer, e não de reproduzir o mundo os outros construíram para eles. Uma proposta pedagógica dimensionada pelo futuro que se vislumbra, deve ser construída sob o poder da criação humana.

Nesta perspectiva, o jornal Mundo Jovem assume e comunica o paradigma crítico, exercendo uma proposta diferenciada de jornalismo cultural, que faz pensar e

refletir sobre a realidade, e não apenas reproduz e transmite uma cultura elitizada. Na realidade atual, de fragmentação da informação, o veículo impresso precisa tomar uma posição, elevando o nível cultural da população e não transformando as pessoas em meros espectadores. Através do diálogo pode acontecer a troca de informações e o intercâmbio que oportuniza, tanto o repensar de conceitos fechados e conclusivos, como a busca alternativas e novas proposições para a educação contemporânea. Especialmente hoje, a formação humana, baseada na comunicação social do conhecimento e na reflexão sobre a ação construtora da história, exige que a educação, a comunicação e a cultura apareçam como componentes inseparáveis e complementares do mesmo processo. Os impressos (jornais e revistas), pela sua própria natureza interdisciplinar, onde os assuntos constituem as diversas seções, e a redação é integrada através de argumentos adequados, de compreensão mais objetiva, podem ser instrumentos que provocam os jovens ao aprofundamento de seus conhecimentos e interesses. Nesse sentido, a produção, a veiculação e o debate dos temas do universo da educação, contribuem com a prática pedagógica. Em cada década, o impresso Mundo Jovem levava aos leitores novos temas e novas formas de abordagem, como revela a tabela, a seguir:

Tabela 6 - Artigos de Educação (Anos 1960 / 1970 / 1980 / 1990 / 2000)

ANOS	1960	1970	1980	1990	2000
Ensino-aprendizagem	-	1	3	6	5
Currículo	-	-	3	1	2
Professor/pedagogia	1	3	3	8	4
Universidade/vestibular	-	1	1	7	4
Trabalho (luta, greve)	-	1	1	-	-
Alfabetização e analfabetismo	-	2	1	3	1
Estudantes/alunos	-	1	1	3	1
Gestão e planejamento escolar	-	-	5	-	1
Paulo Freire	-	-	2	-	-
Avaliação/evasão	-	-	4	10	2
Filosofia da educação - educar para quê?	-	1	2	-	3
Educação rural	-	-	3	1	1
Contexto da educação brasileira	-	3	5	3	7
Livro didático	-	-	3	1	-
Educação popular	-	-	2	1	-
Metodologia/pesquisa	-	-	2	2	2
Orientação profissional/ensino profissionalizante	-	2	1	1	1
Educação e meios de comunicação	-	1	1	-	1
Educação e novas tecnologias	-	-	1	4	6
Escola/estudo	-	1	1	4	4
Escola, democracia e diálogo	-	-	2	2	1
Juventude e educação	-	-	1	-	1
Orientação educacional	-	-	-	-	1
Disciplina/indisciplina	-	-	-	1	4
Ensino médio	-	-	-	3	-
Construtivismo	-	-	-	3	-
Relação professor-aluno (autoridade)	-	-	-	1	1
Interdisciplinaridade	-	-	-	1	2
Qualidade da educação	-	-	-	2	-
Escola e educação ambiental	-	-	-	4	2
Legislação – LDB	-	1	-	3	-
Missão da escola/sentido cristão	-	1	4	2	1
Ensino por ciclos	-	-	-	1	-
História da educação	-	-	1	1	1
Matemática na escola	-	-	-	1	3
O Ensino Religioso na escola	-	1	3	3	2
Drogas na escola	-	-	-	2	1
Família e escola	-	3	1	-	3
Valores na educação (paz, civildade...)	-	-	-	1	5
Educação especial	-	-	-	-	2
Educação infantil	-	-	1	-	1
Sistema de cotas (inclusão e exclusão)	-	-	-	2	2
Sociologia da educação	-	-	-	1	1
Escola pública	-	-	-	3	2
Educação Física na escola	-	-	-	1	1
TOTAL:	1	23	58	93	82

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPET – FALE, 2007.

A partir dos temas dos artigos de cada década, conforme a Tabela 6, define-se o *corpus* desta pesquisa, que vai analisar e interpretar os temas mais presentes. Na década de 1960, apenas um texto (editorial) referindo-se aos professores e ao ensino escolar. Já nos anos 1970, aumenta significativamente o tratamento de temas relacionados ao universo escolar. Os temas que ganham mais destaque são: professor-pedagogia, família e escola, contexto da educação brasileira e orientação profissional. Neste período, o acento ainda era vocacional e religioso, o que se reflete em alguns assuntos abordados. Nos anos 1980, destaque para os temas: gestão e planejamento escolar, avaliação e evasão, contexto da educação, a missão da escola e seu sentido cristão. Além desses, uma variedade de assuntos da educação vão emergindo e passam a serem abordados, como: currículo, educação rural, livro didático, educação popular, metodologias do ensino e ensino religioso na escola, entre outros. Na década de 1990, um destaque especial para o tema da avaliação e evasão. Também são destacados o ensino-aprendizagem, vestibular e universidade, educação e novas tecnologias. A preocupação com o contexto da educação, embora menor, continua permanente. Outros temas vão surgindo, entre eles: escola, democracia e diálogo, ensino médio, construtivismo, qualidade da educação, LDB, drogas na escola e escola pública. Na primeira metade dos anos 2000, os temas mais destacados são: ensino-aprendizagem, contexto da educação brasileira, educação e novas tecnologias e valores na educação. Além desses, a preocupação com a indisciplina, a interdisciplinaridade, o ensino de matemática e o tema da exclusão/inclusão na escola são as novidades que brotam do contexto da educação na entrada do novo milênio.

Também os gêneros jornalísticos escolhidos pelo impresso Mundo Jovem revelam alguma mudança com o passar dos anos. A predominância é de artigos, em todas as décadas, porém observa-se que a opção por editoriais foi sendo reduzida até não existir mais a partir dos anos 1990. Também os depoimentos foram reduzidos em favor de artigos. As entrevistas sobre educação revelam certo equilíbrio na opção por este gênero durante as décadas analisadas. Na tabela a seguir, que mostra a quantidade de matérias e textos sobre educação, percebe-se a predominância de artigos em relação a outros gêneros:

Tabela 7 - Gêneros Jornalísticos sobre Educação

	ANOS					Total
	1960	1970	1980	1990	2000 - até Nov de 2005	
Artigo	-	23	58	93	82	256
Editorial	1	8	6	-	-	15
Entrevista	-	3	12	9	9	33
Comentário/depoimento	-	2	2	1	1	6

Fonte: Laboratório de Acervos Digitais – PUCRS – IPCT – FALE, 2007.

O predomínio de artigos está presente em todas as séries/seções do jornal Mundo Jovem. A opção por este gênero jornalístico tem a ver com a opção da equipe por oferecer textos curtos, normalmente de uma página, integrando informação e opinião sobre o tema em debate. Sobre a linguagem jornalística, diz Lage (2004, p. 35):

O jornalismo não é, porém, um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado.

Esta parece ter sido a ênfase do periódico Mundo Jovem, a produção e divulgação para debate, de idéias e conteúdos relacionados à realidade juvenil e educacional, ao contexto sóciopolítico, econômico, cultural e religioso, bem como aos temas extracurriculares para ampliar o que é proposto nas disciplinas escolares. Mundo Jovem segue o que, em jornalismo é conhecido como “*generos para el comentario y la opinion*” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 2001, p. 363-364). Para este autor, os artigos fazem parte deste gênero, que não trata diretamente dos fatos do cotidiano, nem tem a finalidade de transmitir informações, mas trabalha com o debate de idéias sobre acontecimentos mais ou menos atuais.

2 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Em vista da sua relevância e de suas particularidades, o Jornal **Mundo Jovem** oferece várias possibilidades de pesquisa, como foi possível observar no breve histórico do primeiro capítulo. Neste foi destacada a relação do jornal com a história recente da Igreja Católica no Brasil e a relação do periódico com os movimentos sociais e eclesiais que lutaram pela redemocratização do país; a relação com a educação formal e informal; a extensão da proposta do impresso no tempo (quarenta e cinco anos) e na tiragem (cento e vinte mil jornais, que chegam a mais de quatro mil municípios brasileiros), são elementos de uma história de comunicação e educação com mérito, e que levantam muitas questões a serem estudadas.

A escolha pela “Teoria Social Crítica”, de John B. Thompson, possibilita uma investigação qualitativa da produção discursiva do Jornal Mundo Jovem sobre a educação brasileira, o propósito deste trabalho. A partir das categorias: formas simbólicas; mídia impressa; educação e juventude; ideologia e poder procuram-se referências concretas que possam balizar esta pesquisa. A escolha por esta teoria e por estas categorias deve-se, sobretudo, à preocupação em relacionar esse periódico ao contexto social em que circula o periódico.

Para melhor compreensão do que marca a produção e o discurso do jornal Mundo Jovem, é preciso olhar para os contextos de sua atuação. Na trajetória do jornal, muitas mudanças foram ocorrendo na economia, na política, na cultura e na religião, interferindo na sua produção discursiva. As formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas em contextos sociais e históricos específicos. Thompson sugere quatro aspectos básicos dos contextos sociais a serem analisados de forma distinta:

- a) Situações espaço-temporais – porque as formas simbólicas são produzidas e recebidas por pessoas em locais específicos. No caso do Jornal Mundo Jovem, a localização inicial foi no Seminário Maior de Viamão, produzido por estudantes de Filosofia e Teologia (seminaristas);

depois passou a ser editado na PUCRS, produzido também por estudantes de filosofia e teologia, integrando jornalistas. Mais adiante recebeu assessoria da Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) e orientação da Faculdade de Teologia.

- b) Campos de interação – “um espaço de posições e um conjunto de trajetórias, que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a elas” (THOMPSON, 2002a, p.366). Relacionando com o Mundo Jovem, destacam-se as mudanças na equipe e na direção, bem como as trajetórias pessoais dos membros das equipes que produziram o impresso, em diferentes períodos da sua história. Por exemplo, é marcante a presença de Ari Martendal, nos anos 1960, e de Ireno Finckler e Laurício Neumann, nos anos 1970/1980.
- c) Instituições Sociais – Para Thompson, “analisar instituições sociais é reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atividades das pessoas que agem a seu favor e dentro delas” (2002a, p. 367). Na fase inicial do impresso que estamos analisando, surgiu o boletim “SOS Vocações”, depois “Lançai as Redes”, que esteve sob a responsabilidade da “Sociedade de cultura artística por um mundo melhor”, constituída em 20/03/1956, no Seminário maior de Viamão, e do Movimento Vocacional do Brasil, muito relacionado, por isso, à organização da Igreja Católica no país. Mais tarde, surge o jornal Mundo Jovem, na PUCRS, relacionando-se com a Instituição universitária; outras relações institucionais, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, a União Cristã Brasileira de Comunicação – UCBC, são importantes nos contextos de produção do jornal e da sua afirmação como veículo de comunicação cristã e educacional junto aos jovens e às escolas.

Além da análise das instituições, deve-se distinguir a análise da “estrutura social”, que identifica as assimetrias, as diferenças e divisões que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação e quais destas são “diferenças

coletivas e duráveis em termos de distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidade de realização” (2002a, p. 367);

d) Meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão – Nesta análise procura-se compreender os contextos sociais em que os meios técnicos são empregados. Nas primeiras décadas, a produção do periódico aconteceu sob precárias condições. Em novembro de 1971, por exemplo, os bens patrimoniais do periódico eram constituídos por: “máquina de escrever, equipamento fotográfico, fichário, balança, clichês, coleções, negativos, contatos e fotos ampliadas”, conforme pesquisa aos anais do jornal. Apenas em maio de 1991, Mundo Jovem encaminha um projeto de informatização do jornal. Na edição número 24, em 1967, a equipe responsável faz um apelo aos leitores: “Torna os leitores cientes de que até o momento apenas 1/3 dos assinantes está em dia com a gerência. Dessa forma Mundo Jovem fica impossibilitado de crescer. Mundo Jovem quer se apresentar aos seus leitores com papel melhor, com clichês mais vivos e variados e também pretende chegar em melhores condições às mãos de seus leitores mais distantes através de uma embalagem melhor” (MJ, n. 24, out./nov.1967, p. 3). Com o passar do tempo, o aumento do número de assinaturas e o desenvolvimento de novas tecnologias de impressão, proporcionaram melhores condições técnicas para a sua produção, postagem e distribuição (ANEXO I).

Conclui-se desta primeira análise da Hermenêutica de Profundidade, de Thompson, que a produção de objetos e expressões significativas é tornada possível pelas regras e recursos disponíveis a quem produz, bem como “é orientada em direção à circulação e recepção antecipada dos objetos e expressões dentro do campo social” (2002a, p. 368). Ou seja, o jornal Mundo Jovem tornou-se o veículo impresso com as características que tem, em função das relações e condições materiais possíveis em cada período, mas também com um grande sentido de doação, idealismo e voluntariado, tanto das equipes responsáveis pela sua produção e circulação, como dos leitores e assinantes.

Em seguida, apresentam-se algumas categorias que sintetizam e representam as relações sócio-históricas do veículo impresso de comunicação, Mundo Jovem. Se o objetivo deste trabalho é analisar a produção e o discurso deste periódico, através dos artigos publicados, o caminho passa pelos contextos e conceitos sobre formas simbólicas, porque analisa os próprios textos e falas que compõem a sua história; sobre a mídia impressa, porque Mundo Jovem é um veículo de comunicação impressa que produz e divulga conteúdos e idéias destinadas às escolas e aos jovens; sobre cultura, educação e juventude, pois este é o universo destinatário e os temas mais recorrentes no veículo pesquisado; e sobre ideologia e poder porque, apesar de não ser ideológico, no sentido hermenêutico de Thompson, para quem a ideologia está na defesa das relações de dominação, Mundo Jovem denuncia a dominação presente nas relações sociais e educacionais.

2.1 FORMAS SIMBÓLICAS

Esta é uma categoria importante na teoria de Thompson, porque, segundo o autor, as formas simbólicas estão permeadas em todas as relações e contextos sociais. “Por formas simbólicas, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (2002a, p. 79). Mas, o que caracteriza as formas simbólicas como construtos ou fenômenos significativos? Thompson distingue cinco características: intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual.

O aspecto intencional refere-se às formas simbólicas como “expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos)” (2002a, p. 183). Pressupõe que sejam “produzidas ou, pelo menos, sejam percebidas como produzidas, construídas ou empregadas por um sujeito capaz de agir intencionalmente” (2002a, p. 184). A história do Mundo Jovem retrata um veículo que nasceu pequeno, como um boletim vocacional, vai ganhando consistência com o tempo, tornando-se uma organização com credibilidade diante de seus leitores e das instituições com quem se relaciona.

Thompson discute sobre as divergências que podem estar presentes na interação social das formas simbólicas, tanto numa situação dialógica e, mais ainda, em textos escritos, obras de arte e outras formas que não estejam ligadas a uma situação dialógica. Afirma que “o significado ou o sentido das formas simbólicas pode ser muito mais complexo e ramificado do que o significado que poderia ser derivado daquilo que o sujeito-produtor originalmente tencionou” (2002a, p. 185). Certamente, o significado do Mundo Jovem foi sendo ampliado com o decorrer do tempo, em função da aceitação que os seus textos passaram a ter no universo da educação, como mencionado no histórico do primeiro capítulo. (ANEXO J).

A produção, construção ou emprego das formas simbólicas e a interpretação delas por quem as recebe, são processos que envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções, que caracterizam o segundo aspecto, o “convencional”. O jornal Mundo Jovem construiu sua identidade e sua marca discursiva, evoluindo para uma produção impressa com recursos técnicos modernos e equilíbrio editorial reconhecido por seus receptores.

Já o aspecto estrutural refere-se às formas simbólicas como construções que exibem uma “estrutura articulada”, com elementos que se colocam em relações uns com os outros. No Mundo Jovem, especialmente relacionado à produção das matérias, vai-se afirmando uma organização nas séries/seções que identificam uma estrutura mais estável. Porém, para Thompson, “as formas simbólicas não são apenas concatenações de elementos e suas inter-relações: são também, tipicamente, representações de algo, apresentam ou representam alguma coisa” (2002a, p. 189). Para o autor, isso pertence ao aspecto referencial. Este é um aspecto muito relevante para o veículo de comunicação, pois o jornal Mundo Jovem tornou-se uma referência para muitos educadores, religiosos e lideranças juvenis. Ao indagarem sobre as perspectivas da educação, os professores tinham na palavra deste impresso uma fonte confiável, como mostram os relatos de leitores, no primeiro capítulo. Para muitos, o impresso foi pioneiro e vanguarda na divulgação de idéias novas para a educação.

Thompson chama atenção ao aspecto contextual, ou seja, “que as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos

específicos, dentro dos quais, e por meio dos quais, elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (2002a, p. 191). A percepção e a interpretação, bem como o peso atribuído a um “discurso” dependem do contexto (indivíduo que expressou, ocasião em que foi dito, ambiente, meio em que foi transmitido). Conforme Thompson, destacar o aspecto contextual das formas simbólicas é ir “além da análise dos traços estruturais internos das formas simbólicas” (2002a, p. 192), como foi feito no primeiro capítulo, destacando a evolução histórica do jornal Mundo Jovem. Significa dizer que essas formas podem carregar os traços e características do ambiente e tempo histórico de sua produção. Também os indivíduos que recebem esta determinada produção, encontram-se em ambientes e contextos específicos, o que vai influenciar na sua maneira de interpretá-la. No caso do Mundo Jovem, a circulação inicialmente mais restrita ao Rio Grande do Sul, foi expandindo-se por outros estados brasileiros, ganhando abrangência nacional e novas interpretações, conforme as diferentes realidades em que era lido.

2.2 MÍDIA IMPRESSA

O papel da mídia é fundamental, hoje, na produção e circulação das formas simbólicas. São palavras, imagens, informações que são apresentadas todos os dias, via indústrias da mídia. Inclusive, se deve levar em conta, que a escola tradicional está sendo substituída, em sua função de agente socializador e construtor de significados, pelo sistema de produção simbólica representado pelos modernos sistemas de comunicação social. Com a consolidação do que vem sendo chamado de era da informação, tudo muda rapidamente, desde as cosmovisões que alimentam o imaginário social, até a forma que têm os seres humanos de relacionar-se com os seus semelhantes. Para Thompson (2002b, p. 135):

Um dos aspectos mais salientes da comunicação no mundo moderno é que ela acontece numa escala cada vez mais global. Mensagens são transmitidas através de grandes distâncias com relativa facilidade, de tal maneira que indivíduos têm acesso à informação e comunicação provenientes de fontes distantes. Além disso, com a separação entre o espaço e o tempo trazida pelos meios eletrônicos, o acesso às mensagens provenientes das mais remotas fontes no espaço pode ser instantâneo ou virtualmente instantâneo.

Diante desta nova realidade, exige-se a busca de modos de inter-relação entre o mundo da educação e o mundo da comunicação. A própria educação deve ser entendida como um espaço de comunicação dentro da cultura que emerge na era da informação, pois, segundo Freire, “sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo” (2002, p. 65). Por outro lado, é preciso dar à comunicação uma intencionalidade educativa, garantindo a cada cidadão o acesso e o uso democrático dos recursos e possibilitando a ampliação da capacidade expressiva das pessoas.

Desde Gutenberg, no século XV, com a invenção da imprensa, o desenvolvimento das indústrias da mídia “conseguiu transformar radicalmente as maneiras como as formas simbólicas foram produzidas, transmitidas e recebidas por indivíduos no curso de suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 2002a, p. 220). O autor chama essa série de desenvolvimentos das indústrias da mídia, de “mídiação” da cultura moderna, ou seja, a mídia modifica a maneira das pessoas se relacionar, aprender, comprar, trabalhar e se divertir. Entende a mídiação como um fenômeno generalizado, atingindo todos os segmentos de uma sociedade, através de recursos tecnológicos que a cada instante adquirem novas potencialidades de transmissão das formas simbólicas.

A indústria do jornal teve rápida expansão nos séculos XIX e XX, o que motivou grandes mudanças também na natureza e conteúdo dos jornais, dirigindo-se de um setor restrito, “rico e bem educado”, para um público mais amplo. A publicidade também assumiu um papel sempre mais preponderante nas finanças da indústria impressora.

Conforme Thompson (2002a, p. 234):

O desenvolvimento da indústria do jornal nos séculos XIX e XX foi caracterizado por duas tendências principais: primeiro, o crescimento e consolidação da circulação massiva de jornais; e segundo, a crescente internacionalização das atividades de coleta de notícias.

Neste segundo aspecto, constata-se um grande desequilíbrio na distribuição geográfica das agências de notícias, com forte dependência dos países do Terceiro

Mundo. A expansão da indústria do jornal se dá num contexto mais amplo, do surgimento da cultura de massa, uma característica constitutiva das sociedades modernas. Este é um processo que transformou profundamente a maneira de produção e circulação das formas simbólicas.

Para a maioria das pessoas, hoje, os fatos que acontecem além do seu meio social imediato são conhecidos através da recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia. Se informação e comunicação, para Charaudeau, “são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-los em suas diversas lógicas” (2006, p. 15). O desafio da interatividade trazido pelo desenvolvimento de uma nova realidade tecnológica, onde a ausência de interação emissor-receptor é um dos elementos que definem a comunicação social contemporânea, é o desafio de quem se preocupa com uma comunicação e uma educação dialógica.

O jornal é entre os três grandes suportes da mídia, o que atribui maior “peso às palavras”. É um espaço estratégico de informação diferente das outras mídias, no que se refere à relação do tempo de produção e de transmissão/leitura do que é escrito. Para Charaudeau, o jornal é o universo do legível. Diz ele, “a imprensa é o domínio da escrita, o que quer dizer que seu campo de atividade discursiva e semiológica é o da conceitualização que se inscreve numa situação de troca monolocutiva e se organiza sobre um suporte espacial” (2006, p. 232).

Por suas características próprias, conforme Charaudeau (2006), a mídia impressa tem suas próprias exigências de visibilidade, de legibilidade e de inteligibilidade.

A visibilidade é a exigência da imprensa em produzir o jornal, a revista de maneira que possa ser facilmente apreendida pelo leitor. São cuidados necessários na forma de anunciar e apresentar as notícias. No jornal Mundo Jovem, este cuidado foi crescendo com a evolução das condições técnicas de produção do impresso.

A legibilidade tem a ver, sobretudo, com o entendimento dos artigos publicados. Para isso, devem ser acessíveis ao maior número possível de leitores.

No Mundo Jovem, a legibilidade tem a ver com a delimitação do público, o que foi acontecendo com o passar do tempo. Além disso, a interatividade com os leitores facilita o entendimento do que é publicado.

A inteligibilidade refere-se mais ao comentário dos acontecimentos, ou seja, o esclarecimento do porquê e o como das notícias. A situação monocutiva da mídia impressa permite que o comunicador possa, segundo Charaudeau (2006, p. 233), “desenvolver sua análise ou sua argumentação planejando-a previamente, redigindo-a num determinado espaço de maneira contínua, escolhendo suas palavras e, se necessário, corrigindo-a”. A periodicidade mensal, a autonomia e a interlocução do veículo impresso Mundo Jovem com os seus leitores e colaboradores, foram fatores que contribuíram para a produção de um discurso informativo e formativo intelegível.

2.2.1 O Jornalismo na América Latina

No início, os estudos de comunicação na América Latina estiveram marcados pela importação de modelos, sobretudo o funcionalismo norte-americano. Houve certa euforia e, nesse contexto, entendia-se que os meios massivos deviam ser usados para transmitir conhecimentos considerados essenciais para sair do subdesenvolvimento que atingia todo o continente.

A partir da segunda metade da década de 1960, começa a nascer na América Latina, uma corrente crítica deste modelo desenvolvimentista. No campo da comunicação, instala-se um paradigma crítico através do estruturalismo marxista e da teoria da dependência. Além disso, buscam-se modelos alternativos que valorizam a comunicação participativa, contribuindo com a produção de uma autêntica teoria da comunicação latino-americana. Entre os cristãos vai crescendo a consciência da importância dos meios, da necessidade de uma leitura crítica da comunicação e de ações que dessem à maioria o direito a dizer a sua palavra.

Mesmo que as reflexões sobre a identidade comunicacional latino-americana fossem desenvolvidas desde a década de 1940, foi a partir dos anos 1970 que vários estudos buscaram sistematizar a produção científica na área da Comunicação Social. O desenvolvimento da indústria cultural, após a segunda guerra mundial, afetou profundamente a cultura latino-americana. A geração da década de 1970 acompanhou essas mudanças e é responsável pelas produções pioneiras do pensamento comunicacional do continente, buscando respostas para as questões que a incipiente indústria midiática ia levantando.

Para Berger, “é entre o final dos anos 1960 e início dos 1970 que se inaugura uma reflexão efetivamente latino-americana sobre a comunicação, pois as condições estruturais do subdesenvolvimento passam a ser consideradas e incorporadas na análise dos meios” (2005, p. 247). Entre essas condições, está o aumento da população urbana, com o conseqüente inchamento das periferias metropolitanas. Este contingente de migrantes é constituído por pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas, que vão reforçar o número de desempregados e subempregados.

Neste contexto, a Escola Latino-Americana de Comunicação – ELACOM, com uma inspiração cristã na década de 1960, na década seguinte aproxima o pensamento cristão das idéias marxistas. Um campo muito produtivo na elaboração de um pensamento comunicacional próprio foram os denominados “*estudos culturais latino-americanos*” através das contribuições de Jesús Martín Barbero, Nestor García Canclini e Guillermo Orozco. Numa “concepção dinâmica das sociedades”, conforme Barbosa (2002, p. 29-30), pensam o sujeito como promotor da sua história e que o entendimento da realidade é fundamental para uma efetiva transformação social. Esta concepção confronta-se diretamente com os modelos importados de compreensão da realidade, tanto do pragmatismo e funcionalismo norte-americano, como dos modelos marxistas que não fazem a leitura das condições específicas da América Latina.

Para Barbosa, é nos estudos culturais latino-americanos que a aproximação com a visão histórica do marxismo se faz mais presente. No centro, a questão cultural, entendida como a descrição da “paisagem cotidiana da vida popular”

(2002, p. 38), onde “os usos sociais das mídias não obedecem forçosamente à lógica de um poder devastador, inscrito nos traços estruturais das mensagens” (2002, p. 39). Trata-se da substituição da idéia de “massa”, muito presente nos estudos de comunicação, pela idéia de “povo” concreto e capaz de discernimento diante da comunicação midiática.

Neste período, dos anos 1960 e 1970, a pesquisa em comunicação esteve centrada na crítica aos meios, desde a produção, os programas, as mensagens e a recepção, onde a perspectiva crítica confunde-se com o comprometimento político. Conforme Martín-Barbero (2004, p. 211):

No processo de construção e apropriação teórica do campo da comunicação na América Latina houve um tempo no qual a politização conduziu a fazer gravitar o campo todo sobre a questão da ideologia, convertendo-a no dispositivo totalizador dos discursos legítimos.

O próprio jornal Mundo Jovem, como se verá mais adiante, reproduzia este discurso, onde se olhava criticamente, e muito, para os meios de produção das mensagens, e pouco se falava das possibilidades do receptor como produtor de uma comunicação diferenciada.

Silva afirma que os meios massivos seriam um instrumento mais eficaz que o sistema educativo e o religioso em função de perpetuar a dependência nos países “*neo-colonizados*”. Diz que um dos grandes problemas a trabalhar era o de uma “sociedade hipnotizada pela televisão e outros fatores análogos” (SILVA, 1971, p. 153). A mídia eletrônica, especialmente a televisão, assim como representa o principal espaço de ocupação do tempo livre das pessoas, de modo geral, também representa o principal objeto de preocupação de comunicadores, comunicólogos e educadores, pela influência que exerce.

Essa alienação constituída, em grande medida, pela ideologia que os meios massivos inculcam nos países dependentes, o autor denomina de “ideologia do subdesenvolvimento latino-americano”. E, ao descrever o lugar dos meios nas sociedades atuais com destaque para a televisão, Silva cria o termo “*indústria*

ideológica”, apelando claramente ao conceito de “*indústria cultural*” acunhado por Horkheimer e Adorno (1971, p. 169).

Na edição de abril 1986, do jornal Mundo Jovem (n. 180, p. 10), Berger sintetiza a fisionomia da comunicação que foi se afirmando na sociedade contemporânea:

A revolução industrial, o desenvolvimento tecnológico, a necessidade de uma circulação rápida e eficaz de informações são o pano de fundo da comunicação como a conhecemos hoje. A comunicação é produzida industrialmente, como qualquer outro produto da sociedade de consumo, por isso é correto afirmarmos que a produção cultural da sociedade capitalista é realizada pela Indústria Cultural.

Como em nenhuma sociedade a mídia tem o monopólio da informação, da educação e proposição de valores, em outra perspectiva o estudo da comunicação passa a ser visto além dos meios. O poder da mídia passa pelo exame de instituições, como a família, a escola, as igrejas e a sociedade civil. Sobre isso afirma Martín-Barbero (1997, p. 16): “assim, a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento”. De acordo com Berger, a perspectiva que vai, então, se afirmando entre os pesquisadores é: “a comunicação deve ser tratada no cenário da cultura, que na América Latina encontra eco na sua formação híbrida, que propicia múltiplas mediações na recepção das mensagens” (BERGER, 2005, p. 268). O Brasil, por exemplo, é um país que se compõe da diversidade das origens e heranças culturais na formação da sua população, que determinam maneiras diferentes de apropriação e diálogo com as mensagens.

Para Martín-Barbero (2004, p. 241-242), “um inovador trabalho interdisciplinar está permitindo abordar, de forma nova, velhos objetos de estudo e construir objetos novos, como as mediações, as frentes e as heterogeneidades culturais”. No meio escolar e juvenil, muitas iniciativas colocam as crianças e jovens de outra forma, diante dessas mediações, garantindo o uso mais democrático dos recursos da comunicação, e tendo como objetivo a ampliação da sua capacidade expressiva.

A Igreja Católica, na América Latina, desde os anos 1960/70, preocupa-se e busca interferir naquilo que é veiculado pelos meios de comunicação. No documento preparatório à Conferência de Puebla, no México, 1979, os bispos expressam o teor da sua preocupação citado por Spoleniti (1985, p. 173-174):

A comunicação social é um dos fatores em jogo na situação de conflito social que vive a América Latina. Os grupos de poder, político e econômico, que dominam os meios obstaculizam a comunicação dos setores marginalizados e criam dificuldades para a expressão dos comunicadores responsáveis. Isso se manifesta na constante violação dos direitos humanos, a aplicação da censura, as arbitrariedades e os abusos econômicos aos que se vêm submetendo tanto as instituições quanto os profissionais da comunicação social comprometidos com a causa da justiça.

A comunicação cristã acontece em duas vias: uma que denuncia as agressões aos direitos humanos, oriundos dos sistemas políticos implantados em diversos países da América Latina através das ditaduras militares; outra que aponta para uma educação para a comunicação. A partir da leitura de obras que fazem a crítica aos meios, o trabalho pastoral no campo da comunicação busca condições para que as pessoas façam a experiência do processo comunicacional e dialógico que acontece no interior das próprias comunidades. Diz Gomes, (2002, p. 125):

A pastoral da comunicação concentra-se em realizar uma educação para a comunicação, onde cada indivíduo, grupo ou comunidade, exerça seu direito à comunicação. Este direito, fundamental e primário, identifica-se com o direito de ser. Mesmo quando se executa um trabalho através dos meios de comunicação, tem-se em mente criar condições para que a palavra da comunidade flua viva e livre.

Em termos comunicacionais, o trabalho da pastoral da comunicação tem por objetivo que a pessoa seja um emissor-receptor, criando as condições para uma comunicação dialógica e participativa. Com a valorização da pessoa humana e da comunicação dialógica frente ao poder dos grandes meios, Gutiérrez (2002, p. 144) defende o papel da comunicação cristã, afirmando:

Se os meios de comunicação social estão produzindo uma mudança radical nos valores e vivências do povo, sobretudo em sua tendência a massificar e despersonalizar, a resposta cristã para ser eficaz aponta para quatro características básicas: personalização, libertação, ação criadora e evangelização.

Ao longo deste período – anos 1960 a 1980 – a igreja latino-americana passou por um processo de lenta maturação, desde a aceitação entusiasta e acrítica dos meios como indispensáveis fatores de mudança, a uma crítica radical e de repúdio, para alcançar uma posição mais realista frente às novas situações. Nas décadas de 1970/80, os setores progressistas das igrejas cristãs, articuladas pela União Cristã Brasileira de Comunicação – UCBC, chegaram a esboçar o que Ismar de Oliveira Soares denominou, em sua tese de doutorado, de “teoria cristã da comunicação” (cf. SOARES, 2002, p. 157).

A UCBC nasceu em 1969, durante um congresso latino-americano de imprensa católica, realizado na PUC de São Paulo. A intenção inicial era a representação dos brasileiros na União Católica Latino-Americana de Imprensa – UCLAP. Depois, a entidade assumiu fisionomia própria, mais sintonizada com o momento político vivido no Brasil, defendendo a liberdade de expressão e denunciando a perseguição aos jornalistas. Foi também da UCBC, a iniciativa do projeto de Leitura Crítica da Comunicação – LCC, que enfatiza a leitura política das mídias, inspirada na leitura do mundo, de Paulo Freire.

As Conferências dos Bispos da América Latina, em Medellín, na Colômbia (1968) e Puebla, no México (1979) foram decisivas, servindo, segundo Gutierrez, de “faro iluminador para um novo processo comunicativo no Continente”. Diz ainda (2002, p. 154):

Se hoje seguimos reclamando, desde diferentes esferas, maior participação da sociedade civil na produção midiática, uma maior democratização comunitária da comunicação e das novas tecnologias, uma maior valorização da produção simbólica autóctone cultural, local, regional e de gênero, frente à avassaladora presença globalizadora das indústrias culturais, é porque segue ressoando o eco do acontecimento profético que significou Medellín, como autêntico crisol de uma nova comunicação na América Latina.

Com este apoio oficial, crescem as práticas de comunicação alternativa no meio popular. “Com isso, ganhou legitimidade o uso de *‘meios pobres’*, como os boletins e as rádios populares e, mais recentemente, o vídeo e o computador. Em torno e através destes meios aconteceu muita mobilização política” (GOMES, 2002, p. 131).

Como balanço dos anos 1960/80, pode-se dizer que, diante do avanço das ditaduras militares e das mazelas do capitalismo, a ação das igrejas cristãs em defesa dos pobres, pela via da organização popular, a disseminação da teoria de Paulo Freire junto às escolas, propondo o diálogo para desenvolver a consciência crítica e favorecer a participação são dados que engendraram uma das vertentes mais férteis da comunicação latino-americana.

O jornal Mundo Jovem estava sintonizado tanto com as posições críticas diante dos meios de comunicação, como da proposta de alternativas para a educação e a comunicação, usando o espaço e o discurso para introduzir no debate da sociedade, questões então proibidas para a grande imprensa e ausentes nos programas das escolas, como a defesa da democracia e dos direitos humanos, a reforma agrária, a superação da desigualdade social, entre outras.

Com este acento na valorização da pessoa humana e da comunicação dialógica, frente ao poder dos grandes meios, Martín-Barbero (2004, p. 214) expressa assim o papel estratégico da comunicação diante do desenvolvimento e bloqueios de nossa sociedade em mudança:

Se faz mais nítida a demanda social de um comunicador capaz de enfrentar a envergadura do que seu trabalho põe em jogo e as contradições que atravessam sua prática. E isso é o que constitui a tarefa básica do intelectual: lutar contra o assédio do imediatismo e o fetiche da atualidade, pondo o contexto histórico a uma distância crítica que lhe permita compreender, e fazer compreender aos demais, o sentido e o valor das transformações que estamos vivendo.

Se a década de 1960 foi marcada por certo deslumbramento com as novas invenções da indústria cultural, e se nas décadas seguintes, 1970-80, sobressai uma visão crítica sobre a influência dos meios e a invasão da cultura norte-americana sobre o nosso continente, hoje, segundo Martín-Barbero (2004, p. 239), “trata-se de fazer com que a investigação responda às demandas de comunicação que, embora mediadas pela indústria cultural, possam dar expressão às necessidades coletivas e recolham fundamentais matrizes culturais do conjunto das raízes populares”. No Mundo Jovem, crescem as matérias que mostram a diversidade cultural brasileira, em seções como história, cultura, sociologia e literatura.

Ao lado da crítica aos meios, foi surgindo o debate sobre a comunicação alternativa, popular e comunitária. A comunicação popular pode ter diversas conotações. Peruzzo (1998) distingue três correntes: 1) Popular-folclórico: tomando o popular como o conjunto das expressões culturais genuínas do “povo”, presentes em manifestações folclóricas, festas, danças, ritos, crenças, costumes, objetos, etc. 2) Popular-massivo: englobando toda a indústria cultural. Neste sentido, o “popular” seria entendido, sobretudo, como incorporação da cultura popular pelos meios de comunicação de massa e como processo de influência destes meios sobre a vida do povo. 3) Popular-alternativo: nesta corrente o “popular” diz respeito aos movimentos e organizações do povo que luta por melhores condições de existência e pela sua emancipação. “Ocupa-se da comunicação no contexto de organizações e movimentos sociais vinculados às classes subalternas” (PERUZZO, 1998, p. 119).

No Brasil, a imprensa popular alternativa, também chamada de “imprensa nanica” surgiu na época da ditadura militar (1964-1985). O golpe militar representou um marco na história da imprensa, provocando mudanças na forma de apresentação das informações jornalísticas, devido à censura, mas também provocando o aparecimento da imprensa alternativa. Foi classificada dessa maneira por causa de seu conteúdo crítico ao regime vigente e de seu formato (jornais, boletins e revistas populares). Tais meios tratavam de temas culturais, políticos e de interesse específico dos trabalhadores e organizações sociais, inclusive estudantis. Nessa nova conjuntura firmou-se também a imprensa partidária, a imprensa sindical e a imprensa dos movimentos sociais (centenas de publicações locais, regionais e nacionais). Também neste cenário, surge a imprensa eclesial produzida pelas igrejas, comunidades e pastorais.

No início, a imprensa popular foi caracterizada desta maneira em razão das condições em que era produzida, quase artesanalmente por grupos populares. Depois a denominaram assim com base no conteúdo que ela veiculava. Um conteúdo de interesse das classes populares com perfil crítico-libertador. O que torna determinado meio de comunicação um instrumento popular é a sua forma coletiva de produção e a sua postura comunitária e crítica à grande imprensa. Pedroso (2001, p. 55) situa a imprensa alternativa, como:

Um modo de comunicação multidirecional e politizador que analisa os conteúdos marginalizados pela indústria da informação e reconhece a existência de conflitos e contrastes sociais. Enfim, um tipo de imprensa que tem como propostas básicas: a não pretensão de realizar-se como empresa voltada para o lucro e a não-produção massiva de sua mensagem.

Estes são alguns aspectos muito presentes na história da produção e circulação do veículo de comunicação impressa Mundo Jovem, ou seja, o periódico teve como objetivo a conscientização e politização dos grupos marginalizados, apontando para os graves conflitos e desigualdades sociais e oferecendo aos leitores um tipo de informação e conteúdo, ligado a perspectivas de mudança, que não tinha espaço na grande imprensa. Para isso, o impresso, que não visava o lucro, decidiu por desvencilhar-se dos limites que a veiculação de propaganda poderia acarretar.

Conforme Peruzzo (1998, p. 125), comunicação popular “é meio de conscientização, mobilização, educação política, informação e manifestação cultural do povo. É canal por excelência de expressão das denúncias e reivindicações dos setores organizados da população oprimida” Na luta pela conquista de seus objetivos, geralmente os movimentos sociais populares procuram utilizar meios mais simples, de baixo custo e acessíveis ao público. Entre eles, estão: o teatro, o boletim, o jornal, o mural, o panfleto, o vídeo, o slide, a fotografia, o alto-falante, as faixas, os cartazes, as músicas e os programas de rádio.

A comunicação dos movimentos populares costuma enfrentar muitas dificuldades e limitações, como a falta de recursos financeiros, fazendo com que muitos veículos tenham duração efêmera. Muitas vezes somam-se a isso deficiências de capacitação técnica, resultando em problemas de programação, de formato e de linguagem. Outras vezes os meios são populares, mas o conteúdo acaba reproduzindo padrões da mídia comercial e dominante, deixando de explorar e aprofundar assuntos importantes para a vida e organização do povo.

O fator econômico é fundamental para viabilizar os veículos de comunicação popular e garantir o exercício do direito de comunicação social. Muitos jornais e revistas populares lutam para sobreviver, já que não contam com anúncios de

empresas privadas e, raramente, têm o apoio de governos municipais, estaduais ou federal. Normalmente, a sustentação deste tipo de impresso é feita pelos assinantes.

Por outro lado, verificam-se muitos aspectos positivos na comunicação popular, tais como a contribuição no processo de construção de uma cidadania ativa, a apropriação de meios e técnicas de comunicação pelo povo e a vinculação de conteúdos críticos. Também a possibilidade de denunciar e fazer reivindicações de interesse da comunidade, a autonomia política, a valorização da cultura e da identidade popular; a aproximação e o diálogo entre emissor e receptor, o resgate e a preservação da história local, conforme diz Pedroso (2001, p. 57):

É preciso considerar que a imprensa alternativa realiza-se sob a forma de perspectivas críticas, com caráter de renovação e não de imobilismo, repetição e conformismo, permitindo a amenização da contradição autor-jornal - leitor, pela corporificação da opinião ou participação não só do editor, do jornalista, mas como do leitor.

Mesmo que a produção da imprensa alternativa seja eminentemente política, e os seus conteúdos sejam, de certa forma, elitizados, em função do público segmentado que a consome, excluindo grande parcela do público que lê os jornais da grande imprensa, é nos segmentos da imprensa alternativa que os assuntos de interesse popular são resgatados. Isto porque no Brasil e na América Latina, a maioria da população está marginalizada da cultura. Essa população, segundo Marques de Melo (2006, p. 59), “prefere a imprensa burguesa porque ela lhe é útil, na medida em que possui informações indispensáveis para as suas decisões cotidianas (comprar, vender, passear etc.)”.

Esta exposição sobre jornalismo popular alternativo tem como propósito situar o impresso Mundo Jovem, como um veículo de comunicação alternativa, que associa mecanismos de produção e distribuição da grande imprensa, incorporando novas tecnologias. Mundo Jovem realiza um modo de comunicação diferente da cultura de massa, embora atinja um grande número de assinantes e leitores, vinculado às lutas populares e à conscientização e formação do seu público. Um aspecto que diferencia o jornal Mundo Jovem de outros meios alternativos é a sua

permanência no tempo, enquanto a maioria destes veículos caracterizaram-se pela instabilidade.

Mais recentemente, as reflexões do pensamento comunicacional apontam na direção das mediações e da produção cultural. É uma realidade, segundo a qual a ligação entre produtores e consumidores se dá no espaço de uma cultura midiática. Neste contexto, a possibilidade de se fazer frente aos grandes meios, é permitir que a população e os receptores dos meios se entendam, eles também, como comunicadores e produtores de cultura. Uma realidade que exige a busca de outros mapas que dêem conta, segundo Martín-Barbero (2004, p. 229), “da complexidade nas relações constitutivas da comunicação na cultura”.

Olhando para a história do jornalismo brasileiro, Melo (2006, p. 78) observa que os fatores socioculturais, como “a predominância do analfabetismo, ausência de urbanização, precariedade da burocracia estatal e incipiência das atividades comerciais e industriais”, ainda hoje são obstáculos para o desenvolvimento da imprensa brasileira. Para o autor, o capitalismo dependente aqui instalado, produziu uma imprensa também dependente. Neste quadro, “a democratização da imprensa brasileira é, pois, uma questão complexa, que requer alterações estruturais nas empresas jornalísticas, mas depende também das transformações políticas e econômicas que todo o país está a exigir” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 88).

A imprensa brasileira atravessa hoje, uma crise estrutural, que pode ser vislumbrada pela “espantosa” regressão no consumo diário de jornais e porque não cresce o número de leitores, como aponta o autor: “nossos índices de leitura são ridículos. Para uma população de 180 milhões de habitantes, somente dispomos de 10 milhões de exemplares de diários de jornais” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 99). Há, no Brasil, grande resistência à leitura, fruto da marginalização social e escolar, mas também pela natureza oral de nossa cultura, que considera a leitura uma atividade aborrecida e trabalhosa. A própria escola não prepara para o exercício da cidadania e para o estímulo da leitura. É preciso conscientizar as novas gerações da importância do jornal como intérprete da realidade. A leitura crítica dos jornais e a produção do “jornal escolar” são formas de percepção da realidade, de comunicação de idéias e opiniões e da possibilidade de intervenção social.

Num contexto de ensino deficiente, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, exercem grande influência. É preciso superar o estágio de “incomunicação” através da organização e dinamização de uma autêntica imprensa comunitária. Talvez a conjuntura atual, em que a reflexão sobre o jornalismo deixou de ser objeto exclusivo das vanguardas acadêmicas ou corporativas, passando a ser exercida também pelo conjunto da sociedade, seja própria para o debate. Mesmo que os índices de leitura sejam muito baixos, no Brasil, os jornais são a leitura quase exclusiva da maioria dos alfabetizados. Portanto, são os jornais a porta de entrada para a cultura letrada e conseqüente defesa dos interesses do povo, e certamente o jornal Mundo Jovem cumpre função importante no despertar para o valor da leitura.

2.2.2 A Comunicação no Jornal “Mundo Jovem”

O jornal Mundo Jovem também nasceu e cresceu no contexto das mudanças no campo comunicacional latino-americano. Nos editoriais e textos sobre comunicação, podemos distinguir diferentes etapas e visões deste campo, desde um deslumbramento com os novos meios, passando por uma crítica ostensiva até chegar a um período de indicação de alternativas e de uma proposta comunicativa.

Como associado da União Cristã Brasileira de Comunicação – UCBC, o Jornal Mundo Jovem acompanhou de perto esta trajetória, como diz Gomes, na época o seu presidente: “O jornal Mundo Jovem possui uma longa trajetória no serviço à comunidade social. Nesta trajetória, esteve ligado à UCBC, da qual é associado. Em nossos congressos, sempre defendeu uma comunicação aberta, participativa e libertadora” (MJ, n. 194, nov. 1987, p. 12).

A década de 1960 foi marcada por certo deslumbramento com as novas invenções da indústria cultural. Dizia-se no editorial de outubro de 1969 (n. 36, p. 3):

De certo modo a onipresença deixou de ser um predicado da divindade; o homem conquistou-a pela técnica. Ela fez-nos cosmopolitas. Somos

cidadãos do universo (...) Basta sentarmos numa poltrona, comodamente, ligar a TV e pronto: estamos assistindo a uma manifestação estudantil na França, ou a um terremoto no Japão.

Este texto revela apreensão e deslumbramento diante das mudanças tecnológicas que estavam ocorrendo no campo da comunicação, com a televisão passando a ser o centro de informações e acesso ao que se passava no mundo. Nas décadas seguintes, 1970-80, sobressai uma visão crítica sobre a influência dos meios e a invasão da cultura norte-americana sobre o nosso continente, como afirma Guareschi (1984, p. 10-11):

São os meios de comunicação, que não são nossos, ou não transmitem nossas coisas, que descaracterizam e roubam nossa cultura (...) Atrás de um filme, atrás de uma história em quadrinhos (leia o livro 'Para ler o Pato Donald', de Dorfman e Mattelart) (...) atrás de todos esses 'presentes' chega até nós e se implanta em nosso país a dominação política, econômica e cultural. Salvemos a nossa alma.

Esta visão crítica dos meios de comunicação foi predominante nas décadas de 1970 e 1980, mas não saiu de cena nas décadas seguintes. Ainda hoje esta noção está muito presente nas análises, até mesmo porque as condições, como o monopólio dos grandes meios permanece e se aprofunda. Cada vez mais, ao lado da crítica aos meios, foi surgindo o debate sobre a comunicação alternativa, popular e comunitária, como expressa Marques de Melo, em entrevista ao jornal Mundo Jovem (n. 180, abr. 1986, p. 11):

Cabe aos veículos alternativos esclarecer a população sobre os fatos e acontecimentos que a grande imprensa burguesa apresenta de modo abrangente, incompleto e ambíguo. Cabe menos tentar fazer a cabeça da população e mais explicar como as coisas estão acontecendo. Deve ir além dos fatos, mostrando o que há por trás deles a fim de que, num papel educativo, a população comece a participar mais dos acontecimentos.

Nesta perspectiva, os meios de comunicação alternativos, apesar do seu significado junto às classes populares, não aparecem como forças que superam os meios massivos, mas como uma complementação crítica, sem ser excludente. Vale ressaltar o "papel educativo" dos veículos populares, um papel prioritário para o impresso Mundo Jovem.

Mais recentemente, os textos veiculados por Mundo Jovem, sobre comunicação apontam na direção das mediações e da produção cultural, apontando para a prática comunicativa dos jovens nas escolas e nos grupos, como diz Soares (2002, p. 12-13):

Chama-se a realidade das mediações culturais. É uma realidade que está dada, que está posta, segundo a qual a ligação entre produtores e consumidores se dá no espaço de uma cultura midiática. É que a única hipótese e possibilidade que se tem de fazer frente, de uma forma alternativa, é permitir que a população e os receptores dos meios se entendam eles também como comunicadores e produtores de cultura.

A própria história do periódico Mundo Jovem é uma história feita da interlocução com os seus leitores, como um canal aberto de comunicação, onde são relatadas as experiências, conteúdos e idéias de organização juvenil e de mudanças na educação. Sobre o jornal Mundo Jovem, como um veículo alternativo de comunicação, voltado às perspectivas de mudança e de educação e conscientização popular, com uma história relacionada à busca da democratização nos meios de comunicação, diz Soares (2002, p. 12-13):

O jornal já vem exercendo este papel há muitos anos, na medida em que propicia um dialogo com os seus leitores, trazendo uma temática de interesse deles e levando à população dos seus receptores um pensamento crítico. Agora, essa perspectiva de um pensamento crítico se associa à proposta comunicativa, na medida em que o jornal abre espaço para que as pessoas se expressem, ou promova atividades que levem as pessoas a se expressarem nos seus respectivos âmbitos de trabalho.

A partir da leitura desses textos, pode-se dizer que o jornal Mundo Jovem, seus produtores e colaboradores, foram protagonistas na elaboração de uma proposta diferenciada de comunicação popular e alternativa, com as opções e convicções desta perspectiva comunicacional e sem os desacertos de administração, finalidades e gerenciamento que caracterizam a instabilidade da maioria destes veículos.

Outro aspecto importante a ressaltar é a natureza interdisciplinar do Mundo Jovem, como é próprio dos meios impressos de comunicação. Mundo Jovem reúne,

em suas diversas seções, opiniões diversas sobre cada momento histórico, contribuindo na exigência interdisciplinar da educação na sociedade contemporânea. Esta prática ajuda o jovem a desenvolver a capacidade crítica de lidar com a complexidade do dia-a-dia e refletir sobre as situações que se apresentam. Ao assumir um paradigma crítico na comunicação, o jornal Mundo Jovem, exercendo um jornalismo cultural engajado, busca fazer pensar e refletir, ao invés de transmitir uma cultura elitizada e alienígena.

2.3 CULTURA, EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

O estudo dos fenômenos culturais, para Thompson, é de fundamental importância, hoje, para as ciências sociais. Após uma revisão do conceito de cultura, desde sua concepção clássica até a concepção simbólica, Thompson formula o que chama de concepção estrutural de cultura que, para ele, “É tanto uma alternativa à concepção simbólica, como uma modificação dela, isto é, uma maneira de modificar a concepção simbólica levando em conta os contextos e processos socialmente estruturados” (THOMPSON, 2002, p. 182).

Thompson refere-se, ainda, à definição de nossa cultura ocidental como “moderna” devido ao “fato de que a produção e circulação das formas simbólicas se tornaram desde o fim do século XV, cada vez mais e de uma forma irresistível, parte de um processo de mercantilização e transmissão que é, agora, de caráter global” (2002, p. 167). No Brasil, este processo é acelerado a partir do desenvolvimento da indústria e da urbanização nos anos 1950/1960.

Por isso, a análise dos fenômenos culturais implica em elucidar os contextos e processos que são socialmente estruturados de várias maneiras, como “relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção das formas simbólicas” (2002, p. 181). Estes são elementos muito presentes nos espaços escolares, desde o problema do acesso à população de baixa renda, a evasão e as relações de subordinação entre direção, professores e alunos.

Posicionando-se por uma educação libertadora, Freire afirma a necessidade da valorização da cultura e do saber popular (2002, p. 78):

Não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a perpetuação dos valores de uma cultura dada; não é o espaço de adaptação do educando a seu meio.

Para Freire (2002, p. 83), o que importa à educação, “como uma autêntica situação gnosiológica, é a problematização do mundo da cultura e da história, que resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores”. Neste contexto, a compreensão da realidade da escola e sua relação com os jovens, é de fundamental importância, pois o acesso, a permanência e o desenvolvimento do educando são marcados pelas diferentes condições sociais, econômicas e culturais de onde eles provêm. Neumann, no editorial de abril de 1982, do jornal Mundo Jovem, comenta que “a escola insiste em tratar a todos de forma igual, quando somos tão desiguais, pois enquanto alguns confortavelmente vão para a escola estudar, outros, a maioria, vão por causa da merenda” (MJ, n. 144, abr. 1982, p. 4).

A partir da proposta libertadora de Paulo Freire, uma formação que prepara para a vida deve ser embasada em uma educação que valoriza o diálogo de saberes entre educadores e educandos e tem como objetivo a transformação social. Nesse sentido, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2002, p. 69).

A escola e sua clientela juvenil são partes indissociáveis do processo educativo. Porém, a distância entre o universo escolar, seu saber, regras e procedimentos, e a realidade dos alunos, com suas vivências e interesses, levantam questionamentos para todos os envolvidos. O desencontro entre o mundo da escola e o mundo dos jovens traz perdas para todos os atores escolares, imersos que estão numa rotina e ambientes pouco motivadores e inadequados aos aprendizados que a escola deve promover. Elevados índices de fracasso escolar, depredações, atitudes agressivas, apatia dos alunos são alguns sintomas dessa situação.

Se estes são os sintomas, Leite, Sousa, Gioielli e Mathias (2006, p. 124) procuram as causas deste desencanto:

Ainda que pesem todos os avanços inegáveis ocorridos nesse campo nos últimos anos, o modelo educacional e a escola que oferecemos atualmente ainda são uma instituição da modernidade, herança viva do iluminismo. Baseiam-se num ideal de universalidade do ser humano, na racionalidade, na negação das emoções, no livro, no uniforme, na organização linear do espaço e na disciplina formal, entre outras características. O aluno que senta nos bancos escolares, no entanto, é um habitante do mundo globalizado, pós-moderno, alfabetizado nas novas tecnologias, acostumado ao fluxo frenético de informações, imagens e sensações, hedonista, imediatista, vivendo sobretudo em busca do prazer.

Uma das principais dificuldades da escola em lidar com os seus alunos se refere à invisibilidade dos traços juvenis, encobertos na escola, pela identidade de estudante. Desse modo, a escola passa a agir como se esses indivíduos estivessem ali exclusivamente para aprender e, mais ainda, para aprender aquilo que está nos currículos formais e de acordo com o que a organização escolar permite. O aluno que chega à escola, hoje, é pouco familiarizado com a cultura racional, escrita e abstrata, porque acostumou-se com a cultura veloz do audiovisual, com a fragmentação e o estímulo à emoção, próprios da sociedade de consumo.

Aqui inicia-se o debate sobre a questão do relativismo e do universalismo no currículo e na educação como um todo, ou seja, sobre a vocação universalista da escola e o universo cultural ou multicultural dos alunos. A ênfase da escola, num modelo iluminista está na formação de um sujeito individualizado, sem história e compromisso com o outro e com a sociedade. Por outro lado, é certo que os alunos, bem mais que estudantes, são jovens com experiências exteriores à escola, constroem práticas e interagem com o mundo de diferentes formas. São vivências como filhos(as), mães e pais, trabalhadores(as), consumidores, torcedores, rappers, protagonistas em diversos grupos juvenis. Essas dimensões constituem os jovens tanto como sujeitos diversificados entre si, como parceiros em algumas características próprias dessa fase da vida.

2.3.1 Uma nova condição juvenil

No Brasil, pela marginalização e exclusão absoluta em que se encontram milhões de jovens das classes populares, das periferias urbanas e dos 'sertões' abandonados, a condição juvenil assume muitos rostos. Entre eles, muitos com ares de dramaticidade estampados pela crueldade do modelo econômico, social e cultural implantado no país. São esses jovens que formam a maior parte da população carcerária. São essas crianças e adolescentes que moram nas ruas e vivem de pequenos furtos, sendo vítimas dos grupos de extermínio e da exploração sexual. Sobre a nova condição juvenil pesam inúmeras responsabilidades e condicionamentos, como expressa Carmem Oliveira (2001, p. 18):

Pode-se dizer que o conjunto das novas gerações enfrenta inusitadas demandas das sociedades contemporâneas, a começar pela exaltação das coisas jovens na cultura, o que torna a adolescência uma espécie de ideal social em nossos dias. Além disso, um mundo globalizado implica em transformações como a forte presença da mídia nos recantos mais íntimos de nossas vidas, o domínio das modernas tecnologias, a concentração urbana, o esvaziamento da mobilização política, a valorização das qualidades mais rápidas, a dessacralização das figuras parentais, as novas relações de trabalho e o prolongamento da escolaridade.

No passado, nas sociedades ocidentais, não se falava de adolescência e juventude. A noção da existência dos jovens se dá apenas no século XVIII, a partir das escolas. Mas é apenas no século XX que os jovens adquirem consciência de si, como grupo com características próprias, com poder e interesses comuns. Antes havia jovens. A partir daí existe juventude. Nos anos 1960, uma grande efervescência mexeu com o movimento juvenil. A crítica social à família, ao individualismo, ao tecnicismo, à guerra, eram as bandeiras carregadas pelos jovens. A indústria do consumo, no entanto, absorveu em grande parte a rebeldia juvenil. Com isso, nos anos 1970, os movimentos foram se diluindo. O que não se perdeu foram os valores adquiridos nesta "revolução juvenil". A juventude passa a ser vista como estágio pleno da vida humana, e não mais como transição para a idade adulta.

No Brasil, até pouco tempo, a figura juvenil confundia-se com o jovem estudante. Isto porque os estudantes foram sempre muito visíveis na história do

país, participando dos principais momentos de transformação cultural e política. Com o recolhimento do movimento estudantil, a impressão de apatia política e de ausência dos jovens em ações coletivas prevaleceu como uma realidade generalizada. Porém, a partir do final da década de 1970, quando os trabalhadores ascenderam ao cenário político brasileiro, as manifestações da juventude ganham um rosto mais heterogêneo. “Não é possível dizer ‘o jovem’ e sim, os jovens brasileiros”, dizia Spósito no jornal Mundo Jovem (MJ, n. 299, ago. 1999, p. 15).

Nas mobilizações dos anos 1980, como a campanha “Diretas Já”, das conquistas populares na Constituição de 1988 e no “Fora Collor”, em 1992, a presença da juventude é marcada pela diversidade. São jovens do campo e da cidade, estudantes e trabalhadores, representantes de uma infinidade de movimentos e organizações. Portanto, juventudes, de muitos rostos, se fazem presentes no cenário político brasileiro, na contramão do discurso corrente de que “o sonho acabou”. Diz Freire Filho (2005, p. 159):

Desde o início da década de 1990, testemunhamos, em contraste com a corriqueira retórica da decadência da índole transgressora juvenil, inumeráveis mobilizações coletivas contra os crescentes contornos mercadológicos da sociedade do espetáculo.

Com a universalização do ensino, na qual a quase totalidade dos jovens têm contato com a escola, no Brasil, a condição estudantil perdeu, de certo modo, o caráter de classe que tinha, embora poucos ainda tenham acesso ao ensino médio. A entrada no mercado de trabalho (o emprego formal), a partir dos anos 1960, possibilitou aos jovens o acesso aos bens de consumo, e esses passam a desenvolver, na condição juvenil, uma forma diferente de viver seu tempo de lazer. A partir daí, temos uma condição juvenil diferenciada, e que não mais se reduz a um tempo de preparação para a vida adulta, mas vive no cotidiano o que Maffesoli (2005, p. 102) chama de “socialidade”:

Trata-se de alguma coisa bem diferente da simples sociabilidade considerada como um enfeite de importância mínima na estrutura das relações sociais. Ao social, correspondem a solidariedade mecânica, o instrumental, o projeto, a racionalidade e a finalidade; à socialidade, correspondem a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica (comunicação), o não-lógico, a preocupação com o presente. Ao drama

sucede o trágico, aquilo que é vivido em si mesmo sem rejeição às contradições. Ao futurismo sucede o presenteísmo. É essa socialidade, designando de qualquer forma o próprio fundamento do estar-junto, que obriga a levar em consideração tudo aquilo que era tido como essencialmente frívolo, anedótico ou sem sentido.

Os jovens começam a criar expressões culturais que falam das coisas que estão vivendo no seu dia a dia. A juventude não é mais momento breve, de preparação, mas é tempo de construção, de começar a exercer as mais diversas ações no mundo social. Ampliam-se os laços de socialidade, para além da família. Amplia-se o universo simbólico do jovem, com outras referências com que se identifica. O jovem amplia sua capacidade de expressão: fala nos espaços públicos, circula na rua com suas 'imagens' (grafiteiros dizem 'estou aqui', 'eu existo', 'deixo a minha marca'). Enfim, o conceito de juventude se alarga, como já detectara Finkelkraut (1989, p. 50):

Os jovens: esse povo surgiu recentemente. Antes da escola ele não existia: para se transmitir o ensino tradicional não tinha necessidade de separar seus destinatários do resto do mundo durante vários anos, e, para ele, esse período transitório a que chamamos adolescência não tinha vez. Com a escolarização de massa, a adolescência deixou de ser um privilégio burguês para se tornar uma condição universal. E um modo de vida: protegidos da influência paterna pela instituição escolar e da ascendência dos professores pelo "grupo de semelhantes", os jovens puderam edificar um mundo próprio, espelho invertido dos valores circundantes.

Segundo a legislação brasileira, considera-se criança todo indivíduo de até 12 anos incompletos; e adolescentes aqueles que têm entre 12 e 18 anos incompletos (Art. 2, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, lei 8.069/90). Os jovens são os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, mas existe também um padrão internacional onde o jovem tem idade entre 15 e 29 anos, que é utilizado no Brasil, através do Conselho Nacional de Juventude. Nesse caso, podem ser considerados jovens os "adolescentes jovens" (com idade entre 15 e 17 anos), os "jovens - jovens" (com idade entre 18 e 24 anos) e os "jovens adultos" (com idade entre 25 e 29 anos).

As pesquisas mais recentes, especialmente a partir dos anos 1990, apontam para o fenômeno do crescimento da população juvenil, representando, atualmente, cerca de 20% do total da população brasileira. Conforme Oliveira (2001, p. 53-54):

Este momento de expansão da faixa etária juvenil é denominado de 'onda jovem' porque aumentos ou diminuições de nascimentos produzem necessariamente ecos, ou seja, novos alargamentos ou estreitamentos em sucessivas gerações. (...) Como resultado, vivemos em 2000 um inédito pico demográfico do número de adolescentes, calculado em cerca de 50 milhões na faixa etária de 10 a 24 anos (IBGE, 1998). Mais do que isto: entramos no novo século com a maior população juvenil da história demográfica brasileira.

Esta 'inflação' juvenil traz esperanças e questionamentos. A esperança chega de forma utópica ao se considerar o Brasil "o país do futuro". Com isso surgem os questionamentos sobre o presente dos jovens, justamente relacionados àquilo que diz respeito à vida: educação, cultura, trabalho, saúde e lazer.

A juventude, hoje, é muito valorizada pela mídia. Está presente na publicidade veiculada pela televisão, e é inegável uma tendência crescente entre os adultos em alargar este período da vida privilegiando "o jeito jovem de ser". Existe, hoje, da parte dos jovens, uma grande carência de sentido do social, que provoca uma situação de desconfiança nas instituições, como o governo, a polícia, a escola. Sobre isso, diz Kehl, *"eles buscam encontrar na vida dos mais velhos alguma perspectiva de futuro, mas encontram um espelho deformado de si próprios"* (2004, p. 97). Engravidar na adolescência (para as meninas), envolver-se com o crime (entre os meninos) tornaram-se formas de ascensão num país de poucas perspectivas sociais. Por todo o Brasil, com características diferentes em cada região, os jovens adotam alternativas de risco como meios de sobrevivência.

Muitos já determinaram que as atitudes e a opinião dos jovens contemporâneos é modelada pela mídia. Porém, aparecem muitos sistemas de resistência das subjetividades juvenis, que se afirmam, por exemplo, através do movimento *hip-hop* junto aos jovens da periferia urbana ou dos movimentos "antiglobalização econômica" que, em 1999, na cidade de Seattle (EUA) ganham um

estilo rebelde e irreverente pela participação juvenil. Significa que o jovem não vai se submeter definitivamente e de forma passiva a essa situação.

Os meios de comunicação possibilitam um alargamento do mundo e das relações humanas inimagináveis. Pode-se aderir a causas humanitárias ou ecológicas do outro lado do planeta, mas pode-se também escolher ficar completamente fora, sabendo muito e se comprometendo com nada. Para Freire Filho (2003, p. 160):

Seja na análise das relações entre o consumo midiático e as dinâmicas identitárias contemporâneas, seja na investigação do uso associativo e político das novas tecnologias da comunicação, é preciso cautela para não se confundir polêmicas culturais com práticas concretas; pensamentos desejosos com o vivido.

A mídia tem grande influência no comportamento geral da sociedade, não apenas do jovem. Tem o poder de construir o imaginário das pessoas. Porém, hoje, a relação com os meios de comunicação social é bastante diversificada. Os jovens, conforme Spósito (1999, p. 15):

[...] têm uma adesão, mas eles gostariam de ter um espaço na mídia. Muitas vezes eles são usados pela mídia, na propaganda que é veiculada. Mas os jovens que têm seus grupos, que têm suas formas de expressão, eles dizem que a mídia não olha para dar espaço, apenas quer usá-los como veículo para o consumo.

A diversidade juvenil contemporânea cria uma visão de mundo e uma psicologia próprias, em um espaço de expressão assegurados. Representam um setor particular da sociedade, com problemas específicos, laços comuns de identidade e uma dinâmica própria. Além disso, há uma diversidade de situações de classe, gênero, raça que configuram as juventudes, o que gera uma pluralidade de caminhos para que os jovens se tornem adultos. Não se pode falar dos problemas que vivem sem distinguir de que jovens estamos falando. As diferenças de escolaridade e de recursos econômicos, por exemplo, são fundamentais para o tipo de valores cultuados pelos jovens.

A idéia de que os jovens contemporâneos são passivos não se confirma pelos números. A recente pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia” (Ibase - Polis, 2005), em sete regiões metropolitanas e no Distrito Federal, revela que 28,1% faziam parte de algum tipo de grupo. Se as organizações juvenis tradicionais, o movimento estudantil e as juventudes partidárias estão se esvaziando, existem centenas de outros grupos organizando-se, de diferentes formas. Chama atenção a diversidade de organizações de grupos juvenis, reunidos em torno de práticas variadas, de atuação cultural, de estratégias de solidariedade, de intervenção na comunidade. Por meio de diferentes linguagens expressam seus desejos, falam da marginalização, do desemprego, da repressão policial, da falta de perspectivas, mas também da importância das alternativas, propondo soluções para seus problemas e para os problemas sociais e contribuindo de forma criativa para os processos de ampliação dos seus direitos.

É preciso olhar com cuidado para a juventude. Nela, a realidade social e os dramas da condição humana estão presentes de forma mais intensa. É a “ponta do iceberg”. Como diz Spósito “o modo como uma sociedade olha a juventude é uma metáfora do modo como ela olha para si mesma” (MJ, n. 340, set. 2003, p. 16). São poucos os jovens brasileiros em condições de vislumbrar alternativas para o seu projeto de vida, poder escolher entre elas e realizá-las. O país tem o dever de oferecer o acesso dos jovens à educação, uma oportunidade de trabalho, direitos no presente e perspectivas de futuro.

2.3.2 A escola, entre o universalismo e o relativismo

Ainda hoje, devido à grande influência moderna, a escola se apresenta como instituição de natureza universalista, tanto no seu modo formal de funcionamento, como nos conteúdos do ensino. A favor da universalidade na escola, o argumento da necessidade de transmitir saberes públicos, aos quais todos possam ter acesso. Nesse sentido, os valores transmitidos pela escola, guiam-se pela generalidade.

No contexto atual do debate sobre educação, a questão do multiculturalismo ocupa um lugar cada vez mais expressivo. A oposição entre universalismo e relativismo é compreendida, neste contexto, pelo questionamento sobre como os sistemas de educação podem levar em conta o pluralismo das culturas juvenis.

Finkielkraut (1989, p. 115), cita o relatório “Propostas para o ensino do futuro”, elaborado pelo Collège de France, em 1985, como um marco importante no desenvolvimento da reflexão sobre os programas escolares na França:

O primeiro dos dez princípios que uma escola moderna deve subscrever, segundo a instituição acadêmica mais eminente desse país, enuncia-se nestes termos: “*A unidade das ciências e a pluralidade das culturas*”. Um ensino harmonioso deve poder conciliar o universalismo inerente ao pensamento científico e o relativismo que ensinam as ciências humanas atentas à pluralidade dos modos de vida, das sabedorias, das sensibilidades culturais.

Para o autor, no entanto, o combate entre a definição universalista e relativista ou diferencialista da cultura é desigual. Hoje, especialmente no terceiro mundo, a ideologia do enraizamento e da autonomia da cultura, recusando ao indivíduo o poder de abstração e ruptura, ganha força e espaço. É “A derrota do pensamento”, como diz o título do livro de Finkielkraut (1989).

Em cada sociedade, a educação deve ser elaborada para atender, ao mesmo tempo, os interesses sociais e individuais. Da combinação desses interesses surgem os princípios fundamentais, que devem nortear os currículos do ensino e as práticas pedagógicas. A história da civilização ocidental se confunde com a busca e o encontro de formas práticas de atingir esses princípios fundamentais da educação, sempre a partir de uma visão filosófica e abrangente do mundo. Esse esforço definiu os pilares centrais do sistema educacional: o ensino universal, igualitário e progressista.

Porém, hoje, no contexto da globalização e do pragmatismo triunfante, as novas propostas para a educação resultam da ruptura do equilíbrio, antes existente, entre uma formação para a vida, em todas as suas dimensões, com o saber filosófico, e uma formação para o trabalho, com a busca do saber prático. Sob o pretexto de que é preciso formar os jovens para obter um lugar num mercado cada

vez mais afunilado, o saber prático tende a ocupar todo o espaço da escola. Corresse, assim, o risco de ver o ensino reduzido a um processo de treinamento e de instrumentalização das pessoas.

Seguindo a linha da reflexão desenvolvida por Finkelkraut (1989), é a “vida com pensamento” que foi derrotada. O projeto de vida com razão implicava numa crescente complexidade do mundo investigado. Para os iluministas, nessa lógica, o homem novo iria romper com o peso do passado para chegar à cultura racional, universal e progressista. Enquanto este projeto animava os idealizadores da Revolução Francesa, “do outro lado do Reno”, alemães produziam outra escola do pensamento, conhecida como romantismo alemão, preocupada em demonstrar a importância irredutível do *volkgeist*, da tradição e da afirmação da cultura regional.

Hoje, com a universalização do ensino, onde a quase totalidade das crianças e adolescentes acessam a escola, para Gadotti (1992, p. 84), é necessário o equilíbrio entre o saber universal e a realidade dos alunos:

A tese que defendemos aqui é que a renovação dos conteúdos culturais da escola, entrelaçando o setor formal (educação regular) com o setor não-formal (educação assistemática), ou, como dizia Snyders, a ‘cultura elaborada’ e a ‘cultura primeira’, é condição essencial para o sucesso da educação para todos, isto é, uma educação para a equidade. Sustentamos que é inviável estender um conceito de educação mundial ou um saber pretensamente universal sem transformar, primeiro, a educação regular, ligando-a aos problemas concretos e aos conteúdos significativos de cada sociedade.

Na educação atual, portanto, o desafio é enorme, pois os jovens que “invadem” a escola são diversos, possuem estilos, comportamentos e fazem escolhas diferentes. De um lado as dificuldades dos professores em lidar com esta diversidade juvenil e, de outro, o deslocamento dos jovens em relação ao que é oferecido pela escola, que se revela no fraco desempenho, em atitudes de confronto e agressividade e até mesmo na indiferença diante da proposta escolar. O ambiente adequado para a educação exige o diálogo entre os sujeitos do ensino-aprendizagem, com espaços para a participação e a criatividade.

2.4 IDEOLOGIA E PODER

O conceito de ideologia carrega, conforme Thompson, “os traços, embora desbotados, dos muitos usos que caracterizam sua história” (2002, p. 43). A ideologia está sempre relacionada às formas simbólicas que, por sua vez, estão contínua e criativamente, implicadas nas relações e contextos sociais. Propõe uma conceituação de ideologia, onde o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.

A atenção ao contexto sócio-histórico em que as formas simbólicas estão inseridas é fundamental, pois, Thompson (2002, p. 79-80):

A localização social das pessoas e as qualificações associadas a essas posições, num campo social ou numa instituição, fornecem a esses indivíduos diferentes graus de ‘poder’, entendido neste nível como uma capacidade conferida a eles socialmente ou institucionalmente, que dá poder a alguns indivíduos para tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses.

Existe dominação, portanto, quando as relações de poder, estabelecidas na sociedade, são permanentemente assimétricas e, com isso, servem para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. O conceito de ideologia é importante, justamente para explicitar as diferenças e contradições no campo das idéias políticas e econômicas, que organizam as sociedades.

Esta concepção de ideologia de Thompson, que também carrega um conceito de poder, dirige a atenção “às maneiras como certas estratégias de construção simbólica podem facilitar a reprodução de relações de poder” (THOMPSON, 2002, p. 90). Isso requer uma investigação detalhada dos usos das formas simbólicas em contextos específicos e de como elas são compreendidas pelas pessoas que produzem e recebem tais formas. Pode-se relacionar como uma investigação sobre os “efeitos” sociais do uso e da compreensão das formas simbólicas, pois elas podem adquirir formas diferenciadas conforme a realidade e as relações que se estabelecem.

As ideologias são idéias-força sobre uma determinada realidade histórica ou sobre um projeto de sociedade, que fazem um juízo de valor sobre esta realidade ou projeto. Para Guareschi, (2005, p. 96) “assim como existem instituições que se constituíram a partir de relações de poder dominação, há também aquelas que se constituíram a partir de relações de poder serviço”. Na história do jornal Mundo Jovem, o que sobressai é a valorização, no discurso e na prática de suas equipes, de um poder a serviço das pessoas sem voz e sem vez na sociedade.

Thompson (2002), ao traçar uma análise crítica de alguns enfoques teóricos sobre ideologia nas sociedades modernas, conclui que estes compartilham de uma limitação básica, ou seja, desconhecem a centralidade da comunicação de massa. O autor (2002, p. 104-105), ainda argumenta que:

A mediação da cultura moderna, – isto é, as maneiras como as formas simbólicas, nas sociedades modernas, tornaram-se crescentemente mediadas pelos mecanismos e instituições da comunicação de massa – é uma característica central da vida social moderna.

Defende que a análise da ideologia hoje, deve estar baseada numa compreensão da natureza e do desenvolvimento da comunicação de massa. Marques de Melo considera a atividade jornalística como “eminentemente ideológica”. Diz o autor que “apreender os fatos e relatá-los por intermédio de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 56). Para o autor, com a modernidade, ocorre um processo sutil de “desideologização” e “despolitização” do jornalismo. Emergem, neste contexto, os conceitos de objetividade, neutralidade, imparcialidade que, segundo ele, “são os pilares da própria ideologia do jornalismo na sociedade capitalista” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 57). Com isso, a imprensa burguesa procura confundir o público-leitor, dividindo seus espaços em opinião, que seria ideologicamente orientada, e informação, que seria ideologicamente neutra. Conforme Guareschi, (2007, p. 19) “é preciso ver se aqueles que nos dizem as coisas, não nos dizem apenas metade das coisas, ou só um jeito de ver as coisas”.

Essa imprensa, preocupada com a objetividade, neutralidade e imparcialidade, que nasce com a sua transformação em indústria, com a pretensão

de atingir a todos indistintamente, apresenta um discurso que vulgariza o conteúdo e a forma de abordagem para multiplicar o consumo em faixas cada vez mais extensas da população. É um jornalismo que não se preocupa com processos e com a história, mas com acontecimentos isolados e individuais. No contexto atual, da globalização econômica, a ideologia hegemônica confere à ordem mundial um sentido de inevitabilidade. Conforme Frigotto (2000, p. 43):

A idéia-força, tornada senso comum na doutrinação ou persuasão oficial do grupo que governa hoje o Brasil e outros países latino-americanos, é o de que não há outra alternativa a não ser a de ajustar-se aos novos tempos, ingressar no processo de globalização e, para tanto, fazer o ajuste doloroso e necessário.

Para Guareschi (2005, p. 85), a mídia impressa, “é um tipo de comunicação onde cada pessoa escreve o que quer, como quer, dirigido a todos ou a quem quisermos, feita quando se quer”. O Jornal Mundo Jovem, como já foi mencionado, tem uma determinada orientação que, conforme também as equipes que produziram o jornal em cada período da história, revelam uma determinada visão de mundo, ou seja, uma maneira de enxergar e de posicionar-se diante dos acontecimentos. Procura, portanto, caracterizar e ressaltar uma conotação crítica, o que revela uma opção ideológica clara e definida. Até mesmo pelo período em que nasceu, momento de crescimento da imprensa popular e alternativa, a variável ideológica é importante, como é próprio de “determinadas conjunturas, como foi o caso da imprensa censurada do Brasil pós-1968 e pré-1979” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 61). O Mundo Jovem, como veículo impresso de comunicação manteve nas mãos de suas “equipes de trabalho”, de redação, administração e gerência, o controle e o poder de decisão sobre o modelo de comunicação a fazer e autonomia nas escolhas de temas autores para suas matérias. São estas equipes, portanto, os “donos” do impresso, sempre em diálogo e na interação com os leitores. Em relação ao modelo de comunicação que este periódico propõe, não há dúvida, Mundo Jovem (n. 194, nov. 1987, p. 10).

“Mundo Jovem assumiu definitivamente uma personalidade jornalística própria, pelo estilo, pela apresentação do jornal, pela diagramação, ilustrações e, sobretudo, pelo conteúdo de denúncia e anúncio, buscando seu apoio maior nos colégios, grupos e movimentos populares, como estratégia de intervenção na atual estrutura social”.

Como imprensa alternativa, Mundo Jovem realiza-se sob uma perspectiva crítica, com caráter histórico e de renovação e não de estagnação e conformismo. Esta personalidade e definição ideológica está expressa nas matérias e nas propostas de educação que Mundo Jovem apresenta e defende, conforme a análise que fazemos nos próximos capítulos.

3 ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA: MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO

As formas simbólicas, além de produtos contextualizados, como o jornal Mundo Jovem, são também, conforme Thompson (2002, p. 369), “construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada através das quais algo é expresso ou dito”.

Os instrumentos para entender a linguagem e o discurso usados por este veículo de comunicação impressa estão fundamentados na teoria da enunciação, de Patrick Charaudeau. Para este autor, a significação do discurso é resultante de um componente lingüístico (porque opera com material verbal – a língua), e outro situacional, que opera com material psicossocial, produto da ação humana. Portanto, a significação discursiva define os seres humanos ao mesmo tempo como atores sociais e como sujeitos comunicantes.

A unidade da análise do discurso é o texto. No caso, são os artigos produzidos e publicados pelo jornal Mundo Jovem. Analisar é, também, olhar de fora com a capacidade de dialogar com o texto, ou seja, de concordar e discordar. O discurso do jornal Mundo Jovem, ao que parece, é um discurso que convida ao diálogo, que chama à ação. Não se trata de uma produção que exerce uma função social (funcionalista), mas de uma comunicação com sentido, com indagações e alternativas sobre os problemas que cercam os jovens.

A Análise de Discurso ou Teoria Semiolingüística, proposta por Patrick Charaudeau, estuda o ato de linguagem como *mise em scène* (encenação) da significação discursiva, na qual interagem os sujeitos da comunicação. O ato de linguagem é resultado de duas atividades dialéticas: de produção e de interpretação, que dependem de saberes que circulam entre os sujeitos da linguagem, saberes ora implícitos, ora explícitos. A palavra é lugar de representação das práticas psicossociais que condicionam a constituição dos sujeitos da linguagem. Neste sentido, a Semiolingüística, ou semiótica da língua, pergunta o que está por trás quando leio um enunciado, o que está subentendido. Trata-se de uma postura diferente daquela com a qual se está acostumado ao lidar com a comunicação.

A linguagem, neste contexto, é um sistema de línguas, mas é também um sistema de valores, onde se refere ao texto como o aspecto concreto, material da enunciação, enquanto o discurso tem um sentido de relação Eu – Tu (a fala). A fala é um ato de interação, que identifica uma pessoa ou uma organização, revelando suas particularidades e características.

A comunicação, na maioria das vezes, acontece dentro de uma organização ou instituição, que busca identificar-se, usando diferentes estratégias que lhe dêem legitimidade e credibilidade. Cada discurso, em seu contexto tem uma forma de “encenação”, como acontece com os estudantes, numa sala de aula, por exemplo.

Todo ato de linguagem utiliza contratos e estratégias. O contrato é realizado por indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais e que concordam com as suas representações lingüísticas. A estratégia é a hipótese de que o Sujeito comunicador concebe, organiza e põe em cena suas intenções de maneira a produzir certos efeitos sobre o seu intérprete para este identificar-se com o Sujeito destinatário. O Eu comunicador, portanto, é o iniciador do processo de produção. Diz Charaudeau (2006, p. 39):

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.

O ato de comunicar é o ato de descrever (identificar, qualificar fatos); contar (reportar acontecimentos); e/ou explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos). Explicar, argumentar um fato “é tentar dizer o que o motivou, quais as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, segundo qual lógica de encadeamento, enfim, que conseqüências podem ocorrer” (2006, p. 154). Este processo, de descrever, contar e explicar, Charaudeau chama de transformação. Porém, “a finalidade do homem, ao falar, não é a de recortar, descrever; estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência” (2006, p. 41-42). Este é o

processo de transação. Um processo que põe os sujeitos em questão, exigindo uma tomada de posição frente ao tema em debate.

O sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que ele tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo e modificar seu comportamento. Trata-se de uma dupla busca: - uma busca de racionalidade, de um “ideal de verdade” quanto à explicação dos fenômenos do universo, mesmo que filtrados pela experiência individual e social do indivíduo; uma busca de influência, em direção a um ideal de persuasão, de fazer o interlocutor ou destinatário compartilhar um certo universo de discurso a ponto dele ser levado a ter os mesmos propósitos (co-enunciação).

No comportamento enunciativo, as idéias são transmitidas pelo enunciador em nome do comunicador que representa, no caso, o jornal Mundo Jovem, revelando-se responsável pelo enunciado e convidando o leitor a fazer parte das idéias transmitidas pelo veículo. Diz Charaudeau (2008, p. 82):

No âmbito da análise do discurso, que é a nossa perspectiva, o verbo enunciar se refere ao fenômeno que consiste em organizar as categorias da língua, ordenando-as de forma a que dêem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz.

O veículo de comunicação impressa Mundo Jovem, é uma organização que caracteriza-se pela produção discursiva destinada à formação dos jovens. Foi assim, por várias décadas, exigindo uma análise que possa descobrir as marcas próprias de cada texto em seu contexto social. No caso do Mundo Jovem, também os contextos eclesial, da comunicação e da educação. São marcas próprias de cada período, mas também são marcas que se sedimentam numa determinada postura do comunicador-enunciador diante de uma temática, como a educação, que este trabalho analisa. Para Steffens de Castro (2004, p. 44):

A realidade do discurso, portanto, parte da sua historicidade, representada na relação entre o que é repetível, ou exterior ao sujeito e a produção da seqüência lingüística específica, onde o sujeito intervém. O repetível ou domínio do saber é uma sistematicidade do discurso, que é histórica, e os

objetos deste adquirem estabilidade através das formas pré-construídas, que ligam o contexto da enunciação ao contexto do enunciado.

A sistematicidade com que o periódico Mundo Jovem foi publicado, repetindo-se e renovando-se durante cinco décadas, garante a sua historicidade, criando um ambiente e contexto estável de enunciação, condição indispensável para o enunciado com as características que o veículo propõe. A enunciação é a relação do texto (interno) com elementos que determinam o seu sentido (externo). O locutor define-se como “Eu” e o seu interlocutor como “Tu”, através dos comportamentos:

1- Elocutivo: o enunciador (EUE) anuncia uma tomada de posição apreciativa, revelando seu ponto de vista e determinando seu lugar no mundo. Por exemplo, quando diz “esta é a minha posição sobre o assunto”. Neste caso, o destinatário (TUD) não está explicitamente solicitado e assume uma posição de espectador ou testemunha, que é convidado a dividir a euforia do enunciado. Por exemplo, “estou convencido de que o projeto de educação popular...”

2- Alocutivo: o enunciador (EUE) se anuncia no momento que solicita o saber do destinatário (TUD). Este procedimento é expresso com a ajuda de pronomes pessoais de segunda pessoa ou com formas de tratamento, como “companheiro/companheira”. Esse comportamento tem o objetivo de levar o sujeito interpretante (TUI) a se identificar com uma imagem ideal de destinatário (TUD), que deve ser o ator de uma cena em que ele será o beneficiário.

3- Delocutivo: o enunciador (EUE) está oculto e o destinatário (TUD) não é solicitado explicitamente. É expressa com a ajuda de frases que apagam todo vestígio de interlocutores, para se apresentar de forma impessoal. O que é dito aparece como se a palavra dada não fosse da responsabilidade de nenhum dos interlocutores, e dependesse apenas do ponto de vista de uma terceira voz, uma suposta “voz da verdade”. Por exemplo, “não se pode deixar a população chegar a um estado de indignância”, ou “puro prazer de fumar”.

Porém, os tipos de texto não se confundem com os tipos de discurso ou com um determinado comportamento enunciativo. O mesmo texto pode empregar um ou mais modos de organização do discurso. Como o corpus é formado por artigos que

se caracterizam por idéias e não apenas por informações, a opção para análise foi pela forma de organização enunciativa, pelo fato de que, no discurso do jornal Mundo Jovem, o sujeito da enunciação cria estratégias para que o interlocutor compartilhe das mensagens produzidas nos textos, predominantemente elocutivos e alocutivos.

Para compor o *corpus* dessa análise, foram selecionados artigos (devido à predominância deste gênero jornalístico neste periódico)⁴ sobre educação publicados no jornal Mundo Jovem nas décadas de 1960 (ANEXO K), 1970 (ANEXOS L e M), 1980 (ANEXOS N e O), 1990 (ANEXOS P e Q) e 2000 (ANEXOS R e S). Entre os artigos escolhidos, estão aqueles que tratam os temas em educação preponderantes em cada década (conforme tabelas no Capítulo 1). Estes textos revelam uma preferência do periódico Mundo Jovem, pelos temas relacionados ao contexto social e político da educação. A exceção – apesar de também apresentar muitos elementos do contexto – é a década de 1990, onde o predomínio é de temas relacionados à avaliação, repetência e evasão escolar. Outra escolha, entre os artigos publicados nos anos 1970 e 1980, a preferência por autores que eram referência para o veículo na abordagem desses temas, enquanto nos anos 1990 e 2000, além dos autores renomados e de referência para o jornal, aparecem outros autores, mais relacionados à prática educativa em sala de aula⁵.

3.1 TEXTOS DE COMPORTAMENTO ELOCUTIVO

O comportamento elocutivo tem a finalidade de levar o sujeito interpretante a identificar-se com a visão de mundo apresentada pelo enunciador, sem sentir-se implicado com o que é exposto. Como se trata de um comportamento que exige um posicionamento sobre o tema, revelando o lugar e a visão do enunciador, então, esta forma de enunciação está muito presente nos artigos do Mundo Jovem, um veículo posicionado ideologicamente. No artigo sobre a Reforma da educação de

⁴ Na década de 1960, o único registro sobre educação é de um editorial, publicado em novembro de 1964, que será analisado nesta pesquisa.

⁵ Além disso, esses autores são de outro estado, Bahia, que não aquele da origem do periódico, uma tendência que se observa a partir do final dos anos 1990.

1971, Neumann (1975, p. 5-7) aponta “sete erros em seu planejamento, elaboração e aplicação”: publicados no Mundo Jovem:

1. Tanto os diretores, professores, como alunos foram pegos de surpresa, isto é, desprevenidos;
2. Antes de pensar nos recursos humanos... físicos... técnicos... pensou-se no aluno, que deveria ser o último a ser requisitado, exatamente por ser o objetivo da reforma;
3. A preocupação: ‘ninguém ficará sem escola’, terminou num crítico espírito de massa, com 50 até 60 alunos numa sala, quando o ideal seria 20 ou 25 ao máximo;
4. Os currículos de 1º e 2º grau, previstos pelo Conselho Federal de Educação, são aplicáveis à uma situação ideal, mas não a um país que ainda luta com sérios problemas de subdesenvolvimento e de analfabetismo;
5. Língua estrangeira, hoje, é um instrumento de trabalho, mas com a Reforma de Ensino ela sumiu das salas de aula do 1º e 2º graus;
6. A formação profissional do 2º grau, além da obrigatoriedade de outras disciplinas, está provando que não está formando nem profissionais e nem bons vestibulandos;
7. Há alunos que fazem testes vocacionais para acertar bem na profissão, mas depois enfrentam um calvário de duros sacrifícios para encontrar uma vaga.

Neumann (1975), tomando posição, aponta os erros da Reforma: a ausência de participação na elaboração da lei; a massificação no ensino; a ausência de contextualização do ensino à realidade brasileira; a confusão sobre a finalidade da educação, se mais generalista ou profissionalizante, acarretando dificuldades para o jovem diante do mercado de trabalho. Estes posicionamentos sinalizam uma visão do autor e do veículo de comunicação sobre a legislação recém aprovada e sobre as perspectivas da educação.

Ainda no contexto da Reforma do Ensino, de 1971, Guareschi escreve no artigo “A educação está comprometida com o meio (mas só a escola ainda poderá salvar o homem)”. O locutor assume seu ponto de vista sobre a educação, por vezes revelando uma avaliação, em outras um engajamento. Guareschi (1975, p. 10-11):

Falar em educação neutra, quando financiada e promovida por diversos grupos sociais, além de ser uma grande ingenuidade, é a pior das ideologias;

É importante que não se atire, com a água do banho, a criança pela janela. Quando se afirma que a escola, como existe hoje, desaparecerá nos próximos 50 anos, não se quer dizer que a educação vai desaparecer. Ao contrário, a verdadeira educação, autônoma e libertadora, fará com que esse tipo de escola desapareça;

O importante é que a escola não se fixe, não se cristalize, mas mantenha sua perene vitalidade. A escola não pode ser como um determinado tipo de metodologia, que em vez de cumprir com sua missão de ser caminho, se arvora em soberano, excluindo outras diferentes maneiras de chegar à verdade;

Não se pode saber o que será vida no próximo momento histórico. Assim a escola que se fixasse, a escola supermercado, a escola banco de dados, a escola pré-programada, é uma escola necrofílica e suicida;

Em nossa época a comunicação não faz apenas ordeiros e obedientes, mas penetra no íntimo das consciências, moldando, plasmando populações inteiras através dos meios de comunicação de massa;

Num mundo massificado pelos 'mass media', controlados pelos monopólios ou pelo Estado; num mundo de macro-estruturas anônimas e multinacionais onde se perde o anonimato, e onde o homem se torna cada vez mais produtor de bens e consumidor numa sociedade de consumo em massa; num mundo onde os meios eletrônicos podem controlar tudo e todos, eliminando a individualidade; neste mundo a escola pode ser o ponto de encontro, em que seja possível uma comunicação face a face. A escola poderá ser o lar de refúgio onde se encontrarão os homens que queiram se salvar;

Entre os extremos da massificação e do individualismo, a escola poderá ser o lugar onde a multidão seja desmassificada e o indivíduo personalizado. A escola deve ser a consciência crítica da sociedade. Ali deve ser pensado e repensado o social.

Guareschi (1975) comenta a suposta neutralidade da educação, dizendo ser esta “a pior das ideologias”. Diz que a escola, da forma como se apresentava naquele contexto, teria mesmo que desaparecer, dando lugar a uma educação “autônoma e libertadora”. Para isso, a escola precisa ser transformada. O autor contextualiza a educação na realidade dos monopólios da comunicação, da massificação e do consumo, apostando na escola transformada em “ponto de encontro” e de comunicação interpessoal, além de lugar para se pensar criticamente a sociedade.

Nos anos 1980, o professor universitário Aristides Cimadon aparece como um dos mais assíduos articulistas nos temas de educação do jornal Mundo Jovem. “Para onde caminha a educação?” é um artigo que intercala enunciação elocutiva e alocutiva, que revelam o posicionamento do autor e do periódico sobre os caminhos do ensino brasileiro. Cimadon (1982, p. 5).

Parece que os objetivos subjacentes da educação escolar pretendem formar um 'bom cidadão' que seja obediente, inativo e que aja impulsionado pelo 'apito' social ou aquele que forma uma consciência ingênua e submissa. Deste modo, a proposição organizacional da educação, seus conteúdos e métodos atuais tendem a fortalecer o estado desagregador da sociedade e valores tais como: exploração, expropriação e dominação ou então, manutenção do estado de ignorância e apatia de grande parte da educação.

São inúmeros os fatos que mostram ser a educação atual alienante. Desde a burocracia, que é a mais alta forma de censura, até os tipos de atividade que o professor faz com que os alunos em sala de aula podem ser uma forma de repressão. A educação alienante acontece em sala ou na escola, quando a professora enfeita as crianças de índios sem esclarecer-lhes a problemática indígena do Brasil.

Cimadon analisa “os objetivos subjacentes da educação escolar”, que levam à subordinação, ao condicionamento, à apatia e à alienação. Este modelo de educação, segundo o autor, não esclarece o aluno sobre o meio em que vive, deixando-o alheio à realidade e sem perspectivas de mudança.

Outro texto de enunciação predominantemente elocutiva, nos anos 1980, foi escrito por Moacir Gadotti, na época professor na Unicamp e PUC-Campinas, e escritor. O artigo “A educação rompendo as amarras”, (MJ, n. 159, out. 1983, p. 9-11) divide-se em duas partes. Na primeira, Gadotti situa o sistema educacional no contexto social e político brasileiro, destacando o autoritarismo e a tecnoburocracia:

“A situação educacional de um país é um prolongamento de um sistema social e político”;

“A política educacional do regime militar foi imposta autoritariamente como toda a política mais global. O caráter autoritário do regime fortaleceu o autoritarismo escolar”;

“O autoritarismo na escola é gerado, principalmente, pela legislação e pela burocracia”;

“Existe um medo generalizado de assumir responsabilidades sem se esconder atrás da lei. O legalismo é uma das faces do autoritarismo. As reuniões autorizadas nas escolas são, geralmente, só aquelas destinadas às informações e comunicações do que já foi decidido em instâncias superiores (a Secretaria da Educação)”;

“Tudo o que se refere à ocupação do espaço físico e político da escola encontra sempre numerosas barreiras. Nada é facilitado. É difícil encontrar espaço para o ensaio de uma peça de teatro, a utilização de quadras esportivas, etc.... Mas é mais difícil ainda para os professores e alunos formularem uma proposta educacional crítica”;

“A tecnoburocracia não apenas controla os aparelhos do Estado e a organização, mas impõe crenças e valores: sobrevaloriza o planejamento (controle) e o conhecimento técnico-organizacional, a hierarquia, a ordem, as estruturas, a impessoalidade, etc...”;

“Todo tecnocrata é conservador porque concebe as coisas e fenômenos estatisticamente, como funcionam hoje. Estabelece por isso normas fixas e abstratas, incrementa a massificação e a uniformização, reduzindo as possibilidades de participação efetiva dos indivíduos nas decisões políticas”;

“Com a tecnoburocracia escolar, a ‘autoridade’ do sistema torna-se onipresente e difusa, freando o ela e a criatividade. O que predomina é a razão técnica, que adormece o entusiasmo e a espontaneidade”;

“Os tecnoburocratas... não aceitam discutir valores, finalidades, ideologias. Para eles, as ideologias são irracionais (a tecnoburocracia é racionalista), expressões de paixões e interesses”;

“Dentro dessa concepção da educação (que é a concepção imposta pelo Governo hoje), o educador assume um caráter de agente de controle, defensor dos interesses do Estado dentro da escola e não defensor dos interesses da população diante do Estado”;

“Predomina a mentalidade da escola-empresa. Como empresa ela deve atingir certos objetivos através de certos meios... Evita-se, assim, relacionar concretamente a educação com a sociedade e perceber o quanto o rendimento escolar é condicionado pela origem sócio-econômica... Na escola-empresa... procura-se saber ‘se o aluno aprende’, se ‘é comportado’ (função técnica) e não ‘o que’ aprende e ‘porque’ aprende (função política)”;

“A liberdade na escola é um mito ou apenas uma semente que está brotando no interior da escola autoritária”;

“Se a escola oferecesse realmente o que os alunos aí procuram, não haveria necessidade de recorrer à disciplina, a sanções. O aluno perde o interesse diante de disciplinas que nada tem a ver com a sua vida, com as suas preocupações”;

“A escola autoritária esvazia-se de sentido, reduz-se a um combate estéril entre aqueles que precisam (por obrigação imposta) ensinar um pacote de conhecimentos fossilizados e aqueles que rejeitam esses mesmos conhecimentos”.

Neste discurso, o autor reproduz cenas e aspectos escolares, de modo narrativo, com um princípio de impessoalidade, com o intuito de convencer o leitor sobre o que é escrito, falando da necessidade de um posicionamento crítico diante da educação naquele contexto. Para Gadotti (1983), a educação acontece dentro de um contexto social e político determinado, como é o caso da ditadura militar, imposta ao país por mais de 20 anos. Na escola, a legislação e a tecnoburocracia fortalecem o autoritarismo escolar, herdeiro do autoritarismo militar. Neste contexto, conforme o autor, predomina o medo de assumir responsabilidades e propor mudanças e não há lugar para a espontaneidade e a criatividade. Além disso, para os “tecnoburocratas”, toda discussão de valores e finalidades da educação é encarado como uma “ideologia”, enquanto a tecnoburocracia seria “racionalista”. Predomina, nesta perspectiva, um ensino técnico e funcionalista, que não valoriza a vida e não atende aos interesses dos alunos.

Na segunda parte, o autor, demonstrando um posicionamento, aponta alternativas de mudança na educação, sob o seu ponto de vista:

“Entretanto, como a escola é um organismo vivo, não é a ilha de pureza sonhada pelos tecnocratas. A rigidez e a inflexibilidade burocrática não impedem por muito tempo a inovação pedagógica”;

“Pouco a pouco a escola descobre o seu potencial crítico, a sua capacidade de mobilização social e busca apoio não mais na burocracia estatal, mas na comunidade local. Onde um esforço nesse sentido foi feito, está nascendo hoje uma nova escola”;

“As propostas alternativas em educação (escolher democraticamente os dirigentes, autonomia para as escolas organizarem suas atividades e programas...) surgem hoje da sociedade civil, dos educadores organizados”;

“É possível fazer alguma coisa desde já. Ao lado da luta pela valorização da profissão e por melhores condições de ensino, os educadores levam hoje a luta pelo ingresso e permanência na escola que estão sempre à beira da exclusão. Os educadores tentam, mesmo sem o amparo do Estado, adaptar a escola às condições reais do nosso aluno”;

“Ao lado, portanto, do papel técnico de ensinar, o educador tem um papel político de mobilizar, organizar para a participação”.

Gadotti (1983), mesmo num contexto autoritário e de pouco lugar para a criatividade, aposta na “inovação pedagógica”. O “potencial crítico” da escola, acredita o autor, está no apoio da comunidade local, nos educadores e na sociedade civil organizada. Para isso, os educadores, ao mesmo tempo que lutam pela sua valorização, devem lutar pela inclusão na escola das crianças e jovens “que estão sempre à margem da exclusão”. Educar para a participação, adaptando a escola à realidade das crianças e jovens, é a missão dos educadores, diz o autor.

Nos anos 1990, repercutindo os debates e apontando saídas, o jornal Mundo Jovem destaca em seus textos, o tema da avaliação escolar. No artigo “Avaliação, repetência e evasão escolar”, (MJ, n. 242, maio 1993, p. 4) Jussara Hoffmann, professora e escritora - que se tornaria uma referência sobre avaliação no Mundo Jovem -, aponta os equívocos de uma avaliação tradicional e discriminatória:

O sistema educacional brasileiro funciona como uma verdadeira pirâmide, onde o processo de filtragem também ocorre através da avaliação tradicional e classificatória;

Qualquer proposta pedagógica de não-reprovação no ensino fundamental não pode ser entendida pelo professor como uma proposta de não-avaliação;

Os professores e a sociedade defendem a prática tradicional em nome de um ensino de qualidade. O que se observa, entretanto, e as estatísticas comprovam isso, é que de 300 alunos que se matriculam, por ano, numa escola pública, apenas 25 alcançarão a 8ª série do 1º grau. Apenas um ou dois entre esses cursarão o 2º grau;

A defesa de uma prática avaliativa classificatória é a defesa de educação comportamentalista – capitalista. E, pelo contrário, o compromisso com as classes populares exige do educador uma verdadeira aproximação com a realidade social e cultural dos filhos dos trabalhadores e das crianças marginalizadas;

Avaliar, nesse sentido, significa acompanhar para conhecer e sobretudo contribuir para o seu desenvolvimento. Muito diferente de registrar dados ou buscar provas quanto à sua capacidade;

O principal elemento da avaliação é sobretudo a ação desafiadora do professor, ‘mediadora’, provocando o aluno a encontrar melhores soluções para os seus problemas.

A autora faz uma crítica ao sistema educacional brasileiro, que funciona como uma pirâmide, onde a avaliação tem uma função classificatória. Critica a

prática tradicional de ensino e avaliação, com a finalidade de captar os sujeitos interpretantes que lêem os artigos do periódico, propondo “uma verdadeira aproximação com a realidade social e cultural dos filhos dos trabalhadores e das crianças marginalizadas”. Avaliar, para Hoffmann, é acompanhar e conhecer a realidade dos alunos, buscando as melhores soluções para os seus problemas.

Em outro texto de enunciação elocutiva e alocutiva, a pedagoga Maria do Socorro de Souza, de Fortaleza – CE dialoga com os leitores/professores do jornal Mundo Jovem, através do texto “Evasão e repetência, de novo!": Mundo Jovem (n. 268, abr. 1996, p. 3):

“É de fundamental importância a questão da evasão e repetência no contexto global da educação brasileira, que apresenta o nível de analfabetos de 19% e os que entram na escola não ficam ou ficam mais tempo por repetirem uma série até mais de uma vez”;

“No que se refere à evasão e repetência, os educadores tem muito o que mudar e para isto se faz necessário parar e pensar: por que os alunos evadem? ...”;

“Se os educadores mudarem sua postura diante da evasão e repetência, isto é, começando a fazer do pedagógico um instrumento, um meio para vivenciar cidadania, cooperação, participação, justiça, fraternidade e construção de conhecimento, não só estarão contribuindo com a mudança do mundo educativo, eliminando a evasão e a repetência, mas também contribuindo com a mudança do contexto global da sociedade”.

Souza posiciona-se ao dizer da importância da avaliação “no contexto global da educação brasileira”, dizendo e buscando a adesão dos sujeitos interpretantes para a necessidade uma mudança, a partir do questionamento “por que os alunos evadem?”. Para isso, propõe uma pedagogia como instrumento de “cidadania, cooperação, participação, justiça, fraternidade e construção do conhecimento”.

No temas sobre a educação do Mundo Jovem, nos anos 2000, predomina um discurso mais propositivo. Sem deixar de ser crítico em relação ao contexto educacional tradicional, o periódico relata experiências bem sucedidas e propõe alternativas para a educação. Miguel Arroyo, na época Secretário Adjunto de Educação na Prefeitura de Belo Horizonte, fala de “Esperança de uma nova escola”,

a partir dessas experiências nas administrações municipais e estaduais: Mundo Jovem (n. 303, fev. 2000, p. 15):

“Alguns fazem um discurso muito negativista da educação pública no Brasil, um olhar onde só se destacam problemas. Dizem que há uma baixa produtividade porque há muita reprovação; que a escola não ensina; que o professor não está qualificado; que a escola é um fracasso! Acho que este discurso tem uma intenção que é desprestigiar o público”;

“O que acontece é que o modelo de educação de qualidade que foi construído desde a última reforma, em 1971, através da lei 5692, fez muito mal ao país...”;

“Neste momento, de um lado, alguns estão querendo que este modelo de qualidade chegue à escola pública, outros estão querendo que este modelo de qualidade saia, inclusive, da escola privada. Porque esse é um modelo muito pobre e que na realidade nega à nossa infância, adolescência e juventude o direito à educação básica universal, o direito à cultura, ao saber e à aprovação dos valores, da identidade, o direito, enfim, a se desenvolverem enquanto seres humanos”;

“O salto qualitativo desta última década foi que algumas administrações municipais e estaduais optaram por valorizar estas práticas. E não só valorizar estas práticas significativas que já vinham acontecendo na escola, mas, sobretudo, articular estas práticas e a partir delas construir uma proposta pedagógica para toda a rede municipal ou estadual”;

“Não se trata, no entanto, do governo ter uma política muito avançada, levar para os professores, para as famílias e alunos e tentar envolvê-los. Pelo contrário, são os governos que têm que se envolver com estas experiências que estão acontecendo. E o que eles têm que fazer é respeitar esses professores, dar condições para que, estimulados e com recursos, construam, ampliem, radicalizem mais estas propostas”;

“O jovem tem direito ao conhecimento, a conhecer-se como sujeito humano, corpóreo, tem direito a ter um papel na sociedade. E estava sendo dado a ele apenas o direito de se qualificar para o mercado de trabalho”.

Para Arroyo, é preciso superar o discurso negativista sobre a educação pública brasileira. Diz que o paradigma construído a partir da reforma do ensino de 1971, propondo um “modelo de qualidade”, na verdade é um modelo que nega o direito das crianças, adolescentes e jovens desenvolverem-se culturalmente. O autor vê nas práticas locais, sobretudo a partir dos professores, familiares e alunos, os sinais e a realidade de uma mudança que já está acontecendo. Enxerga no jovem

potencialidades negadas, por um ensino preocupado apenas em qualificar para o mercado de trabalho.

Servir como veículo de comunicação que dá voz aos leitores para relatar suas experiências e posicionamentos, é uma prática cada vez mais presente no Mundo Jovem, nos anos 2000. No artigo “A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna”, a professora Raidalva Araújo de Queiroz Guimarães, de Barreiras – BA, posiciona-se sobre o papel da escola diante nas mudanças decorrentes da globalização: Mundo Jovem (n. 334, mar. 2003, p. 9):

“Certamente, a educação deve estar voltada para a autonomia, a ética, para a valorização da diversidade cultural, para a busca da identidade. Uma educação antropológica, que forme seres mais humanos e menos técnicos...”;

“Neste novo cenário, será preciso reconstruir o saber da escola, as relações interpessoais e a formação do professor”;

“A interdisciplinaridade seja o elo de ligação entre as várias disciplinas e seus respectivos professores e, a contextualização faça dos conteúdos algo significativo”;

“Acima de tudo, a proposta desta escola é que o educando seja realmente o centro do processo”;

“A reconstrução do saber, no horizonte da pós-modernidade, constitui-se num grande desafio, uma vez que este saber sempre esteve pronto e determinado dentro de uma ‘grade curricular’, inquestionável e inflexível, devendo ser cumprida fielmente por todos”;

“Sem uma formação adequada do professor, nada muda. Aqui reside o ponto crucial de todo processo: sem uma formação consistente, o educador não consegue conduzir com êxito o processo educativo da escola cidadã”;

“Mudar a educação não é algo que depende apenas de teorias revolucionárias ou da eficiência de novos métodos. Toda mudança em educação significa, antes de mais nada, mudança interior e, conseqüentemente, de atitude”;

“A educação está inserida em um contexto social, político e econômico. Por isso o professor não pode estar alienado dos acontecimentos do seu tempo. Daí a importância da formação ética e política no processo de conscientização das novas gerações, com relação aos problemas a serem enfrentados”;

“A escola, em hipótese nenhuma, pode isentar-se da sua mais importante função: social, política e cultural, preparando indivíduos capazes, que tenham uma visão de mundo com consciência crítica, para que possam agir e mudar esta mesma sociedade”.

Guimarães, neste discurso, quer captar os sujeitos interpretantes, professores, leitores do jornal Mundo Jovem, propondo uma educação para a autonomia, a ética e a valorização da diversidade cultural. Para isso, propõe uma educação interdisciplinar, onde o educando seja “o centro do processo”. No contexto da pós-modernidade, enuncia, é preciso reconstruir o saber, a partir de uma adequada formação dos educadores e de uma necessária mudança de atitude. Esta formação, para ser cidadã, precisa também ser ética e política, para fazer uma leitura dos acontecimentos do seu tempo, preparando indivíduos com consciência crítica para agir e mudar a sociedade.

3.2 TEXTOS DE COMPORTAMENTO ALOCUTIVO

As mensagens de comportamento alocutivo têm por finalidade, convidar o sujeito interpretante a identificar-se com uma imagem ideal de destinatário, exercendo uma ação, onde ele será ao mesmo tempo o beneficiário. O enunciador se apresenta de modo explícito, dirigindo-se ao destinatário como quem propõe um contrato de confiança. Nos artigos do jornal Mundo Jovem, a enunciação alocutiva aparece, sobretudo, através do uso da segunda pessoa do plural, aproximando o Eu comunicador do Tu destinatário e tornando-o cúmplice e parceiro do que é enunciado. No editorial “Lançai as Redes e os Professores”, a equipe de redação oferece os textos do periódico como instrumento de formação: “Lançai as Redes” (n. 7, nov. 1964, p. 4).

“Queremos agora nos colocar à disposição de todos os professores cristãos que se sentem responsáveis pela educação integral de seus alunos. Especialmente dos professores primários que não podem contar constantemente com as últimas novidades, devido aos seus múltiplos afazeres. Nós queremos apresentar-lhes algo de útil, algo que possa servir na orientação vocacional de seus pupilos”.

“Lançai as Redes”, nesta fase, um veículo de comunicação vocacional e religiosa, aproxima o seu discurso do professor/a, também preocupado em promover uma formação humana e cristã. O comunicador enuncia um papel de mediação entre os professores e “as últimas novidades”, ou seja, as informações atualizadas, às quais os educadores não têm acesso.

No artigo “A Reforma ainda desvinculada da realidade”, (MJ, n. 86, out. 1975, p. 5-7) Neumann convida os professores a olharem para o contexto social e da educação no país:

“Assistimos hoje no mundo inteiro a um assustador crescimento populacional (1,9%), motivo de alerta para os governantes e economistas para garantir a sobrevivência de toda esta gente”;

“Precisamos pensar nas reservas de empregos para atender a atual população e a de amanhã. Se já nos sentimos fracos para cuidar de 100 milhões de brasileiros, como vamos cuidar de 212 milhões?”;

“Aqui no Brasil, por longos anos estávamos acostumados a um ensino essencialmente catedrático, ou seja, teórico, sem muita preocupação de conciliar isto com a vida prática”;

“Portanto, precisamos montar um sistema de educação que pense em todos. Afinal, todos são importantes e indispensáveis nesta luta pelo bem estar geral”;

“Devemos reconhecer que a filosofia da Reforma foi certa e conduzida por um verdadeiro espírito de Reforma em toda estrutura do ensino básico do Brasil. Os erros apareceram em sua aplicação. E isto já era esperado. Afinal, somos marcados por uma estrutura escolar tradicional, com métodos retrógrados, com um povo descrente da Reforma após tantas promessas de ‘reformas’”.

O autor, através do uso da 2ª pessoa do plural, aproxima-se do leitor-intérprete, chamando para dividir consigo o contexto social da educação. As preocupações são o crescimento populacional e o emprego. Diante disto, diz que a educação não pode ficar alheia à vida e que é preciso superar o ensino tradicional, mesmo que a aplicação da “Reforma” esteja errando na sua aplicação.

Guareschi conversa com o público-leitor de Mundo Jovem através da forma de enunciação alocutiva Mundo Jovem (n. 86, out. 1975, p. 10-11):

“Gostaríamos de fazer umas considerações antes de falar dos condicionamentos da educação hoje, que são os condicionamentos do próprio homem da era da automação. E a primeira é a de que é impossível uma educação que seja neutra, isto é, que não traga em si algum juízo de valor”;

“Vejam, especificamente, alguns dos condicionamentos principais da educação hoje. E o grande, talvez o único, e mais abrangente de todos, é que a escola e, conseqüentemente, a educação, deixaram-se dominar pelo monstro da época, que é a sociedade de consumo, sempre acompanhada de sua guarda sagrada, que é a comunicação de massa, principalmente a propaganda”;

“Temos aqui, talvez, a principal acusação contra a escola hoje: a escola está formando ‘bons profissionais’ – ‘bucha para canhão’, ou está formando para a liberdade, para a autonomia, em suma, para a vida? Tem a escola capacidade de conservar sua tarefa crítica e criadora, dentro de um mundo abrangente e massificante?”;

“Por incrível que pareça: apesar de tudo, ainda achamos que mesmo que a escola tenha sucumbido à tentação de dar respostas, ainda assim a própria escola deve ser o lugar onde se possa libertar o homem”.

Guareschi comunica-se com o leitor, como numa conversa face-a-face, sobre “os condicionamentos da educação”: a sociedade de consumo e a comunicação de massa. Através de interrogações, o autor também aproxima-se do intérprete, fazendo do destinatário um cúmplice e responsável por uma educação que forma apenas “bons profissionais” ou que educa para a liberdade e a autonomia, conservando sua “tarefa crítica e criadora”. Conclui, convidando o leitor a acreditar que a escola possa libertar a pessoa humana.

Cimadon, na década de 1980, dialoga com os leitores sobre os rumos e a função da educação naquele contexto Mundo Jovem (n. 146, jun. 1982, p. 5):

“Os mais céticos, hoje, perguntam: existe verdadeiramente educação na sociedade atual? Em torno desta pergunta poderíamos discorrer longamente. Entretanto, queremos aqui refletir sobre alguns aspectos relativos à importância e ao papel da educação e renovação de valores”;

“Acreditamos firmemente que a função da educação escolar deva estar dirigida a orientar o homem, fazê-lo pensar o mundo e a si mesmo para que se descubra, desvele o mundo e descubra os outros como sujeitos de uma história social nova”;

“Vários exemplos mostram que a educação escolar atual é mantenedora da formação da consciência submissa. Acreditamos, entretanto, que a educação escolar poderá ser um caminho para a construção de uma mentalidade saudável, criativa e crítica”;

“Cremos que já é hora de, em conjunto, perguntarmos que tipo de educação estamos oferecendo às crianças e principalmente levarmos os pais a se interrogarem sobre a educação escolar que seus filhos recebem. Isso, porque as ações educacionais não são neutras...”

O comunicador usa palavras que sinalizam confiança, como “acreditamos”, “cremos” ao se referir ao papel da educação na renovação de valores. Além disso, a educação tem a função de desvelar a realidade e orientar as crianças e jovens para a vida, despertando uma “mentalidade saudável, criativa e crítica”. Conclui, levando os destinatários, sobretudo os pais, a questionarem a educação escolar de seus filhos.

Apresentando o texto de Gadotti como um “Suplemento Especial”, (MJ, n. 159, out. 1983, p. 9-11) provavelmente é a equipe de redação que escreve:

“Para conhecimento, reflexão e questionamento, estamos analisando o ensino, neste encarte especial, desde sua situação oligárquica, passando pela experiência popular do início da década de 60, caindo no autoritarismo dos últimos 20 anos, de onde está saindo com o renascimento, lutado, da democracia”.

O comunicador, a própria equipe de redação do Mundo Jovem, convida o leitor a uma análise do ensino no país, fazendo sua a reflexão do autor.

No artigo, de enunciação elocutiva, apenas numa frase, Gadotti (1983, p. 10) usa a segunda pessoa do plural, caracterizando um comportamento alocutivo “Como veremos, esse descompasso entre a proposta educacional imposta e os interesses dos alunos resultará em conflitos freqüentes nas escolas, entre professores, alunos e direção”.

Gadotti (1983), interrompe a enunciação elocutiva, para incluir o intérprete, ao dizer “como veremos”, chamando o leitor, os professores, a dividir as

conseqüências de uma educação imposta e que não respeita a realidade e os interesses dos alunos.

No artigo de Hoffmann “Avaliação, repetência e evasão escolar”, (MJ, n. 242, maio 1993, p. 4) ao usar a forma de tratamento “professor”, define e aproxima-se do destinatário, convidando-o ao compromisso, numa posição de engajamento:

Utopia, professor? Não, compromisso! Um compromisso avesso ao obstáculo, ao padrão pré-estabelecido, à eliminação de milhares de crianças da escola. Compromisso com a qualidade do ensino, direito da criança, obrigação da sociedade!

Como num diálogo de professora para professor/a, Maria do Socorro de Souza dialoga sobre o que é vivido na escola no Mundo Jovem (1996, p. 3):

Também lembramos bem alguns conselhos de classe, onde os professores afirmam: ‘este não tem condição de passar’, outros dizem: ‘ele não tem base. Brincou o ano inteiro, necessita reforçar mais estes conteúdos; infelizmente, este aluno não se recuperou!’...;

Refletindo sobre esta realidade, pode-se até tomar a mesma embarcação dos professores citados acima e reforçar a culpa por esta situação de fracasso no aluno, ou atribuir total responsabilidade no outro pólo do processo ensino-aprendizagem que é o professor, mas acreditamos que esta problemática é bem mais ampla. Ultrapassa os muros da escola: os profissionais são desvalorizados e as verbas ficam cada vez menores em nosso país.

Souza torna o interlocutor ainda mais próximo, ao descrever cenas do cotidiano da escola, como o conselho de classe, e ao lembrar os discursos mais freqüentes neste espaço. A autora convida à uma visão mais ampla sobre os problemas enfrentados na escola, que estão no contexto social do país.

Arroyo no artigo “Esperança de uma nova escola”, (2000, p. 15), a enunciação alocutiva é bastante usada no diálogo com seus interlocutores:

Podemos ter um outro olhar sobre educação e eu diria que, se olharmos com outro olhar, vamos descobrir que nos últimos 20 anos, desde o final dos anos 70 até hoje, estão acontecendo coisas extremamente ricas na educação brasileira;

Criamos uma imagem de qualidade da educação tendo por parâmetro uma educação utilitarista, mercantil, voltada apenas para preparar mão-de-obra para o trabalho, ou voltada apenas para preparar adolescentes, jovens que passassem no vestibular;

Uma nova concepção já vinha sendo gestada. Paulo Freire foi uma das pessoas que mais marcaram nesta direção. Acho que estamos num momento em que isto está questionando a escola, a concepção de qualidade que está imposta e estamos construindo uma nova concepção de qualidade, uma nova prática de educação;

Hoje nós não nos limitamos a criticar políticas e práticas que não nos agradam. Hoje temos um leque de alternativas na educação básica, muito rico e que está significando uma grande mudança na educação brasileira;

Acho que estamos vivendo um momento em que estamos recuperando algo que a nova LDB insiste muito, que a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do ser humano. Eu diria que estamos dando uma guinada de uma concepção mercantilista para uma concepção humanista;

No momento em que trabalhamos a escola por ciclos da vida humana, a infância, a adolescência, a juventude recuperam a sua centralidade. Elas deixam de ser tempos mortos, sem sentido na vida humana, tempos apenas de preparação para a vida adulta. A vida é também vivida em todas as fases e tem que ser vivida com a mesma dignidade.

Arroyo convida o leitor, através do destinatário, os educadores, a um outro olhar sobre a educação, que não aquele que só enxerga problemas e não as experiências alternativas que estão acontecendo. Alerta para a imagem criada em torno da “qualidade da educação”, mas que na realidade é a mesma de uma educação tecnicista e mercantilista. Porém, conforme o autor, a mudança já está acontecendo em direção a uma educação humanista, como nas experiências do ensino por ciclos da vida humana, onde “a vida é também vivida em todas as fases”.

No texto “A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna”, apesar do predomínio da enunciação elocutiva, Raidalva Guimarães (2003, p. 9), começa falando na segunda pessoa do plural e solicitando os destinatários “nós educadores”:

Vivemos no auge da globalização da economia e das comunicações, numa época marcada pelas contradições, individualismo e mudança de paradigmas. É, portanto, dentro desse cenário pós-moderno que a escola deve atuar, cenário este que impõe novos desafios para nós educadores. Qual deve ser a educação ideal neste contexto?

A interrogação também é uma forma alocutiva de aproximar-se dos leitores. A autora pergunta sobre a educação mais ideal num contexto globalizado e pós-moderno. Em debate, novamente, os paradigmas da educação.

3.3 TEXTOS DE COMPORTAMENTO DELOCUTIVO

Como esta é uma forma de enunciação caracterizada pela impessoalidade e distanciamento do enunciador com o destinatário, não é uma forma muito usada nos textos do periódico Mundo Jovem, marcado por textos que valorizam a interlocução dos destinatários e intérpretes do discurso. A enunciação delocutiva é usada apenas em alguns textos para acrescentar alguma informação que possa ajudar na argumentação do comunicador, como estas em Mundo Jovem (n. 86, out. 1975, p. 5) e n. 268, abr. 1986, p. 3).

“O Brasil, em expansão industrial, exige um elevado número de técnicos especializados em todos os campos”;

“Entre os países das Américas, o Brasil é superado em relação à repetência apenas por Haiti, Guatemala e República Dominicana”.

O uso reduzido do modo de enunciação delocutivo, no jornal Mundo Jovem, demonstra o caráter mais formativo e cultural do que informativo do periódico. As informações são importantes, mas sempre num contexto histórico e não episódico, e num contexto de formação da consciência crítica e não da informação pela informação. Além disso, o veículo prioriza a interação com os seus interlocutores.

4 INTERPRETAÇÃO E REINTERPRETAÇÃO

Enquanto os métodos da análise discursiva dividem, desconstróem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica, segundo Thompson (2002, p. 375), “a interpretação constrói sobre esta análise, como também sobre os resultados da análise sócio-histórica”

Porém, este é um movimento novo, uma síntese e uma “construção criativa” do significado, ou seja, uma “explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito” (THOMPSON, 2002, p. 375). Para o autor, a interpretação ajuda o analista “a ver a forma simbólica de uma maneira nova, em relação aos contextos de sua produção e recepção e à luz dos padrões e efeitos que a constituem” (THOMPSON, 2002, p. 375).

Pelas informações que contém, os conteúdos expostos permitem passar à formulação e à verificação de respostas pertinentes às indagações levantadas na introdução deste trabalho, através da Hermenêutica de Profundidade, pois “este referencial coloca em evidência o fato de que o objeto da análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação” (THOMPSON, 2002, p. 355). Após identificado o contexto sócio-histórico da comunicação e da educação, como também promovida a análise da enunciação discursiva das formas simbólicas deste objeto de estudo, o jornal Mundo Jovem, chega-se à terceira fase da aplicação do método da Hermenêutica de Profundidade, a fase da interpretação/reinterpretação. Nesta fase, relaciona-se a análise extraída dos textos do periódico ao contexto sócio-histórico e à sua condição atual.

Para Thompson, as formas simbólicas ou discursivas possuem um “aspecto referencial”, ou seja, são construções que representam e dizem alguma coisa sobre algo. É, sobretudo, neste “aspecto referencial” que Thompson sugere a procurar elementos para um processo de interpretação, pois, este processo é, também, simultaneamente um processo de reinterpretação, pois as formas simbólicas-objeto de interpretação, são parte de um campo pré-interpretado pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. Diz Thompson (2002, p. 376), “as formas

simbólicas podem ser analisadas mais além, em relação tanto às suas condições sócio-históricas como às suas características estruturais internas, e elas podem, por isso, ser reinterpretadas”.

Nesta fase, a ordem para apresentação e interpretação/reinterpretação dos textos obedece ao critério dos períodos históricos de sua produção, diferente da análise formal ou discursiva, onde o critério foi conforme os modos de enunciação, embora no seu desenvolvimento se observe também esta evolução histórica.

4.1 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1960

Na análise formal ou discursiva, o artigo “Lançai as Redes e os professores”, apresentado como uma enunciação de comportamento alocutivo, em que o comunicador aproxima-se e quer o destinatário como cúmplice, as exigências de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade, propostas por Charaudeau, são apresentadas de forma precária. Com relação à visibilidade, talvez pela carência de recursos técnicos na época, 1964, o corpo da letra muito pequeno dificulta a leitura; também a legibilidade fica prejudicada, pois o texto é dirigido mais especificamente aos professores interessados na questão vocacional; e a inteligibilidade é dificultada pela ausência de argumentos que digam o como e o porque de uma “orientação vocacional de seus pupilos”.

No aspecto educacional, o texto parece apresentar-se numa perspectiva tradicional, que privilegia um aspecto da educação, o vocacional, sem relação com o cotidiano do jovem. Ainda não se observa, neste texto, a opção por uma educação popular, crítica e libertadora, embora esteja implícita uma educação integral e humanista, como era próprio daquele período histórico em que o ensino não havia sido universalizado. A repercussão, no jornal Mundo Jovem, da perspectiva crítica da educação, de Paulo Freire e outros autores, viria somente nas décadas posteriores. O que fica, deste período é a preocupação e a divulgação de valores, como a importância da família e dos laços sociais e comunitários, bem como da promoção de uma educação integral e humanista.

4.2 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1970

Na década de 1970, dois textos analisados, “A Reforma ainda desvinculada da realidade”, de Neumann, e “a educação está comprometida com o meio (mas só a escola ainda poderá salvar o homem)”, de Guareschi (1975) apresentam modos de enunciação elocutivo e alucutivo, ou seja, tomam posicionamento sobre o tema e convidam o interpretante a ser cúmplice deste posicionamento. São textos que atendem, com maior eficácia, as exigências de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade, sobretudo por estarem inseridos nos contextos de mudanças na comunicação e na educação, conforme a descrição na análise sócio-histórica, acentuando sua importância no aspecto referencial. Neste aspecto, Mundo Jovem, além do espaço eclesial e vocacional, chega e torna-se referência nos grupos de jovens e nas escolas, como instrumento de reflexão e debate de novidades na educação. Num período de carência de fontes confiáveis de informação alternativa, que dêem conta das informações e novidades no campo eclesial, social e político, na comunicação e na educação, Mundo Jovem cresce entre os leitores como veículo impresso de comunicação, pioneiro na divulgação de idéias novas. Se, para a maioria das pessoas, os fatos que acontecem além do seu meio social imediato, são conhecidos através da recepção das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa, o jornal Mundo Jovem exerceu, para muitos educadores, esta função mediadora.

Na comunicação, a busca e a valorização de uma comunicação participativa, repercute no Mundo Jovem, que busca na interlocução com seus leitores, os fundamentos para um discurso situado na realidade. A crítica aos meios massivos que, segundo Silva (1971) perpetuam a dependência dos países neo-colonizados, tem influência no discurso sobre educação, como na afirmação de Guareschi: “em nossa época a comunicação não faz apenas ordeiros e obedientes, mas penetra no íntimo das consciências, moldando, plasmando populações inteiras através dos meios de comunicação de massa” (MJ, n. 86, out. 1975, p. 10-11). Por outro lado, Mundo Jovem, no contexto das mudanças da Igreja Católica na América Latina, vai afirmando a necessidade de um processo comunicacional e dialógico no interior das comunidades, pois, segundo Freire, “a educação é comunicação, é diálogo, na

medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (2002, p. 69).

Nos anos 1970, a entrada no mercado de trabalho possibilitou aos jovens o acesso aos bens de consumo, desenvolvendo formas diferentes de viver seu tempo livre e de lazer. Os jovens passam a criar suas próprias expressões culturais, ampliando o universo simbólico juvenil. Porém, a escola não acompanhou estas mudanças. Guareschi interroga, “a escola está formando ‘bons profissionais’ – ‘bucha para canhão’, ou está formando para a liberdade, para a autonomia, em suma, para a vida? Tem a escola a capacidade de conservar sua tarefa crítica e criadora, dentro de um mundo abrangente e massificante?” (MJ, n. 86, out. 1975, p. 10-11). Por muito tempo, ainda, a escola permaneceria como lugar onde a vida e os anseios dos jovens não são valorizados.

Com as reformas no ensino, a tônica volta-se para a preparação do jovem para o mercado de trabalho, acentuando o saber prático e desvalorizando a formação filosófica e universalista. O ensino, neste contexto, é reduzido a um processo de treinamento e instrumentalização, como detectara, em parte, Neumann: “a formação profissional do 2º grau, além da obrigatoriedade de outras disciplinas, está provando que não está formando nem profissionais e nem bons vestibulandos” (MJ, n. 86, out. 1975, p. 5-7).

O contexto social e político, neste período, é de ditadura militar e de cerceamento da liberdade. Neste ambiente há pouco lugar para a criatividade e a inovação pedagógica nas escolas. O discurso predominante é de contestação e denúncia diante dos abusos do poder autoritário. O próprio jornal Mundo Jovem repercute esta forma de comunicação, embora veiculando uma perspectiva crítica, com caráter de transformação e não de imobilismo.

4.3 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1980

Os artigos de Cimadon (1982), “Para onde caminha a educação?”, e de Gadotti (1983), “A educação rompendo as amarras”, intercalam enunciação de comportamento elocutivo e alocutivo, procurando elucidar e apontar alternativas para a educação brasileira.

Nos anos 1980, com o aperfeiçoamento e a disponibilidade de recursos técnicos e humanos, Mundo Jovem atende melhor às exigências de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade. O periódico expande seu público, firmando seu espaço no mundo da educação.

A comunicação, neste período, cada vez mais “é produzida industrialmente, como qualquer outro produto da sociedade de consumo, por isso é correto afirmarmos que a produção cultural da sociedade capitalista é realizada pela indústria cultural” (MJ, n. 180, abr. 1986, p. 10). Mas, a mídia não tem o monopólio da educação e proposição de valores. Então, a perspectiva que vai se afirmando é a mediação na recepção das mensagens produzidas nos meios de comunicação de massa. A escola, neste contexto, exerce um papel fundamental na formação da consciência crítica e de valores culturais, como esperava Cimadon (1982, p. 5).

Vários exemplos mostram que a educação atual é mantenedora da formação da consciência submissa. Acreditamos, entretanto, que a educação escolar poderá ser um caminho para a construção de uma mentalidade saudável, criativa e crítica.

A própria Igreja Católica, através da Conferência dos Bispos, em Puebla, 1979, enxerga na comunicação social, “um dos fatores em jogo na situação de conflito social que vive a América Latina” (*apud* SPOLENITI, 1985, p. 173). O contexto, aqui, é o da redemocratização da sociedade brasileira após 20 anos de ditadura militar. Este ambiente exige uma leitura adequada das transformações que estão acontecendo, uma tarefa exigida dos meios de comunicação alternativos, que se multiplicaram nesta década. Para Marques de Melo, cabe aos veículos alternativos, “ir além dos fatos,

mostrando o que há por trás deles a fim de que, num papel educativo, a população comece a participar mais dos acontecimentos”. (MJ, n. 180, abr. 1986, p. 11). Este é um aspecto muito importante no debate sobre os meios de comunicação alternativos, ou seja, a tarefa de ir além da informação ou mesmo da restrição à abordagem de assuntos específicos do público-alvo. Uma comunicação que exerce um papel educativo deve tratar de questões relativas à vida na sua complexidade, pois esta compreensão é condição do direito à comunicação.

No campo da educação, os anos 1980 são marcados por um amplo debate, proporcionado pelo ambiente de transição para a democracia. A Constituição de 1988 traz avanços significativos, no sentido de uma educação mais integral e menos tecnicista, como nas reformas anteriores. O jornal Mundo Jovem, neste contexto, além de denunciar os modelos tradicionais e liberais de ensino, sedimentados durante o regime militar, aponta para um ensino democrático, crítico e libertador. A escola está “rompendo as amarras” da tecno-burocracia e do autoritarismo, sobretudo a partir do interesse e da valorização que os professores, pais e alunos começam dar à educação. Neste ambiente, de conscientização das pessoas a exercerem o seu papel de sujeitos, desenvolvendo o senso crítico, Mundo Jovem é um instrumento e um canal de comunicação para a educação em todo o país.

4.4 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 1990

A análise dos textos “Avaliação, repetência e evasão escolar”, de Hoffmann, e “Evasão e repetência, de novo!”, de Souza, juntamente com análise sócio-histórica dos anos 1990, levanta muitos aspectos para interpretação. Diante de um sistema de ensino e de avaliação classificatórios, por exemplo, Hoffmann (1993) propõe outro modelo, exigindo do educador “uma verdadeira aproximação com a realidade social e cultural dos filhos dos trabalhadores e das crianças marginalizadas” (MJ, n. 242, maio 1993, p. 4).

O jornal Mundo Jovem, nesta década, já se afirmara como veículo de comunicação e educação, e era usado como subsídio de formação complementar em

sala de aula. É uma década, também, onde existe maior interlocução e uma diversidade de opiniões no debate sobre educação. Se, nos anos anteriores, pelo ambiente gerado durante a ditadura militar, as vozes soavam em uníssono, clamando por democracia, nos anos 1990, mais atores entram em cena, numa pluralidade de idéias. O jornal Mundo Jovem, neste cenário, é mais uma referência, embora com as suas particularidades e importância, no debate sobre os temas da educação.

O contexto brasileiro, neste período, sem o apoio da ditadura militar, revela traços de profunda exclusão. Uma grande parcela da população, cerca de 35 milhões, ficara excluída do desenvolvimento econômico que levou o país à condição de oitava economia mundial. Excluídos do emprego, da saúde, da educação, enfim, sem condições de levar a vida com dignidade e fazer projetos para o futuro. Neste ambiente, nascem e crescem muitos jovens, o que chegaria a caracterizar uma “onda jovem”. Conforme Oliveira, “vivemos em 2000 um inédito pico demográfico do número de adolescentes, calculado em cerca de 50 milhões na faixa etária de 10 a 24 anos” (2001, p. 54).

A baixa escolaridade é uma das maiores causas da pobreza no Brasil, onde se apresenta uma realidade contraditória. Por um lado, aumentou o número de crianças na escola, passando, nos anos 1990, de 80% para 97%. Por outro lado, os índices de repetência e evasão entre as crianças e jovens mais pobres eram muito altos, o que fazia com que o país não conseguisse mantê-los na escola e nem garantir a sua aprendizagem. Dos 33,5 milhões de crianças matriculadas no ensino fundamental, em 2005, conforme o Ministério da Educação, 10,5 milhões estavam matriculados em séries incompatíveis com a sua idade. Esses, que já experimentaram o fracasso escolar, geralmente ficavam desestimulados a continuar os seus estudos, abortando desde muito cedo a oportunidade de inclusão de muitas crianças e jovens através da educação.

O Brasil está numa encruzilhada, especialmente para a população juvenil, de 16 a 24 anos. De um lado, a escola não atrai, de outro, o mercado de trabalho não os aceita. É esta realidade que exige, conforme Hoffmann, “uma verdadeira aproximação com a realidade social e cultural dos filhos dos trabalhadores e das crianças marginalizadas”. Também para Socorro de Souza, esta problemática é mais ampla e “ultrapassa os muros da escola” (MJ, n. 268, abr. 1996, p. 3). São desafios

relacionados ao contexto geral do país. O tema da “avaliação, repetência e evasão”, portanto, não é um problema somente da escola, mas da estrutura da pobreza no Brasil, de onde vêm a maior parte das crianças e jovens que não aprendem ou evadem da escola. Discutir o papel da educação numa sociedade tão desigual, como a brasileira, é compreendê-la como uma grande possibilidade que faz a diferença no que se refere à distribuição das oportunidades, como também na promoção e manutenção dos sistemas de exclusão. Nesse contexto, a escola não pode ficar olhando apenas para o fracasso do aluno, conformando-se com a sua pretensa incapacidade, numa relação autoritária do professor-aluno.

Como se vê este é um debate que precede o tema da finalidade da educação, se busca um saber prático ou generalista. Mas, o que Hoffmann propõe, como “avaliação mediadora”, provocando o aluno a encontrar melhores soluções para os seus problemas, sinaliza para uma educação que integre os diferentes aspectos da vida do jovem. Ou seja, as preocupações com o contexto social de onde ele provém, o sentido da educação na sua vida, os horizontes e projetos possíveis de serem vislumbrados. Um pensamento mais complexo, conforme Moraes (2004, p. 27), “que busca a totalidade, as interações, a integração para o encontro de soluções para os problemas e os desafios apresentados”.

4.5 MUNDO JOVEM E A EDUCAÇÃO – ANOS 2000

Os artigos “Esperança de uma nova escola”, de Arroyo, e “A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna”, de Queiroz Guimarães, de enunciação predominantemente elocutiva, são textos que apontam para valores importantes no contexto da educação na virada do milênio, como a esperança e a cidadania.

Esta década presencia rápidas transformações, o que a caracteriza não mais como “uma época de mudanças, mas uma mudança de época”. As transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico nos meios de informação e comunicação, interferem no processo educativo de forma desafiadora. A escola também precisa transformar suas práticas e hábitos tradicionais,

propiciando aos educandos o desenvolvimento cultural, científico e humano. Precisa desenvolver uma pedagogia da práxis, na medida em que o ser humano, ser criador e sujeito da mudança, transforma o mundo.

Neste ambiente, o aluno passa a ser visto como aquele que aprende, o jovem como aquele que se expressa na sua realidade, que constrói o conhecimento não apenas usando o seu lado racional, mas também utilizando todo o seu potencial criativo, o seu talento, a sua intuição, o seu sentimento, as suas sensações e emoções. Como no dizer de Arroyo, para quem “o jovem tem direito ao conhecimento, a conhecer-se como sujeito humano, corpóreo, tem direito a ter um papel na sociedade. E estava sendo dado a ele apenas o direito de se qualificar para o mercado de trabalho” (MJ, n. 303, fev. 2000, p. 15).

É preciso compreender, na prática, o efeito humanizador, socializador e transformador dos processos educativos, imprescindíveis no desenvolvimento de novas atitudes e práticas dos sujeitos sociais. A educação é um processo eminentemente social, onde a criança e o jovem exercem hábitos, desenvolvem atitudes e assimilam valores na interação com seus semelhantes. No modelo atual da educação, no entanto, vigoram ainda estruturas advindas do iluminismo, com ênfase na formação de um sujeito individualizado e na dimensão cognitiva da pessoa, prescindindo de outras questões importantes para a vida humana na sua relação com os outros. A nova LDB abriu espaço para os temas transversais nos currículos escolares, como a educação para a comunicação, mas que ainda precisam ser aplicados na prática educativa. Segundo Guimarães, “neste novo cenário, será preciso reconstruir o saber da escola, as relações interpessoais e a formação do professor” (MJ, n. 334, mar. 2003, p. 9).

Refletir sobre o lugar da escola, hoje, é pensá-la como uma instituição importante na vida das crianças, adolescentes e jovens, inserida numa sociedade plural, democrática e globalizada. É importante perceber as questões do universo dos alunos como mediações que constituem o ambiente escolar, exercendo a capacidade crítica. É necessário organizar estratégias de ensino-aprendizagem que permitam fazer da escola um lugar de comunicação, de afirmação de identidades, considerando as diferenças existentes.

CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi o de analisar a produção e o discurso do periódico Mundo Jovem sobre educação, destacando as percepções da realidade educacional brasileira e identificando as marcas deste pensamento educacional no discurso do jornal, no período entre 1963 e 2005.

Para alcançar este objetivo, este estudo buscou nas fontes históricas do próprio impresso, nos textos, matérias, cartas e diálogos, o material necessário para a percepção das marcas discursivas do veículo de comunicação. A pesquisa aqui apresentada teve a intenção de desvendar o pensamento educacional produzido e veiculado pelo jornal Mundo Jovem, a partir de artigos publicados no período pesquisado, o que é caracterizado por Charaudeau como o contexto social e cultural, ou espaço externo do ato de comunicação, conforme um saber ligado ao conhecimento do impresso sobre a educação brasileira.

Para isso, foi apresentada uma descrição dos artigos produzidos em cada década, bem como a sua contextualização histórica, tanto educacional, como sócio-política, cultural, religiosa e comunicacional, ou seja, o contexto amplo em que esta produção discursiva teve lugar. A opção pela metodologia da Hermenêutica de Profundidade, de John Thompson, e pela técnica de análise da enunciação, de Patrick Charaudeau, foram fundamentais, pois, através desta opção, foi possível identificar, analisar e interpretar as marcas enunciativas mais presentes no discurso do periódico. As marcas encontradas são discursos posicionados em defesa de um paradigma de educação que, mesmo adaptando-se aos diferentes contextos, seguiu sempre como um paradigma crítico, popular e libertador.

Com auxílio da Hermenêutica de Profundidade, foi realizada uma pesquisa sócio-histórica, através de categorias que demarcam os ambientes da produção discursiva do Mundo Jovem. Primeiro, a análise das formas simbólicas, ou seja, dos próprios textos e falas (espaço interno) que constituíram o periódico como um “construto significativo” reconhecido e representativo no universo da educação de jovens no Brasil. A segunda categoria analisada foi a mídia impressa, concluindo-se

que Mundo Jovem, com características de uma revista, com periodicidade mensal, destinada a jovens, estudantes e professores, com a missão de servir de complemento cultural na educação e provocar o debate de conteúdos e idéias, nasceu e cresceu num ambiente de mudanças na comunicação. Vive-se, hoje, na era da informação. Essas mudanças e suas repercussões no ambiente eclesial, onde o impresso teve origem, foram assimiladas e também debatidas nas suas matérias.

Em terceiro lugar, na análise da cultura, educação e juventude, conceitos largos, mas que constituem um universo sócio-histórico importante para este veículo de comunicação na educação dos jovens. O que se constata da análise realizada, é que os conceitos de educação e juventude só podem ser entendidos dentro da compreensão do contexto da cultura moderna, onde a produção e a circulação das formas simbólicas se tornaram e são, cada vez mais, parte de um processo mercadológico, onde parece não haver alternativas fora desse processo. O jornal Mundo Jovem, por veicular sem publicidade e por tomar posição nos temas tratados, ajudou seus interlocutores a compreender a educação como um processo dialógico e interativo, superando a fragmentação e o isolamento da educação tradicional e tecnicista. Trata-se de uma proposta que busca a integração para o encontro de soluções para os problemas e os desafios que se apresentam. Se a socialidade é uma característica dos jovens atuais, também mais livres das amarras e formalismos próprios da cultura tradicional, imposta na modernidade, o periódico Mundo Jovem não deixou de convidá-los à organização e compromisso com as transformações necessárias.

Por último, mas sem menor importância, o jornal Mundo Jovem, como veículo de comunicação popular e alternativa, nasceu e se afirmou sob uma perspectiva crítica diante das relações assimétricas de poder, defendendo os grupos marginalizados e excluídos. A permanência no tempo, 45 anos, de um veículo que deixa de ser um boletim vocacional e vai se constituindo numa revista de educação, mostra que a comunicação popular e alternativa, mantendo equilíbrio e coerência editorial e adaptando-se às novas condições sócio-históricas, pode sustentar-se, mesmo em contextos em que a instabilidade é o mais comum entre esses meios.

Através da análise da enunciação dos artigos selecionados como corpus desta pesquisa, pode-se perceber a predominância da enunciação de comportamento elocutivo, como afirmação de idéias para a educação defendidas pelos articulistas e pelo próprio veículo; e da enunciação de comportamento alocutivo, onde os autores e o periódico convidam os leitores a comungar dos paradigmas que propõem para a educação. Com base nas evidências históricas e na interpretação/reinterpretação do material empírico, os artigos sobre educação analisados, foi possível concluir que o jornal Mundo Jovem contrapõe-se aos modelos tradicionais, liberais e tecnicistas de educação, ao mesmo tempo em que propõe uma educação popular, crítica, democrática, autônoma e libertadora. Ao fazer essa defesa, Mundo Jovem anda na contramão dos veículos de comunicação, supostamente neutros, que não se posicionam.

Na elaboração deste trabalho, foi uma tarefa difícil “observar à distância”, como pedia Charaudeau (2006, p. 29), por estar mergulhado no dia-a-dia da produção do jornal, e por ter a sua veiculação como um projeto de vida, uma missão de levar idéias de mudança para os jovens em formação. Ainda mais num contexto em que a informação e o conhecimento são tão decisivos, fazendo a diferença na vida de quem está fazendo as suas escolhas. No caso do Mundo Jovem, trata-se mais de um veículo que procura abrir o debate, levantar questionamentos e buscar alternativas, antes de dar respostas conclusivas. O periódico faz isso, abordando temas da realidade social, política, econômica, cultural e religiosa, e convidando o leitor a posicionar-se diante dos acontecimentos, valores e projetos em disputa na sociedade.

Analisar o periódico Mundo Jovem como sujeito enunciador, construtor da mensagem, foi como colocar-se numa teia feita de discurso, história, educação e juventude, verificando a possibilidade de um novo tratamento da mídia na relação com estes temas. Como uma revista, que aprofunda os assuntos, Mundo Jovem tem um papel importante para o debate em sala de aula, para uns como “livro-texto”, para outros como complemento das disciplinas curriculares, enfim, como um subsídio de informação e formação cultural, que democratiza um conhecimento inacessível a muitos jovens e educadores.

Com isso, este veículo impresso de comunicação cumpre uma função diferenciada de jornalismo cultural, que faz pensar e refletir sobre a realidade e não apenas reproduz e transmite uma determinada cultura. Cumpre o papel de elevar o nível cultural dos jovens e educadores e não de transformá-los em meros espectadores. Hoje, cada vez mais, a escola e a educação devem ser entendidas como um espaço de comunicação, dentro da cultura que emerge da era da informação, pois, sem a relação comunicativa e dialógica entre os sujeitos sociais, não há processos de ensino-aprendizagem capazes de imprimir nos jovens o espírito crítico e a autonomia tão necessários no contexto atual. Também é importante dar à comunicação uma intencionalidade educativa, através do uso democrático das mídias e da ampliação da capacidade expressiva das pessoas. Esta interação, no periódico Mundo Jovem, entre comunicação e educação é a conclusão mais relevante desta pesquisa.

Na sua história, Mundo Jovem teve uma mudança significativa, saindo de um boletim vocacional para uma revista direcionada ao mundo da educação. Cada etapa foi importante na construção da sua identidade. Se, no início, a ênfase era no chamamento vocacional, este fato cultivou um espaço e aceitação do veículo como um impresso de orientação cristã, junto às comunidades e lideranças eclesiais. Muitas assinaturas, até hoje, são feitas através de paróquias, comunidades religiosas e escolas católicas que comungam e divulgam as idéias veiculadas pelo jornal. Depois, junto às lideranças juvenis de grupos de jovens, adquiriu a identificação com o mundo juvenil. Também imerso na história do desenvolvimento da comunicação cristã na América Latina, teve a sua identidade marcada pelas mudanças e relações neste campo.

Na educação, na interlocução com os professores, o periódico acompanhou e se posicionou diante das mudanças pedagógicas e da sua legislação. O discurso do veículo sempre foi crítico, pois a educação, salvo as experiências e propostas dialógicas e libertadoras, gestadas por organizações e educadores comprometidos com as classes populares, sempre foi uma educação que atendia aos interesses dominantes, sejam estes de submissão política e cultural, ou de domesticação para o trabalho. Porém, o discurso do jornal não deixou de enxergar as mudanças que vinham ocorrendo, como a universalização do acesso das crianças ao ensino

escolar e a legislação atual, mais favorável a um ensino humanizador. Nesse ambiente, surgiram propostas novas, como diz Arroyo: “Hoje não nos limitamos a criticar políticas e práticas que não nos agradam. Hoje temos um leque de alternativas na educação básica, muito rico e que está significando uma grande mudança na educação brasileira” (MJ, n. 303, fev. 2000, p. 15).

Hoje, com uma proposta de produção e divulgação de idéias e conteúdos relacionados à realidade juvenil e educacional, Mundo Jovem, pela sua natureza interdisciplinar, carrega o desafio de ser um instrumento que provoca o jovem ao aprofundamento e questionamento de seus conhecimentos e interesses. Na comunicação, o desafio é o da interatividade, pois a ausência de interação emissor-receptor ainda é uma marca da comunicação contemporânea. Na relação da comunicação com a educação, o jornal Mundo Jovem, pela trajetória analisada nesta pesquisa, pode ser um espaço para promover a formação cultural do jovem, desenvolvendo a sua consciência crítica.

REFERÊNCIAS

A) LIVROS

BARBOSA, Marialva. História e Marxismo: as idéias comunicacionais latino-americanas. In: MELO, J. M., GOBBI, M. C.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas**. São Bernardo do Campo: UESP, 2002.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e discurso, modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas juvenis às pós-subculturas juvenis – música, estilo e ativismo político. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 138-166, jan./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; SHOR, Iva. **Medo e Ousadia, cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho, perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GOMES, Pedro G. Contribuições do cristianismo para as idéias comunicacionais da América Latina. In: MELO, J. M. GOBBI, M. C.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Matrizes comunicacionais latino-americanas**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia social crítica como prática de libertação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia crítica, alternativas de mudança**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

GUTIERREZ, Luis I. S. Medellín, 1968: Crisol de una nueva comunicación para a América Latina. In: MELO, J. M. GOBBI, M. C.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Matrizes comunicacionais latino-americanas**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2004.

LEITE, M. H; SOUSA, M.W; GIOIELLI, R.P; MATHIAS, J.R. Mediações sociais e práticas escolares. In: SOUSA, Mauro W. (Org.). **Recepção mediática e espaço público**. São Paulo: Paulinas, 2006.

López, Daniel A. H. Vigencia del pensamiento de Marx sobre comunicación en América Latina. In: MELO, J. M. GOBBI, M. C.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Matrizes comunicacionais latino-americanas**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção, ensaios sobre comunicação, corpo e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo, identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de Cartógrafo, travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. **Curso general de redacción periodística**. Madrid: Paraninfo/Thomson Learning, 2001.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papyrus, 2004.

NEUMANN, Laurício. **A educação e a imprensa alternativa: a experiência do Jornal Mundo Jovem**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, PUCRS, 1986.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no inferno, a violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: AnnaBlume, 2001.

PERUZZO, CECÍLIA M. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Ludovico. **Teoria y práctica de la ideología**. México: Nuestro Tiempo, 1971.

SOARES, Ismar de O. Do marketing da fé à gestão comunicativa comunitária: Uma reflexão sobre os recentes caminhos da Igreja. In: MELO, J. M. GOBBI, M. C.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Matrizes comunicacionais latino-americanas**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

SPOLENITI, Benito. **Comunicación e Iglesia latino-americana**. Buenos Aires: Paulinas, 1985.

STEFFENS DE CASTRO, Maria Helena. **O literário como sedução: a publicidade na Revista do Globo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002b.

B) JORNAIS

A BUSCA DE novos caminhos. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 77, out. 1974. p. 4.

ARROYO, Miguel. Esperança de uma nova escola. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 303, fev. 2000. p. 15.

CIMADON, Aristides. Para onde caminha a educação? **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 146, jun. 1982. p. 5.

EDITORIAL. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Famecos/PUCRS, n. 53, mar. 1972. p. 2.

_____. **Mundo Jovem**, Viamão, n. 36, out. 1969. p. 3.

EDITORIAL. **Mundo Jovem**, Viamão, n. 44, mar. 1971. p. 3.

ELES QUEREM incendiar o mundo. **Lançai as Redes**, Viamão, n. 30, out. 1968. p. 1.

EXPEDIENTE. **Mundo Jovem**, Viamão, n. 41, set. 1970. p. 2.

GADOTTI, Moacir. A educação rompendo as amarras. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 159, jun. 1983. p. 9-11.

GOMES, Pedro Gilberto. "Espaço de comunicação". **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 194, nov. 1987, p. 10-14. [Opinião de colaboradores].

GUARESCHI, Pedrinho. A educação está comprometida com o meio (mas só a escola ainda poderá salvar o homem). **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 86, out. 1975. p. 10-11.

_____. Os meios de comunicação e o massacre da cultura. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 163, maio 1984. p. 10-11.

_____. Jovem, esperança de um Brasil novo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 239, nov. 1992. p. 13.

GUIMARÃES, Raidalva A. Q. A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 334, mar. 2003. p. 9.

_____. Uma metáfora da vida social. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 340, set. 2003. p. 16.

HACK, José Lino. Educação e Juventude. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 174, jul. 1985. p. 14.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação, repetência e evasão escolar. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 242, maio 1993. p. 4.

IGREJA: OPÇÃO preferencial pelos pobres. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 125, mar. 1980. p. 2-3.

KRONBAUER, Gilberto. Método Paulo Freire (entrevista). **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 202, out. 1988, p. 12-13.

LANÇAI AS REDES e os professores". **Lançai as Redes**, Viamão, n. 7, nov. 1964. p. 4.

MARQUES DE MELO, José. A responsabilidade de educar, indo além dos fatos. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 180, abr. 1986. p. 11.

- MARTENDAL, Ari. Editorial. **S.O.S. Vocações**, Viamão, n. 4, maio/jun. 1964. p. 2.
- MUNDO JOVEM “Quem sou eu?”. **Mundo Jovem**, Viamão, n. 24, out./nov. 1967. p. 1.
- MUNDO JOVEM adotado como livro-texto, **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 96, nov. 1976. p. 18.
- MUNDO JOVEM, uma idéia que deu certo. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 194, nov. 1987. p. 10.
- NEUMANN, Laurício. A reforma desvinculada da realidade. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 86, out. 1975. p. 5-7.
- NOVA DÉCADA. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Escola Profissional Champagnat, n. 125, mar. 1980. p. 4.
- NOVO TÍTULO para Lançai as Redes. **Lançai as Redes**, Viamão, n. 23, set. 1967. p. 20.
- OLIVEIRA, Anailton F. “Interessar pelos assuntos”. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 222, mar. 1991. p. 23. [Recados].
- PERPÉTUO, Susan C.; GONÇALVES, Ana Maria. A dinâmica promove a participação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 303, fev. 2000. p. 2.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educar para a comunicação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 332, nov. 2002. p. 12-13.
- SOUZA, Maria do S. Evasão e repetência, de novo? **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 268, abr. 1996. p. 3.
- SPÓSITO, Marília P. Imagem e realidade dos jovens. **Mundo Jovem**, Porto Alegre: Epecê, n. 299, ago. 1999. p. 15.

ANEXO A – INFORMAÇÕES VOCACIONAIS (Capa)

INFORMAÇÕES VOCACIONAIS

MARÇO DE 1963

Equipe Vocacional — Seminário Maior — Viamão — RS — Brasil

PROMESSA É DÍVIDA

No ano passado a EV pediu dados referentes aos néo-sacerdotes brasileiros para todos os seminários maiores do Brasil.

Prometemos publicar os dados. Temos a satisfação de enviá-los, pois a todos os amigos da Eq. Vocacional que se interessam pelas vocações.

Enviamos este jornal a cada pessoa de nossas relações, agradecendo todo tipo de colaboração: informações, distribuição de calendários, etc.

Ao mesmo tempo o jornal quer levar uma idéia para os cole-

gas saminaristas. Idéia que não é nova, mas que precisa ser concretizada. É que nós precisamos, unidos e organizados, trabalhar de corpo e alma pelas vocações sacerdotais e religiosas. Cristo e a Igreja esperam muito de nós. Nossas forças unidas, quanto não poderão fazer? (Deixemos esse tema para ser tratado no proximo encontro nacional de equipes vocacionais).

O jornal surge sem previsão de que vai continuar ou não. Talvez quando houver assunto e dinheiro (e a Providência nunca

falta) sairá o 2º número. Talvez seja órgão das eq... (falaremos no encontro). Pedimos opiniões e sugestões.

Enfim, colocamos nossa palavra de entusiasmo a quem trabalha pelas vocações. Avante e unidos. Estamos prontos para colaborar.

Confiemos em Deus pela oração como se tudo dependesse d'Ele. Trabalhando com afinco, como se tudo dependesse de nós:

«Trabalhar, rezar e fazer rezar». — Equipe Vocacional

BALANÇO VOCACIONAL - 1962

Constam na estatística os seguintes dados:

- 1) Estado de origem dos néo-sacerdotes.
- 2) Nome dos néo-sacerdotes
- 3) Dioceses ou congregações religiosas a que pertencem.

RIO GRANDE DO SUL

Bráulio Backes	Pôrto Alegre	Orlando Pretto	Santa Cruz do Sul
Hugo Baettenbender	Pôrto Alegre	Wunibaldo Wagner	Santa Cruz do Sul
Aloísio L. Flach	Pôrto Alegre	Pedro Canísio Henz	Chapecô — Sta. Catarina
Canísio Fink	Pôrto Alegre	Roque Schoffen	Londrina — Paraná
Guido Klein	Pôrto Alegre	Oswaldo Biolchi	Carlista
Nicolau Kunhn	Pôrto Alegre	Augusto Sopelsa	Carlista
Jorge La Rosa	Pôrto Alegre	Eloy Dalla Vecchia	Carlista
Ney O. Paranhos	Pôrto Alegre	Santo Pan	Carlista
Afonso Ritter	Pôrto Alegre	Alcides Giehl	Jesuita
Lydio Schneider	Pôrto Alegre	Benno Brod	Jesuita
Seno A. Schneider	Pôrto Alegre	Blásio Vogei	Jesuita
José A. Steffens	Pôrto Alegre	Braz Rambo	Jesuita
Pedro Stoffel	Pôrto Alegre	Dionísio Werlang	Jesuita
Myron Luis Vuaden	Pôrto Alegre	Ignásio Kremer	Jesuita
José Werle	Pôrto Alegre	Ivo Weber	Jesuita
Jaco Verno Werber	Pôrto Alegre	Luis O. Leite	Jesuita
Tadeu Grins	Pôrto Alegre	Matias Orth	Jesuita
Alosio S. Bohn	Pôrto Alegre	Ruben Mueller	Jesuita
Paulo Aripe	Uruguaiana	Guido Ruffier	Jesuita
João Saldanha	Uruguaiana	Cláudio Mallman	Redentorista
João Both	Santo Ângelo	Alcides Bassani	Passionista
Lauro J. Baettenbender	Santo Ângelo	Valentim Pizzolato	Palotino
Caetano S. B. Caon	Vacaria	Domingos Kops	Franciscano
Fernando L. Gazola	Passo Fundo	Teodósio Mazurana	Franciscano
Nicolémos F. Moelecke	Passo Fundo	Josué Celant	Franciscano
Antônio Tamagno	Passo Fundo	Anselmo Fracasso	Franciscano
Ledovino B. Lazzarotto	Pelotas	Luis Brancher	Franciscano
Ivo Mansan	Pelotas	Rodolfo Wilges	Franciscano
Célio Weizenmann	Pelotas	Martinho Warken	Franciscano
Ivo Mauri	Caxias do Sul	Nicolau Rosso	Saletino
Ernesto Roman	Caxias do Sul	Abelino Cericato	M. Sagrada Família
Pedro J. Miotto	Santa Cruz do Sul	Tarcísio D. G. Muraro	Salesiano
		Longino Ulinowski	Salesiano
		Albano Wallau	M. Sagrada Família
		Bertilto Brod	M. Sagrada Família

ANEXO B – S.O.S. VOCAÇÕES (Capa da 1ª edição)

S. O. S. VOCAÇÕES

ANO 1
NÚMERO 1
SETEMBRO 1963

CELAM:
(Pag. 6 e 7)

A IGREJA ORGANIZADA NA AMERICA LATINA

RAIO X EM LORENA

(PAG. 4)

EDITORIAL

De novo na Rua...

A primeira vez, até foi interessante. Um folheto quase improvisado e com o nome de "INFORMAÇÕES VOCAÇIONAIS". Não sei se ainda se lembram...

Agora as coisas parece que mudaram. Já aparece algo mais substancioso, coisas que fazem pensar e mesmo que leva a agir. Vejam só como o interesse pelas Vocações está nascendo. Considerem os trabalhos que estão sendo realizados no país e no continente.

Pois é, meus amigos. Assim o negócio vai dar certo e, se Deus quiser, a Messe terá seus operários em abundância. A colheita será grande.

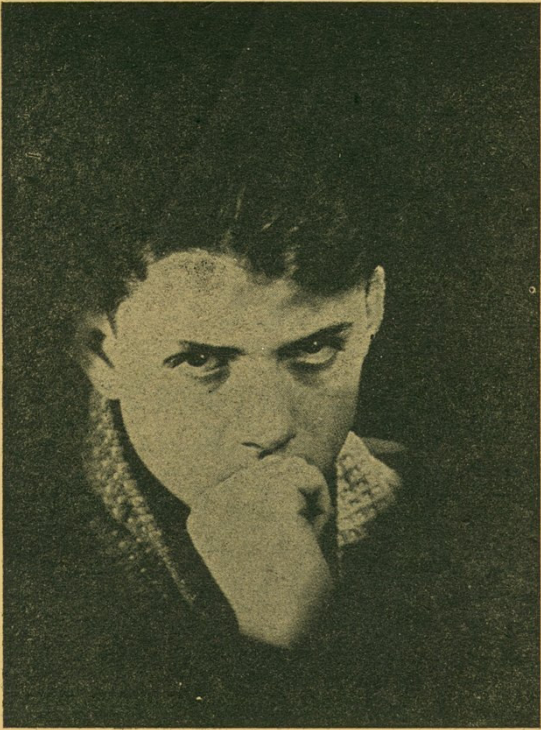
Este jornalinho é meu, teu, seu, nosso, vosso e de quem quiser trabalhar pelas vocações. E pode esperar pois nós vamos aparecer de novo na rua...

A MESSE É GRANDE OS OPERÁRIOS SÃO POUCOS

A Semente de Mostarda

(PAG. 3)

A MESSE É GRANDE OS OPERÁRIOS SÃO POUCOS



Operação Vacaria - 63

(Pag. 12)

ANEXO C – LANÇAI AS REDES (1ªCapa)

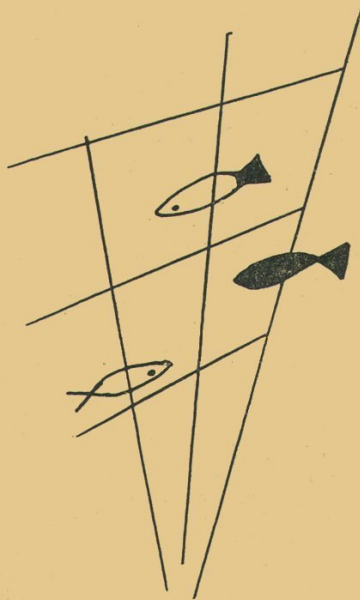


ANO 2 — NÚMERO 5
AGOSTO DE 1964
DIRETOR:
Mons. Otto Skrzypczak
REDAÇÃO:
Ari Martendal
Aldino Barth
Ivo Ravanello
Paulo Frizzo
Wilson Haubert

EQUIPE VOCACIONAL — C. P. 40 — VIAMÃO, R.S.

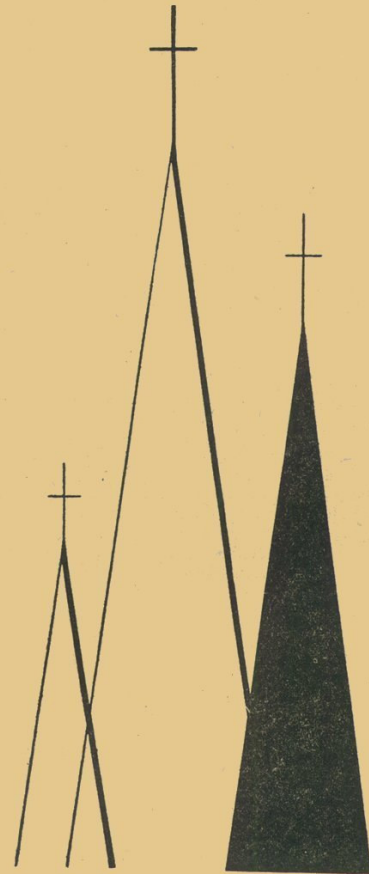
Perguntou-lhes Jesus: "Filhos, não tendes acaso alguma coisa para comer"? — "Não", responderam-lhe. Disse-lhes Ele: "Lançai as rêsdes ao lado direito da barca e achareis". Lançaram-na e já não podiam arrastá-la por causa da multidão de peixes. Então, aquele discípulo que Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!"

(Jo. 21,5-7)



Caminhando ao longo do mar da Galiléia, viu dois irmãos: Simão e André, seu irmão, que lançavam a rêsde ao mar, pois eram Pescadores. E disse-lhes: "Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens". Na mesma hora abandonaram suas rêsdes e o seguiram, passando adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu e seu irmão João, que estavam com seu pai Zebedeu consertando as rêsdes. Chamou-os e eles abandonaram a barca e seu pai e o seguiram.

(Mt. 4,18-22)

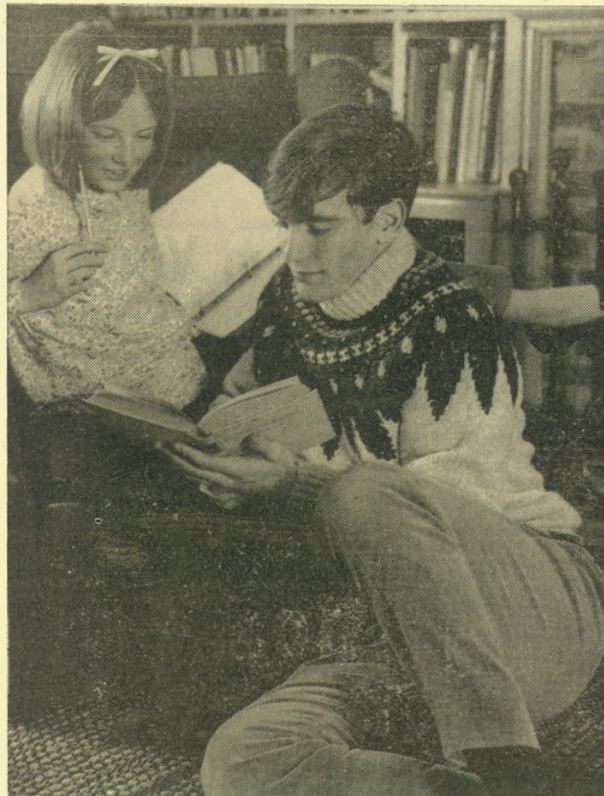


ANEXO D – MUNDO JOVEM (1ªCapa)

Mj mundo jovem

QUEM SOU EU?

Ano 5 — N° 24 — Out./Nov. 1967
Cx. Postal. 40 — Viamão — RS.



Uma vez me chamavam Lançai as Rêdes. Então eu era muito pequeno e abordava uma realidade tipicamente vocacional. Resolvi crescer e tornar-me um jornal para jovens. Todo mundo reparou que eu ficara gente. Resolveram mudar o meu nome. Muita gente veio com vários nomes no bolso para ficar padrinho. Depois de muita conversa, muitas cartas e muitos testes disseram que o meu nome será: "Mundo Jovem".

Mas por que Mundo Jovem?

— Porque eu sou um jornal para jovens e quero levar-lhes uma mensagem de cristianismo autêntico. E cristianismo é juventude. Não se estende um cristianismo velho, decadente, decrépito . . . Para que o mundo seja jovem (cristão) é preciso que cada um dê a sua colaboração. Todos nós fomos convidados a desempenhar uma missão para a construção da sociedade humana. Esta é a vocação de todo o cristão. De todo o jovem.

O meu nome agora é Mundo Jovem porque quero ser amigo do jovem que está em busca de um caminho onde ele encontra a sua plena realização e onde ele possa tornar os outros mais felizes. Num mundo onde o jovem possa amar mais e receber mais amor. Mundo Jovem quer dizer a você que existem muitas maneiras de amar e muitos são os caminhos que levam ao amor. Quer que você tenha um coração bem grande para receber os apêlos do amor. Mundo Jovem quer ajudar a você descobrir novos caminhos para amar, descobrir um mundo onde você encontre a plena realização e como nêle engajar-se.

LANÇAI AS RÊDES

ANEXO E – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 1970 (Capa)



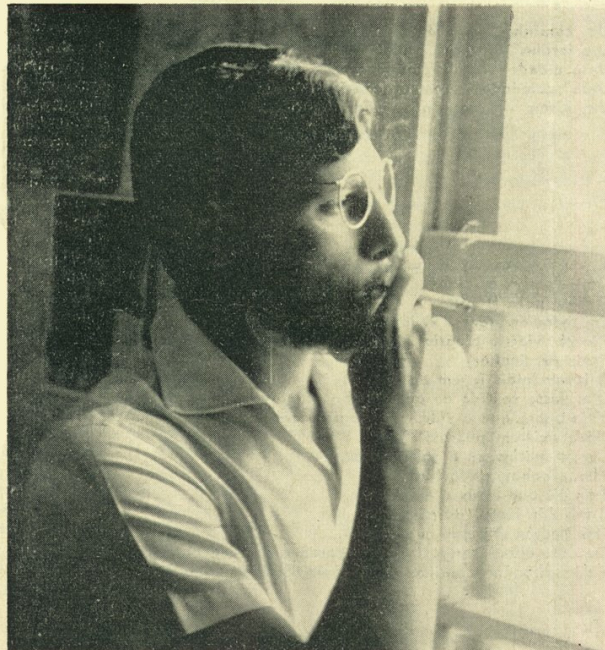
**UMA LÁGRIMA
CARNAVAL
PÁSCOA
JOVEM E VIDA
PASSAGEM**

mundo jovem

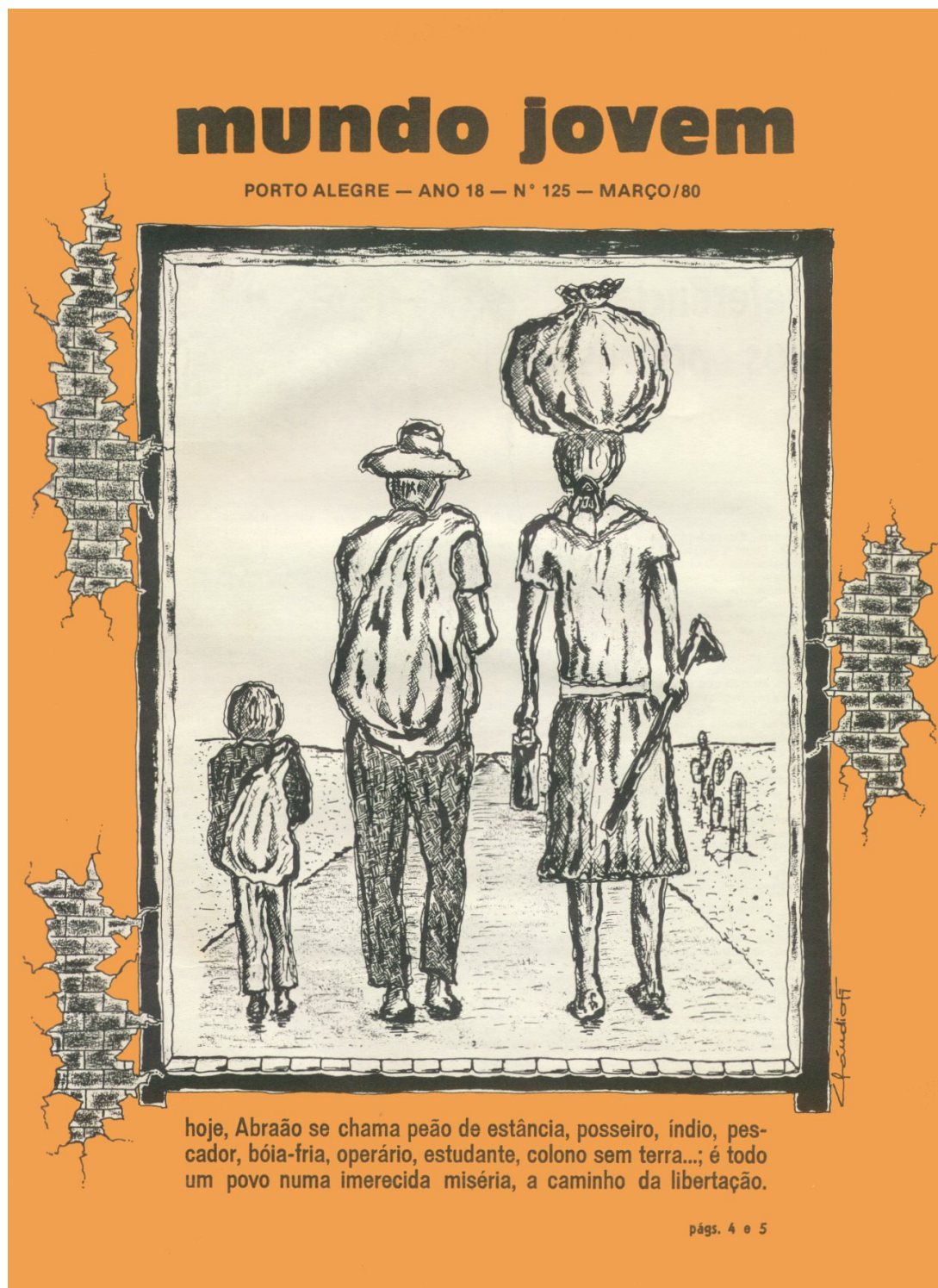
**DEPARTAMENTO REGIONAL
PODEMOS CONTAR CONTIGO
JUVENTUDE E TRANSFORMAÇÃO**

Ano 8 - Nº 38 - Março-Abril - 1970
Caixa Postal, 40 - VIAMÃO - RS.

**MÚSICA
BRASILEIRA
EM
CRISE?**



ANEXO F – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 1980 (Capa)



ANEXO G – MUNDO JOVEM – ANOS 1990 (Capa)



Fonte: **Mundo Jovem**, mar. 1990.

ANEXO H – 1º MUNDO JOVEM – ANOS 2000 (Capa)



Fonte: Mundo Jovem, fev. 2000.

ANEXO I – APELO AOS LEITORES



MUNDO JOVEM/ 76

faça alguma coisa . . . por você

1. MUNDO JOVEM nasceu com muito silêncio num grupo de jovens. Sem trombetas; sem pedra angular com água benta; sem lançamentos com discursos, promessas e padrinhos; sem comes e bebes para quem sempre andava de bolso furado . . . Tudo aconteceu espontaneamente, fruto de encontros, reflexões, debates, diálogo, estudos, pesquisas e oração. Foi um trabalho lento e duro, exposto a muitos maus olhares. Sujeito às mais diversas formas de pressão e morte.

Outros entenderam e aceitaram nossa iniciativa. Graças a estes, que são muitos, Mundo Jovem sobreviveu às tempestades.

Você que participa de grupos e movimentos jovens, sugando mil e uma promessa colorida de conversão, o que está fazendo concretamente em termos de Igreja? Ou Mundo Jovem passa despercebido em sua vida?

2. MUNDO JOVEM adolescente.

Hoje Mundo Jovem tem 14 anos. É um adolescente com idéias adultas e maduras, abrindo caminho e mexendo na estrutura de todas as classes so-

ciais. Penitencia-se com os pobres; encoraja os humildes; consola os injustiçados; cutuca os ricos com seus supérfluos; protesta contra os cristãos de boca e nome, contra aqueles que vegetam . . .

3. MUNDO JOVEM é único e original.

Único, porque em todo o Brasil não existe outro similar.

Original, pela sua história, pelo seu conteúdo, a apresentação, a impressão, as fotos . . .

Você sabia disso? E o que está fazendo para que este jornal dos jovens (único) não venha a desfalecer?

4. MUNDO JOVEM/76 custa Cr\$ 35,00.

Enquanto tudo aumenta 80, 100, 200, 300, 400 . . .%) Mundo Jovem aumentou 17%. Estamos tentando fazer um jornal com preço acessível a todos. Mas se você, a Igreja, as comunidades jovens e outras organizações culturais continuarem omissos, isto não será possível. Ai então podemos cantar o Réquiem (descanse em Paz) ao M.J.

5. MUNDO JOVEM é sem publicidade.

É o único periódico que circula sem publicidade. É uma razão a mais para dizer que é original e único.

Mundo Jovem oferece mensalmente (ano escolar) 24 páginas de conteúdo, de fotos e manchetes insistindo na Paz, na liberdade, na justiça, no comprometimento, na fraternidade, inspirados no amor a Deus e ao próximo. MJ não quer entrar na máquina desumana do consumo. Você vai nos dar uma força?

Faça sua assinatura MUNDO JOVEM/76. Você conseguindo 5 assinaturas pagas, obterá a sua (a 6.ª) gratuitamente.

O pagamento pode ser enviado por Correio (Vale Postal ou Valor Declarado) ou por Banco (Cheque ou Ordem de Pagamento).

MUNDO JOVEM
Cidade Universitária — PUC-RS
Caixa Postal 1429
90 000 — Porto Alegre — RS

MUNDO JOVEM/15

ANEXO J – RECEPÇÃO DO MUNDO JOVEM NA EDUCAÇÃO

*mun*do jovem adotado como livro-texto



no colégio aparecida

No nosso colégio não existiu uma livre iniciativa dos alunos na escolha de MJ. A partir de uma reunião entre o Diretor, o responsável pela Educação Religiosa e os professores de Religião e Educação Moral e Cívica, ficou estabelecido que se adotaria para todo o 2.º grau o MJ como livro-texto de aula. Assim, temos em todas as turmas (14) de 1.º ano do 2.º grau o MJ como livro-texto. Apesar de uma certa imposição há uma excelente aceitação (constatado em trabalhos e opiniões).

Como o colégio não visava nenhum lucro, mas o bem dos alunos, passamos a assinatura para Cr\$ 30,00 (o que equivaleria a 6.º grátis).

Os professores usam MJ assim: — uma leitura individual ou em grupo, com explicação de termos ou frases não entendidas;

— lançamento de perguntas relacionadas com o texto;

— pesquisa e trabalhos paralelos;

— discussão e debate de alguns artigos, sobretudo os referentes à família, ao homem e os de fundo religioso;

— levar os alunos a um exame da própria situação, comparando com o artigo (Zezinho se presta para isso);

— exposição pelos alunos do que fala o artigo;

— jograis, poesias e reportagens são aproveitadas nas aulas de Língua Nacional ou em sessões cívicas e culturais;

— os professores de português aproveitam para leitura e vocabulário, **O QUE MAIS AGRADA AOS ALUNOS É O SABOR DE NOVIDADE QUE EXISTE CADA MÊS EM MJ** (o livro se torna xarope no primeiro mês de aula). MJ deveria seguir uma espécie de continuação nas suas diversas secções (sobre filosofia do homem foi ótima). Assim se esgota um assunto e se aprofunda (fr. Francisco Ruzarin — Colégio Aparecida — Cx. P. 212 — Bento Gonçalves — RS).

e também no auxiliadora

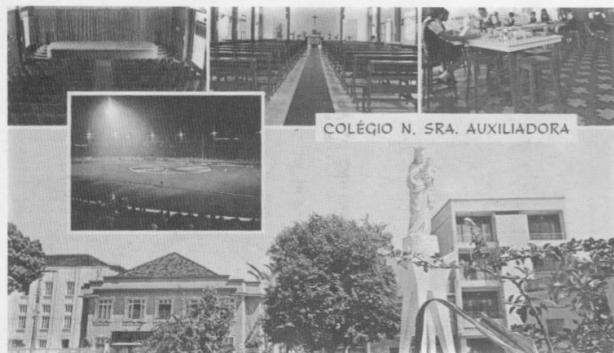
A aceitação do MJ em nosso colégio se deve à aceitação e ao entusiasmo das irmãs coordenadoras das turmas em apresentá-lo às alunas e com elas analisar e estudar os artigos. Ao apoio dado pelos professores, especialmente os de comunicação. **A apresentação do jornal aos pais na 1.ª reunião anual**, incentivando-os a oferecer para as filhas uma leitura formativa e agradável como está sendo MJ.

Em sala de aula, **MJ ESTÁ SENDO USADO PARA ORGANIZAR O PRÓPRIO JORNALZINHO DE CLASSE, ESTUDO DIRIGIDO, ANÁLISE DE CASOS, DEBATES, PESQUISAS...** São aproveitados também, com muito sucesso, os jograis e as dramatizações

Nos primeiros anos Básicos e nas oitavas séries, o jornal foi adotado como texto de estudo, forçando assim a assinatura, mas

sobretudo a leitura. Depois da divulgação interna, tendo sobrado umas 30 assinaturas, as alunas compraram o restante e os deram aos jovens menos favorecidos, como os da penitenciária, das casas de reeducação de menores e os leprosos, sendo elas mesmas a levar MJ até eles, com uma palavra e um sinal de amizade.

No dia de hoje, em que os meios de comunicação, na maioria das vezes, são unicamente informativos, mas que envolvem a juventude de maneira especial, a divulgação de MJ faz-se necessária em nossas escolas, as quais devem tornar a educação uma verdadeira pastoral (fr. Maria Luisa Ramello fma — Colégio N. Sra. Auxiliadora — Rua Silva Ramos, 833 — Manaus — AM).



COLÉGIO N. SRA. AUXILIADORA

ANEXO K – “LANÇAI AS REDES E OS PROFESSORES” (Texto para Análise – Anos 1960)

Página 4

«LANÇAI AS REDES»

Quatro Mil

A equipe redatora deste jornalzinho está realizando uma forte campanha no sentido de ampliar o número de assinaturas. Para o ano seremos um mínimo de quatro mil leitores assinantes. Sairão seis números: abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro. Devido aos numerosos aumentos no custo do papel vemo-nos na obrigação de tabelar a assinatura anual em Cr\$ 500,00.

Está sendo intensificada a campanha entre o professorado dos estados do sul, visto que deles depende a formação intelectual, moral e espiritual da nossa juventude. Dos professores e professoras depende enormemente a solução do problema vocacional do Brasil. «Lançai as Redes» quer ser um amigo e uma mão de ajuda ao professorado católico no trabalho vocacional que desenvolvem entre os seus alunos.

“LANÇAI AS RÊDES” E OS PROFESSORES

Coisa que não é de hoje, mas que só agora torna-se realidade. A página dos professores. Dos inúmeros professores que já trabalham ou querem trabalhar pelas vocações, muitas vezes sem saber como.

A idéia vinha amadurecendo de há muito. Porque de vez em quando esbarrávamos com a ansiosa pergunta: «Bem que eu gostaria de fazer alguma coisa. Mas não sei o que, e nem como. Não há alguém que poderia me explicar?» Queremos agora nos colocar à disposição de todos os professores cristãos que se sentem responsáveis pela educação integral de seus alunos. Especialmente dos professores primários que não podem contar constantemente com as últimas novidades, devido aos seus múltiplos afazeres. Nós queremos apresentar-lhes algo de útil, algo que possa servir na orientação vocacional de seus pupilos.

Dentro desta linha, oferecemos nesta página, a partir do primeiro número do próximo ano, pequenas orientações e várias sugestões realizáveis na escola. Pretendemos ser muito práticos, para sermos muito úteis. Inclusive já designamos um elemento especialmente para confeccionar esta página.

Igualmente nos colocamos disponíveis para respondermos, dentro das nossas modestas possibilidades, a perguntas e questões que o distinto professorado nos dirigir. Estamos aqui para servir, como os professores estão para ensinar e para educar.

Do magistério depende a cultura e educação da juventude de amanhã. Juntamente com os pais é ele responsável pela educação integral do aluno. E o aluno deve ser orientado para o caminho do futuro. Que será o seu aluno? A sua aluna? — Será um cidadão digno? — Será um cristão consciente de suas responsabilidades? — Será um cristão autêntico?

Muito vai depender de ti, professor! De ti, professora! Sei que todos nós queremos dar tudo, fazer o máximo. O professor é o maior amigo do aluno. Um amigo que ajuda e que orienta. Também orienta para o futuro, para vida extra-escolar. Seu aluno poderá ser um médico, um técnico, um doutor, um comerciante, um colono, um político. Deus quer que ele seja alguma coisa. Não qualquer coisa. Mas aquilo que Ele quer. Perguntamos: não terá Deus designado alguns dos seus alunos ou alunas para a vida sacerdotal ou religiosa? — Pensando nesta realidade, confeccionaremos esta página com todo o amor e otimismo!

Brinde seu Lar e o de seus
amigos com o

Anuário Inaciano

- * Narrativas - Ciências
- * Família - Educação
- * Esportes - Humor
- * Noticiário . . . Padre Reus
- * Concurso - Técnica
- * Indicações utilíssimas
- * Assuntos da Atualidade
- * Mais de 200 páginas
- * De valor para todos!

Nosso Endereço:

SEDE PADRE REUS

Rua Duque de Caxias, 1289
Caixa Postal, 285

Pórtio Alegre — Rio Grande do Sul



ANEXO L – “A REFORMA AINDA DESVINCULADA DA REALIDADE”

A REFORMA



A criança de hoje deve ser preparada para superar o estágio de pobreza que atinge grande parcela da população, ameaçando agravar-se com a explosão demográfica.

ainda desvinculada da realidade

Nesta página e nas duas seguintes, Laurício Neumann mostra a filosofia, objetivos, aplicação e erros da Reforma do Ensino, que fazem da atual Educação um sistema ainda desvinculado da realidade social, econômica e política brasileira. Laurício é professor secundário e aluno do curso de pós-graduação em Administração de Sistemas de Ensino, da PUC-RS.

Assistimos hoje no mundo inteiro a um assustador crescimento populacional (1,9%), motivo de alerta para os governantes e economistas para garantir a sobrevivência de toda esta gente. No Brasil a preocupação não chega a ser alarmante, devido à extensão do nosso território desocupado, mas a taxa de crescimento populacional (mais de 3%) deve preocupar. Vejamos alguns números:

— Em 1900 o Brasil contava apenas 17 milhões de habitantes. Isto quer dizer, que levamos 400 anos (1500-1900) para chegar a 17 milhões. Em apenas 50 anos após (1950) triplicamos a população para 52 milhões. Em mais 50 anos (2000) quadruplicaremos este número.

Neste ritmo, (ver “Desafio Brasileiro”, de Murilo Melo Filho, pg. 51) seremos 175 milhões em 1990 e 212 milhões no ano 2000.

Considerando estes números, devemos reconhecer que como Nação fizemos ainda muito pouco e que nosso desafio é agora para suprir o vazio de tantos anos de subdesenvolvimento e ainda garantir a sobrevivência da população no ano 2000. Precisamos pensar nas reservas de empregos para atender a atual população e a de amanhã.

Se já nos sentimos fracos para cuidar de 100 milhões de brasileiros, como vamos cuidar de 212 milhões?

Ainda hoje registramos altas taxas de analfabetismo e mortalidade, baixo poder aquisitivo,

problemas de saúde, educação, espaços vazios no interior, aglomeração nos centros, falta de recursos técnicos, reflorestamento... Poderemos responder a todos estes desafios, hoje e amanhã?

ENÛINO DESVINCULADO DA VIDA

Aqui no Brasil, por longos anos estávamos acostumados a um ensino essencialmente catequístico, ou seja, teórico, sem muita preocupação de conciliar isto com a vida prática. Era comum estudantes dizerem: “A escola ensina uma coisa, mas a vida de cada dia é outra”. O forte das nossas escolas era a teoria, sem possibilitar que o aluno experienciasse isto na prática. A preocupação dos professores era preparar gradativamente o aluno para a Faculdade, onde aprenderia uma profissão. Como, porém, apenas 10% dos vestibulandos conseguem ingressar na Universidade, continuamos com a maioria (90%) marginalizados da vida e do trabalho, decepcionados ou, talvez, animados para uma nova tentativa.

Segundo o Economista Murilo Melo Filho, temos apenas 20% da população ativa, que realmente trabalham, produzem e criam condições para sustentar os restantes 80% que nada ganham ou, quando muito, ganham apenas o suficiente para sobreviver.

Todas estas circunstâncias sócio-econômico-políticas do Brasil, em intensa disparada para o desenvolvimento integral, são motivos suficientes para mudar o sistema educacional ou adaptá-lo à nossa realidade. Por que?

O Brasil, em expansão industrial, exige um elevado número de técnicos especializados em todos os campos. Sabemos que não podemos esperar pelo técnico do 3º grau (universitário), pois, além do tempo que consome até estar formado — e nosso desafio é urgente —, ele exige um investimento econômico muito grande: “Cada brasileiro que nasce vai exigir durante 15 ou 20 anos — pelo menos até a idade do trabalho e da produção — vultosos investimentos em educação, saúde, alimentação, vestuário e moradia. Esses recursos, evidentemente, terão de ser

desviados de aplicações na agricultura, indústria, transportes, exportações, energia, que repercutem mais direita ou imediatamente na renda per capita e no Produto Bruto” — Desafio Brasileiro, pg. 22.

Além disso, repito, é uma minoria que consegue alcançar a Universidade, os outros, por não terem profissão, vão continuar sem fazer nada.

Portanto, precisamos montar um sistema de educação que pense em todos. Afinal, todos são importantes e indispensáveis nesta luta pelo bem estar geral.

A REFORMA VEIO ATROPELANDO

Foi esta situação toda, que exigiu a Reforma de Ensino, para:

- colocar a educação dentro do contexto social, econômico e político da Nação;
- tornar o ensino de 1º e 2º graus profissionalizante;
- tornar o técnico de 2º grau especializado;
- dar escola a todos;
- tornar o ensino de 1º grau obrigatório.

Devemos reconhecer que a Filosofia da Reforma foi certa e conduzida por um verdadeiro espírito de Reforma em toda estrutura do ensino básico do Brasil. Os erros apareceram em sua aplicação. E isto já era esperado. Afinal, somos marcados por uma estrutura escolar tradicional, com métodos retrógrados, com um povo descrente da Reforma após tantas promessas de “reformas”... Como, subitamente, iríamos conciliar isto a uma mentalidade de mudança, com conteúdos, técnicas e métodos modernos? Sempre vivemos num sistema marcado pelas dificuldades econômicas, falta de escolas, escolas superlotadas, falta de professores... como iríamos, na Reforma, profissionalizar o aluno, quando faltam professores profissionalizados? “Transformar uma escola em oficina não é brincadeira” diz o Prof. Aslid Gick, reitor do Instituto Porto Alegre (IPA). Tudo isto representou para o Brasil uma verdadeira Revolução qualitativa e quantitativa, muito difícil para dar certo.

A REFORMA

sete erros em seu planejamento, elaboração e aplicação

1. **A precipitação:** Tanto os diretores, professores, como alunos foram pegos de surpresa, isto é, desprevenidos. Sem entender o que fosse reforma, qual o seu objetivo. Muitos começaram a viver a reforma, sem preparação e sem orientação.

2. **A linha de ação:** Antes de pensar nos recursos humanos (professores técnicos capazes, para atender a todos os cursos...) Antes de pensar nos recursos físicos (a maioria dos nossos prédios escolares estão em precárias condições...) Antes de pensar nos recursos técnicos, para formar técnicos especialistas e não "picaretas"... Pensou-se no aluno, que deveria ser o último a ser requisitado, exatamente por ser o objetivo da reforma.

3. **A massificação:** A preocupação: "Ninguém ficará sem escola", terminou num crítico espírito de massa, com 50 até 60 alunos numa sala, quando o ideal seria 20 ou 25 ao máximo. Ainda mais no ensino profissionalizante, onde o acompanhamento e a orientação deveria ser individual. Tudo isto tornou-se uma utopia para o professor idealista.

4. **A extensão do currículo:** Os currículos de 1.º e 2.º grau, previstos pelo Conselho Federal de Educação, são aplicáveis à uma situação ideal, mas não a um país que ainda luta com sérios problemas de subdesenvolvimento e de analfabetismo. Vejamos: tanto o aluno de auxiliar de escritório como o Técnico em Secretariado deve submeter-se inicialmente a 18 disciplinas comuns e mais 13 disciplinas específicas. O aluno que trabalha vai cansar e desistir por não ter condições de submeter-se a um currículo tão pesado. Ou então, aprenderá apenas uma tintura de cada coisa, sem ter base para nada. A infinidade de matérias exige tempo por parte dos alunos e a mobilização de muitos professores com elevado custo operacional. Tudo isto levará a uma fatal consequência: a reprovação em massa ou a perda do aluno.

5. **As línguas estrangeiras:** Os Meios de Comunicação Social tornaram o mundo pequeno e aproximaram os povos para contatos diretos. Como vamos comunicar-nos sem entender a língua? Será que a mimica justifica nosso desleixo? O Brasil está abrindo suas portas para os turistas de todos os países apreciarem nossas belezas naturais...! Que impressão vão ter de nós se formos surdos-mudo?

Além disso, as línguas estrangeiras nos permitem conhecer melhor a vida, a cultura, os costumes de outros países, mesmo sem visitá-los. Há poucos anos atrás estudava-se 3 a 4 línguas no antigo ginásio. Hoje, uma e olha lá. Muitos Colégios e Universidades insistem em apenas estudar o Inglês, quando o Alemão, o Francês, o



Aqui, os sete erros cometidos no planejamento, elaboração e aplicação da Reforma do Ensino: precipitação, linha de ação, massificação, extensão do currículo, línguas estrangeiras, ensino profissional e escolha dos cursos.

Espanhol e o Latim são tão importantes ou até mais, para a cultura Universal e o intercâmbio Comercial.

Há 20 anos atrás todo estudante secundário era obrigado a estudar 4 anos de Latim. Se fosse cursar o clássico, levava mais 3 anos de Latim. Se obrigar era exagero, talvez suprir seja um exagero maior ainda. Afinal, como vamos entender o Português, desprezando o Latim?

Tudo isto mostra a necessidade do estudo de uma ou mais línguas estrangeiras. Todos os países adotam a sua obrigatoriedade. O Conselho Federal de Educação Brasileira apenas *recomenda* seu ensino, caso o Estabelecimento tiver condições humanas e materiais. Língua estrangeira, hoje, é instrumento de trabalho, mas com a Reforma de Ensino ela sumiu das salas de aula do 1.º e 2.º graus.

6. **Ensino profissional:** A formação profissional do 2.º grau, além da obrigatoriedade de outras disciplinas, está provando que não está formando nem profissionais e nem bons vestibulandos: "A desorganização em que se encontram os quadros de professores parece ser consequência da comissão dos responsáveis pela implantação da Reforma de Ensino, entregando, anualmente, aos cursos Pré-Vestibulares, milhares de mal-preparados alunos do ensino de segundo

grau que não estão nem profissionalizados, nem, tampouco, habilitados para enfrentar um vestibular" — Zero Hora, Porto Alegre, RS, 4-5-75.

Estas palavras se confirmaram pelo baixo nível dos quase 5 mil estudantes que enfrentaram o Vestibular em julho/75 na PUC do Rio Grande do Sul.

7. **Cursos não escolhidos:** Há alunos que fazem testes vocacionais para acertar bem na profissão, mas depois enfrentam um calvário de duros sacrifícios para encontrar uma vaga. O aluno de eletrônica acaba matriculado no Secretariado. O aluno do curso técnico de agronomia vai parar na Contabilidade. E assim por diante. "Um torneiro mecânico não conseguiu vaga no Parobé-Porto Alegre, por causa da idade e acabou matriculado, na compra de vagas em escolas particulares, num curso que nunca frequentará: contabilidade" — Zero Hora.

No Colégio Júlio de Castilhos-RS "só os alunos da tarde podem se inscrever para a terminalidade Laboratório de Análises Clínicas, a preferência dos que vão tentar Medicina. No lugar dela são obrigados a aceitar Tradutor e Intérprete, Instrumentista musical ou outra que nada tem a ver com a profissão que desejam" — ainda ZH.

A REFORMA



A situação de nossa escola é um desafio

Foto/Rui Perille

o quê fazer para superar os problemas

E agora, as conclusões de Laurício Neumann diante dos problemas apresentados pela Reforma.

a) Ainda vai demorar bastante até o 2º Grau ser um preparador de mão-de-obra de nível médio.

b) Quanto mais pobre e subdesenvolvida for a região, mais vai custar para a Reforma de Ensino se transformar em realidade.

c) O mercado de trabalho no Brasil é bom, devido a sua expansão industrial, embora a aglomeração dos profissionais nos grandes centros esteja se transformando em problema. Vai ocorrer, isto sim, uma saturação rápida nas profissões de Secretariado, Contabilidade e Administração, principais ofertas nos cursos de 2º grau.

d) Só em 1972 fecharam 300 escolas particulares no Brasil, dados do XII Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino. E em 1973, 74 e 75, quantos fecharam? As escolas particulares já deram prova de um ensino de elite, de seriedade... agora estão com os dias contados. Já que faltam escolas, não seria uma medida econômica o governo comprar as

vagas, em vez de gastar tempo em novos investimentos? Com isso, daria a chance de bons Colégios Particulares continuarem existindo, principalmente em Minas Gerais, Belo Horizonte, São Paulo e Rio Grande do Sul, onde o problema é mais notório.

e) Depois, devemos aprender de uma vez para sempre que "não basta rotular, com nomes novos, velhos processos. A modernização do nome não pode ser mais importante que a modernização das coisas".

f) Assim, a "Reforma de Ensino continua sendo um desafio com muitos erros que faz parte da própria natureza do processo desenvolvimentista porque passa o país".

MUNDO JOVEM/7

ANEXO M - “A EDUCAÇÃO ESTÁ COMPROMETIDA COM O MEIO (MAS SÓ A ESCOLA AINDA PODERÁ SALVAR O HOMEM)” (Texto para Análise – Anos 1970)



O perigo da massificação

a educação está comprometida com o meio

Texto de Pedrinho Guareschi. Ele é sociólogo com dois anos de especialização nos Estados Unidos. Exerce sua profissão na FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar ao Menor), em Porto Alegre, e, ainda, leciona Sociologia na PUC-RS e na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição, de Viamão-RS.

(mas só a escola ainda poderá salvar o homem)

Como em todas as épocas, também hoje a Educação passa por difíceis caminhos, lutando para não ser tragada nas mudanças bruscas e violentas de nossa era. Mas a luta da Educação vem a ser a luta do próprio homem, e se há uma batalha em que estamos todos engajados, vem a ser exatamente essa da permanência de uma educação autônoma e libertadora do homem.

Gostariamos de fazer umas considerações antes de falar dos condicionamentos da educação hoje, que são os condicionamentos do próprio homem da era da automação. E a primeira é a de que é impossível uma educação que seja neutra, isto é, que não traga em si algum juízo de valor. Quando a educação perde sua autonomia — na medida em que é feita por outros, financiada por outros, dirigida por outros — ela vem carregada de juízos de valor decorrentes dos interesses dos grupos que a promovem. A educação autônoma deve sempre estar alerta para isso, ao menos para o fato de que nunca uma educação é neutra: ela é para o homem, ou contra o homem. Falar em educação neutra, quando financiada e promovida por diversos grupos sociais,

além de ser uma grande ingenuidade, é a pior das ideologias.

Outra consideração importante é o cuidado que devemos ter em distinguir, enquanto possível, entre educação e escola. São muitos os profetas e magos que proclamam hoje a destruição da escola, essa “velha e gorda vaca sagrada”, encarregada de criar e perpetuar os mitos criados por uma sociedade fundamentada em interesses de poucos. Como veremos mais adiante, se a escola funciona como laboratório para condicionamento das pessoas e para a fabricação de milhões de robôs pré-programados, então essa escola deve mesmo desaparecer. Mas não se pode simplesmente confundir escola e educação, pois educação é fazer exatamente o contrário do que a escola, como descrita acima, pretende fazer.

É importante que não se atire, com a água do banho, a criança pela janela. Quando se afirma que a escola, como existe hoje, desaparecerá nos próximos 50 anos, não se quer dizer que a educação vai desaparecer. Ao contrário, a verdadeira educação, autônoma e libertadora, fará com que esse tipo de escola desapareça. Mas, talvez, isso aconteça exatamente dentro da instituição

a que chamamos escola hoje. O importante é que essa escola não se fixe, não se cristalice, mas mantenha sua perene vitalidade. A escola não pode ser como um determinado tipo de metodologia, que em vez de cumprir com sua missão de ser caminho (maneira, método), se arvora em soberano, excluindo outras diferentes maneiras de chegar à verdade. Ou como determinados críticos de arte, que se arvoram em donos das academias de arte, dogmatizando o que é e o que não é arte, quando uma das características essenciais da arte é ser criadora. Esses críticos se fossilizam, enquanto que os artistas vão pela vida afora criando e construindo novas maravilhas. Assim acontece também com a escola e com a educação: a educação deve educar para a vida. Não se pode saber o que será vida no próximo momento histórico. Assim a escola que se fixasse, a escola supermercado, a escola banco de dados, a escola pré-programada, é uma escola necrofílica e suicida.

Vejam, especificamente, alguns dos condicionamentos principais da educação hoje. E o grande, talvez o único, e mais abrangente de todos, é que a escola e, conseqüentemente, a educação, deixaram-se



Desde que a escola se mantenha em permanente renovação, não se cristalizando no tempo, ela se transformará no lugar em que a multidão possa ser desmassificada e o indivíduo personalizado. Caso contrário, irá se concretizar a previsão dos arautos da descrença: "a escola morrerá dentro de 50 anos, no máximo".

dominar pelo monstro da época, que é a sociedade de consumo, sempre acompanhada de sua guarda sagrada, que é a comunicação de massa, principalmente a propaganda.

Na sucessão dos tempos a comunicação tomou diversas formas, condicionando diferentemente os homens. Ela tirou os homens da aldeia tribal, programando-os e alfabetizando-os, fazendo com que interiorizassem totalmente as idéias de ordem, sucessão, linearidade, enfim, fazendo com que esquecessem tudo, menos "uma coisa de cada vez". O alfabeto fonético formou assim exércitos e populações bem disciplinados, tanto assim que Napoleão teve de amarrar cordas de 40 centímetros nos pés de seus soldados "analfabetos" para que aprendessem a marchar a passos iguais em pelotões e companhias, coisa já dispensável para as populações alfabetizadas.

Em nossa época a comunicação não faz apenas ordeiros e obedientes, mas penetra no íntimo das consciências, moldando, plasmando populações inteiras através dos meios de comunicação de massa. Estes moldam as próprias aspirações e desejos, controlando até a necessidade do homem. Dispensam qualquer participação, substi-

tuem todo e qualquer gesto criativo, suprimem toda iniciativa. Temos o homem massa, o homem pré-programado, o excelente profissional, o produtor eficiente, o consumidor obediente.

Temos aqui, talvez, a principal acusação contra a escola hoje: a escola está formando "bons profissionais" — "bucha para canhão", ou está formando para a liberdade, para a autonomia, em suma, para a vida? Tem a escola capacidade de conservar sua tarefa crítica e criadora, dentro de um mundo abrangente e massificante?

Lembro-me duma charge vista numa revista sobre educação: estão dois senhores sisudos, grandes óculos, aventais de cientistas, quase totalmente calvos, examinando detidamente montanhas de papéis cheios de dados, despejados por um computador gigante. No trabalho estafante, um senhor volta-se para o outro e confidencia: "temos todas as respostas, mas não temos a pergunta." — Seria o caso de se perguntar, se em nosso mundo "aldeia global", a educação fornece a possibilidade de que alguém ainda se pergunte . . .

Por incrível que pareça: apesar de tudo, ainda achamos que mesmo que a escola tenha sucumbido à tentação de dar res-

postas, ainda assim a própria escola deve ser o lugar onde se possa libertar o homem. Num mundo massificado pelos "Mass Media", controlados pelos monopólios ou pelo Estado; num mundo de macro-estruturas anônimas e multinacionais onde se perde o anonimato, e onde o homem se torna cada vez mais produtor de bens e consumidor duma sociedade de consumo em massa; num mundo onde os meios eletrônicos podem controlar tudo e todos, eliminando a individualidade; neste mundo a escola pode ser o ponto de encontro, em que seja possível uma comunicação face a face. A escola poderá ser o lar de refúgio onde se encontrarão os homens que queiram se salvar.

Entre os extremos da massificação e do individualismo, a escola poderá ser o lugar onde a multidão seja desmassificada e o indivíduo personalizado. A escola deve ser a consciência crítica da sociedade. Ali deve ser pensado e repensado o social. A escola deve ser o lugar por excelência onde a liberdade do homem seja preservada, e onde os problemas sejam debatidos e resolvidos, e onde as linhas de mudança sejam descobertas, principalmente, através da vivência concreta de uma escola-comunidade.

MUNDO JOVEM/11

ANEXO N – “PARA ONDE CAMINHA A EDUCAÇÃO” (Texto para Análise – Anos 1980)



Foto: C. Sornace

Para onde caminha a educação?



EDUCAÇÃO

Aristides Cimadon (*)

Os mais céticos, hoje, perguntam: Existe, verdadeiramente, educação na sociedade atual? Em torno desta pergunta poderíamos discorrer longamente. Entretanto, queremos aqui refletir sobre alguns aspectos relativos à importância e ao papel da educação e renovação de valores.

A educação brasileira, segundo os fundamentos legais, visa à formação integral da criança e do adolescente, o desenvolvimento das potencialidades humanas, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

Esta legislação é demasiadamente ampla para uma nação subdesenvolvida, pois esta amplitude facilita a manutenção de uma educação opressora e sem finalidades dirigidas especificamente à pessoa. Isto porque não se sabe, exatamente o que é educação integral, quais as potencialidades humanas que devemos despertar no educando, quando um profissional está habilitado ou quando um indivíduo está preparado para o exercício consciente da cidadania...

Parece que os objetivos subjacentes da educação escolar pretendem formar um «bom cidadão» que seja obediente, inativo e que aja impulsionado pelo «apito» social ou aquele que forma uma consciência ingênua e submissa. Deste modo, a proposição organizacional da educação, seus conteúdos e métodos atuais tendem a fortalecer o estado desagregador da sociedade e valores tais como: exploração, expropriação e dominação ou então, manutenção do estado de ignorância e apatia de grande parte da educação.

Verdadeiramente, ninguém pode ne-

gar a necessidade da educação na sociedade. O que se discute é a forma como ela é organizada, seus propósitos explícitos ou subjacentes e o que se fez para efetivamente educar o homem.

EDUCAÇÃO PARA A SUBMISSÃO

A escola e a educação formal podem assumir duas direções opostas: uma é a de orientar o homem para ser livre, consciente, crítico, criativo e reflexivo. Este tipo de educação escolar possibilita ao homem organizar-se, por si mesmo, em direção à máxima extensão de si próprio. A outra é a de doutrinar para a manutenção do «status quo», inculcando valores que formam uma consciência ingênua e tornando o homem um alienado social ou defensor fanático de valores e interesses que exploram.

Uma das passagens em «Alice no País das Maravilhas» ilustra muito bem o primeiro propósito da educação: «Seria tão amável dizer-me que direção devo tomar?» Depende, em grande medida, diz o gato, de para onde você deseja ir».

Acreditamos firmemente que a função da educação escolar deva estar dirigida a orientar o homem, fazê-lo pensar o mundo e a si mesmo para que se descubra, desvele o mundo e descubra os outros como sujeitos de uma história social nova. As atividades de uma escola que se limita a inculcar programas, certamente não estarão enquadradas dentro desta linha de ação. Estará, por certo fazendo aquilo que hoje chamamos de «educação para a submissão», tão bem expressa na imagem de dona Margarida de Athayde:

«Dona Margarida quer ajudar vocês a não dizerem nada. Ajudar vocês a não terem nada de próprio para dizer. É assim que dona Margarida prepara vocês para a vida: porque na vida ninguém diz nada».

Parece que, realmente, a estrutura educacional atual tem objetivos subjacentes que se espelham em dona Mar-

garida. O discurso legal se contradiz e a escola se transformou numa espécie de agência encarregada de fazer o jogo do poder e da manutenção do estado de ignorância e de miséria da população. Esta agência fechada e de costas à cultura, segundo Peter Berger, procura inculcar valores e conceitos que mantêm uma consciência mítica.

Por exemplo, a escola procura mostrar às crianças e aos adolescentes que a maturidade humana é o estado de espírito que se acomodou, que se conciliou com o «Status Quo» e renunciou aos sonhos mais lindos da vida humana. Parece que não são raras as escolas que, através dos «famosos textos didáticos» e da «panacéia pedagógica», inconscientemente procuram inculcar falsos conceitos.

Weinberg afirma que a criança que entra na escola é normalmente risonha, ativa, saudável, curiosa e integradora. Quando sai da escola, está transformada em um chato, erudito, secretário, citador de frases feitas, empanturrado de conhecimentos ultrapassados e incapaz de criar, inovar, analisar e criticar.

EDUCAÇÃO ALIENANTE

São inúmeros os fatos que mostram ser a educação atual alienante. Desde a burocracia, que é a mais alta forma de censura, até os tipos de atividade que o professor faz com que os alunos em sala de aula podem ser uma forma de repressão. A educação alienante acontece em sala ou na escola, quando a professora enfeita as crianças de indios sem esclarecer-lhes a problemática indígena do Brasil; quando comemora uma data histórica e não questiona com os educandos as verdadeiras causas e consequências do fato ou sobre a veracidade dos «heróis»; quando há improvisação de aulas e uso de textos que inculcam apenas valores urbanos e amparam a contradição, a dominação e ignorância.

Vários exemplos mostram que a educação escolar atual é mantenedora da formação da consciência submissa. Acreditamos, entretanto, que a educação escolar poderá ser um caminho para a construção de uma mentalidade saudável, criativa e crítica.

Creemos que já é hora de, em conjunto, perguntarmos que tipo de educação estamos oferecendo às crianças e principalmente levarmos os pais a se interrogarem sobre a educação escolar que seus filhos recebem. Isso, porque as ações educacionais não são neutras. Não há professor neutro ou escola neutra. Ou defende os interesses do Estado ou os interesses próprios ou interesses do homem como pessoas. Muitos educadores e pais, principalmente estes, ainda não se deram conta da atual pobreza da educação.

É preciso, portanto, que as escolas reflitam sobre seus fins, para onde, exatamente, querem ir; caso contrário, quando realmente acordarem, poderão estar numa «colônia» de que não gostariam.

(*) Professor Universitário.

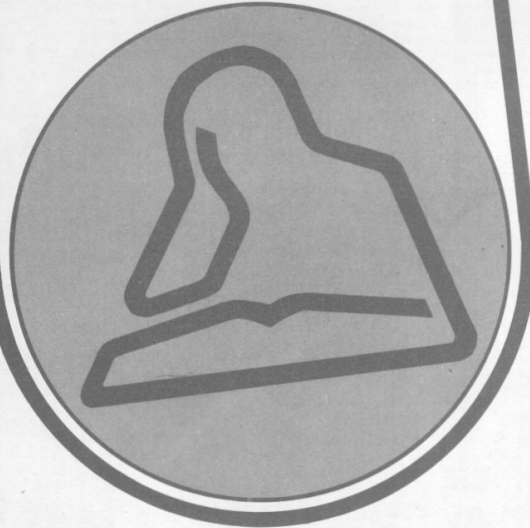
ATIVIDADE DIDÁTICA

- 1 — Qual é a influência dos meios de Comunicação Social na família?
- 2 — Que soluções você daria para que as famílias fossem o verdadeiro centro educador e formador da pessoa autêntica e responsável?
- 3 — O que podemos fazer para evitar qualquer tipo de autoritarismo?

ANEXO O - "A EDUCAÇÃO ROMPENDO AS AMARRAS" (Texto para Análise – Anos 1980)

A Educação, rompendo as amarras.

Para conhecimento, reflexão e questionamento, estamos analisando o ensino, neste encarte especial, desde sua situação oligárquica, passando pela experiência popular do início da década de 60, caindo no autoritarismo dos últimos 20 anos, de onde está saindo com o renascimento, lutado, da democracia. Só assim a educação um dia poderá ser para todos em termos concretos, não apenas na abstração das leis. Um ensino crítico, voltado à preparação do homem para o trabalho no campo e na cidade, para sua realização pessoal e para o crescimento de uma comunidade democrática.



MOACIR GADOTTI *

A situação educacional de um país é um prolongamento de um sistema social e político. Em consequência, não poderá estar mais «atrasado» ou «adiantado» do que este. As contradições existentes na sociedade serão reproduzidas da mesma forma no sistema educacional: o autorita-

rismo na educação e na escola será do mesmo teor daquele existente na sociedade.

O autoritarismo acentuado nos últimos 19 anos está presente no sistema educacional brasileiro desde os primórdios da nossa educação. Pode-se dizer que certos dispositivos se inspiram na censura exercida sobre as escolas católicas pelo Santo Ofício.

Reflexo do autoritarismo.

Hoje, entretanto, o autoritarismo, apresentando-se principalmente sob a forma tecnoburocrática, parece inviabilizar o próprio sistema educacional. Ao mesmo tempo em que ele chega a esse ponto, cresce a consciência e a disposição de lutar contra ele entre professores e alunos.

Sobre este tema podemos fazer diversas considerações:

REGIME AUTORITÁRIO

Não se pode ter uma compreensão exata do fenômeno do autoritarismo na escola e na educação em geral, sem uma referência a um contexto mais amplo, histórico-político. A política educacional do regime militar foi imposta autoritariamente como toda a política mais global. O caráter autoritário do regime fortaleceu o autoritarismo escolar. O estado autoritário, ao abolir, mais tarde, certos dispositivos autoritários, como o Ato Institucional nº 5, não conseguiu abolir as suas consequências no sistema educacional. Temos Estatutos e Regimentos escolares tão ou mais autoritários do que o AI-5.

LEGISLAÇÃO E BUROCRACIA

O autoritarismo na escola é gerado, principalmente, pela **legislação** e pela **burocracia**.

Diretores de escolas existem que se sentem tão pressionados pela legislação e pela sua prática autoritária que são incapazes de tomar decisões; nada decidem sem antes solicitar autorização formal à uma autoridade superior (em geral, o delegado de ensino). Existe um medo generalizado de assumir responsabilidades sem se esconder atrás da lei. O **legalismo** é uma das faces do autoritarismo. As reuniões autorizadas nas escolas são, geralmente, só aquelas destinadas às informações e comunicações do que já foi decidido em instâncias superiores (a Secretaria da Educação). Qualquer outro tipo de reunião é constantemente impedida, mesmo aquelas reuniões que dizem respeito às questões dos professores. Quando essas reuniões são solicitadas fora do horário de trabalho a desculpa é sempre essa: «mas quem ficará responsável pelo prédio?»

Tudo o que se refere à ocupação do espaço físico e político da escola encontra sempre numerosas barreiras. Nada é facilitado. É difícil encontrar espaço para o ensaio de uma peça de teatro, a utilização das quadras esportivas, etc... Mas é mais difícil ainda para os professores e alunos formularem uma **proposta educacional crítica**. Tudo é subordinado às propostas emanadas da Secretaria da Educação e, quando se trata de programas curriculares, propostas subordinadas, muitas vezes, aos interesses comerciais de editoras.



A Educação,
rompendo
as amarras.



TECNOBUROCRACIA

A tecnoburocracia não apenas controla os aparelhos do Estado e a organização, mas impõe crenças e valores: sobrevaloriza o planejamento (controle) e o conhecimento técnico-organizacional, a hierarquia, a ordem, as estruturas, a impessoalidade, etc...

A tecnoburocracia evita o crescimento da educação como compromisso, comunicação, sensibilidade, cultura.

Todo tecnocrata é conservador porque concebe as coisas e fenômenos estatisticamente, como funcionam hoje. Estabelece por isso normas fixas e abstratas, incrementa a massificação e a uniformização, reduzindo as possibilidades de participação efetiva dos indivíduos nas decisões políticas.

Dois exemplos no interior da escola: O Centro Cívico e o Conselho de Escola.

Os centros Cívicos deveriam (como é sua finalidade proclamada) voltar-se para a organização e a participação dos alunos. Entretanto, eles são orientados por um padrão único de funcionamento. Muitas vezes são dirigidos por alunos designados pela direção da escola e não por representantes livremente escolhidos nas classes. A única atividade criadora dos alunos permitida dentro desta estrutura rígida é a escolha do nome do Centro que, mesmo assim, deve passar pelo professor da disciplina de Educação Moral e Cívica, pela direção da escola e pela Delegacia de Ensino. As finalidades acabam sendo desvirtuadas e, muitas vezes, esses centros tornam-se organizadores de festas para arrecadar fundos, como ocorre com as APMs (Associações de Pais e Mestres).

Os Conselhos da Escola (quando funcionam) que deveriam ter um caráter deliberativo, ser a instância máxima da escola, acabam, da mesma forma, tornando-se em órgãos de caráter puramente consultivo.

Com a tecnoburocracia escolar, a «autordade» do sistema torna-se onipresente e difusa, freando o ela e a criatividade. O que predomina é a razão técnica, que adormece o entusiasmo e a espontaneidade.

A tecnoburocracia é uma forma de organização da sociedade subentendida quando se fala em «planejamento», «modernização», «racionalização do trabalho», etc. Portanto, os fundamentos da tecnoburocracia estão além do sistema escolar. Seus fundamentos são políticos e econômicos. Os tecnoburocratas não aceitam discutir esses fundamen-

A tecnoburocracia, também na escola.

tos. Não aceitam discutir valores, finalidades, ideologias. Para eles, as ideologias são irracionais (a tecnoburocracia é racionalista), expressões de paixões e interesses.

O tecnocrata reconhece a existência de conflitos, de contradições. Só que são considerados como defeitos técnicos, disfunções do sistema que é preciso não revelar, mas camuflar, e, dentro do possível, integrar no sistema, recuperá-los para restabelecer a harmonia, a ordem, a segurança. A escola tem que ser uma comunidade harmoniosa, imutável. Todo e qualquer problema precisa ser equacionado e resolvido tecnicamente, administrativamente e não pedagogicamente.

A concepção tecnoburocrática leva os educadores a pensarem que o problema da educação é saber como é preciso fazer para ensinar e não como é preciso ser para poder ensinar.

AUTORITARISMO E CONTROLE

Dentro dessa concepção da educação (que é a concepção imposta pelo Governo hoje), o educador assume um caráter de agente de controle, defensor dos interesses do Estado dentro da escola e não defensor dos interesses da população diante do Estado. Como veremos, esse descompasso entre a proposta educacional imposta e os interesses dos alunos resultará em conflitos frequentes nas escolas, entre professores, alunos e a direção.

Predomina a mentalidade da escola-empresa. Como empresa ela deve atingir certos objetivos através de certos meios. Existem padrões burocráticos a serem alcançados. Se o educador não consegue alcançá-los isso é atribuído à «má administração» ou à não aplicação das técnicas mais modernas. Evita-se, assim, relacionar concretamente a educação com a sociedade e perceber o quanto o rendimento escolar é condicionado pela origem sócio-econômica.

Na escola-empresa, o funcionamento da escola é medido em função dos resultados obtidos, confundidos normalmente com o preenchimento de todos os requisitos burocráticos. Interessa apenas a quantidade, a execução rigorosa do planejamento, a disciplina instaurada, o cumprimento dos horários, etc. Procura-se saber «se o aluno aprende», se «é comportado» (função técnica) e não «o que» aprende e «porque» aprende (função política).

Quando a escola não é vista como empresa, é vista como uma igreja que é preciso manter através de donativos. Por isso se organizam festas, quermesses, rifas ou cobram-se taxas (o «dízimo»). O dinheiro arrecadado não se destina à educação dos alunos mais necessitados (como se vem pregando), mas para a conservação e conserto do prédio escolar, pagar merendeiras, serventes, etc.



Aos poucos, ressurgem o potencial crítico.

AUTORITARISMO EXPLÍCITO

A liberdade na escola é um mito ou apenas uma semente que está brotando no interior da escola autoritária. Quase tudo está enquadrado, bitolado. Tudo se move dentro de diretrizes, estatutos, regimentos, regulamentos, currículos, etc. Existe um **autoritarismo explícito** na medida em que existem cursos e atividades previstas, ostensivo quando o poder cancela disciplinas (em 1969 a psicologia, a sociologia e a filosofia do 2º grau foram substituídas pela Educação Moral e Cívica), etc. mas existe também um **autoritarismo implícito** quando se castra a criatividade, quando se estimula um comportamento uniforme, submisso e obediente, preparando o futuro trabalhador para receber ordens e obedecer ao patrão.

ANTAGONISMO

Uma palavra sobre o **antagonismo** manifesto muitas vezes entre professores e alunos, isto é, entre alunos que se queixam de atitudes autoritárias de professores e de professores que, em contrapartida, dizem que sem «impor disciplina», sem «recorrer à nota», etc. não conseguem desempenhar o seu papel ou perdem o emprego. Esse antagonismo existente na escola é apenas consequência do mal-estar gerado pela escola onde nem professores e nem alunos se sentem interessados pelo que aí se passa. Se a escola oferecesse realmente o que os alunos aí procuram, não haveria necessidade de recorrer à **disciplina**, a **sanções**. O aluno perde o interesse diante de disciplinas que nada têm a ver com a sua vida, com as suas preocupações. Decora muitas vezes aquilo que precisa saber (de forma forçada) para prestar exames e concursos. Passadas as provas, tudo cai no esquecimento. Como dizia Paul Singer, «ninguém guarda de memória informações que não se relacionam com suas necessidades práticas, sejam estas de caráter econômico, cultural ou emocional» (Folha de São Paulo, 11/07/82). A escola autoritária esvazia-se de sentido, reduz-se a um **combate estéril** entre aqueles que precisam (por obrigação imposta) ensinar um pacote de conhecimentos fossilizados e aqueles que rejeitam esses mesmos conhecimentos. A escola vai assim se consumindo numa guerra surda e inglória.

NOVA ESCOLA

Entretanto, como a **escola é um organismo vivo**, não é a ilha de pureza sonhada pelos tecnocratas. A rigidez e a inflexibilidade burocrática não impedem por muito tempo a **inovação pedagógica**. As contradições internas não podem ser totalmente absorvidas. Começa a aparecer a defasagem entre o apregoado e o realizado, entre o regimento, a legislação e a realidade, entre a **escola burocrática** e a **escola crítica**.

Pouco a pouco a escola descobre o seu **potencial crítico**, a sua capacidade de mobili-

zação social e busca apoio não mais na burocracia estatal, mas na comunidade local. Onde um esforço nesse sentido foi feito, está nascendo hoje uma nova escola.

A crise do «modelo» autoritário da educação não é apenas interna à educação. Com a reorganização crescente da chamada **sociedade civil**, pressionando o Estado, surge a necessidade de revisão desse «modelo». O Estado já não tem mais condições de impor uma nova política educacional. O Governo perdeu a legitimidade de todas as suas propostas educacionais. Seguindo a prática autoritária, jamais usou consenso para elaborá-las. Ao contrário, utilizou-se da força para impô-las. Perdeu o apoio de estudantes e professores. O caráter autoritário e anti-popular de suas iniciativas acabaram por dissolver completamente a pouca credibilidade que tinha diante dos educadores.

PROPOSTAS ALTERNATIVAS

As **propostas alternativas** em educação surgem hoje da sociedade civil, dos educadores organizados.

Contra a política centralizadora e autoritária, eles propõem:

— mecanismos de consulta entre as escolas, entre as escolas e a Secretaria da Educação e entre esta e a comunidade.

— Formar o educador que não se limita à atuação na escola, já que esta não é a única agência de formação e socialização. Formar o **dirigente**, isto é, o técnico e o político; — **Escolher democraticamente os dirigentes** das escolas eliminando os «cargos de confiança»;

— autonomia para as escolas organizarem suas **atividades e programas** em base às necessidades sentidas pela população, reconhecendo que a educação que é consciência de direitos só se adquire com liberdade, com autodeterminação de fins. A educação só tem sentido na medida em que é concebida como ação visando à participação e à autonomia. Educação é um processo de transformação do indivíduo e da sociedade. A escola não pode ficar isolada das lutas mais globais da sociedade;

— o dirigente escolar é um educador, exerce uma função educativa.

CONCLUSÃO

A escola só mudará definitivamente com a mudança mais global da sociedade. Mas essa relação é dialética. Não mecânica. Como diz B. Charlot (A Mistificação Pedagógica, p. 237): «os fins pedagógicos

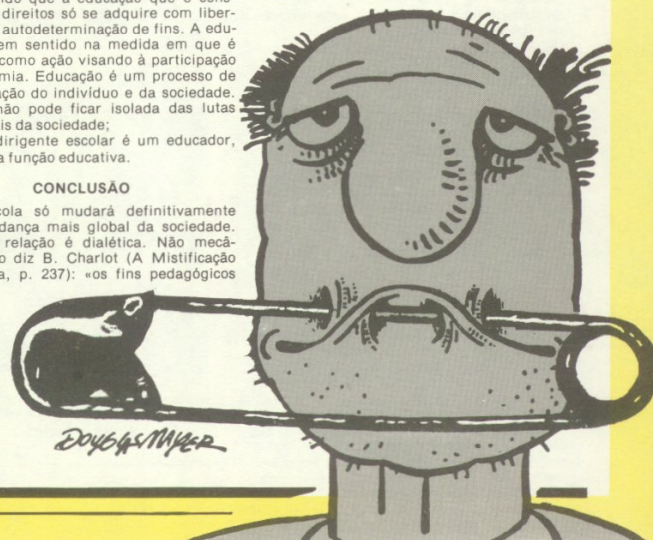
não são um reflexo passivo dos fins políticos, ainda que estes apresentem sempre um sentido pedagógico: é, portanto, um erro esperar uma transformação da educação unicamente da ação política, sem levar em conta as especificidades da situação educativa».

É possível fazer alguma coisa desde já. Ao lado da luta pela **valorização da profissão** e por **melhores condições de ensino**, os educadores levam hoje a luta pelo ingresso e permanência na escola daqueles que estão sempre à beira da exclusão. Os educadores tentam, mesmo sem o amparo do Estado, adaptar a escola às condições reais do nosso aluno.

Não é suficiente ensinar a ler e escrever. É preciso **ensinar a falar**. Não se trata de enfrentar o autoritarismo deixando apenas espaço para a participação e a comunicação. É preciso **motivar para a participação**. Isso porque o regime domesticou grande parte da população para a não-participação. Arvorando-se em único intérprete dos interesses da sociedade, marginalizou sistematicamente toda a população das decisões. Ao lado, portanto, do papel técnico de ensinar, o educador tem um papel político de mobilizar, organizar para a participação.

O papel político do educador é um papel dirigente. O educador **espontaneísta** só aparentemente respeita a natureza da criança e do jovem. O educador que se nega a indicar uma **direção**, **renuncia a educar**, abandonando o educando ao «autoritarismo do ambiente» (Gramsci).

(*) Moacir Gadotti é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Campinas e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autor de vários livros sobre educação, entre eles, Concepção dialética da educação — um estudo introdutório. Cortez: Autores Associados, São Paulo, 1983.



ANEXO P – “AVALIAÇÃO, REPETÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR” (Texto para Análise – Anos 1990)

EDUCAÇÃO

Avaliação, repetência e evasão escolar

O sistema educacional brasileiro funciona como uma verdadeira pirâmide, onde o processo de filtragem também ocorre através da avaliação tradicional e classificatória. Como resultado, temos um grande desencanto e a conseqüente evasão escolar, principalmente das camadas empobrecidas da sociedade brasileira.

Jussara Hoffmann*

Qualquer proposta pedagógica de não-reprovação no ensino fundamental não pode ser entendida pelo professor como uma proposta de não-avaliação. Essa é uma questão muito preocupante, prin-

cipalmente a partir dos comentários dos professores que participam de encontros e seminários dessa natureza. Percebe-se, em suas falas, que entendem propostas de promoção automática como total eliminação da prática avaliativa nas escolas.

Realidade - Os professores e a sociedade defendem a prática tradicional em nome de um ensino de qualidade. O que se observa, entretanto, e as estatísticas comprovam isso, é que de 300 alunos que se matriculam, por ano, numa escola pública, apenas 25 alcançarão a 8ª série do 1º Grau. Apenas um ou dois entre esses cursarão o 2º Grau. Para cada 200 escolas de 1º Grau completos encontramos, no máximo, 15 escolas públicas de 2º Grau completos, no Brasil.

Além disso, os educadores estão sendo coniventes com um sistema político que não pretende, de fato, ter escolas para todas as crianças. Os políticos se defendem apontando índices de repetência e vagas preenchidas por tais alunos. Na verdade, mesmo que almejássemos índices negativos de reprovação, não haveria escola para todos. Assim, a contradição fica por conta de professores que participam de muitas lutas de categoria e por melhores condições para a educação, mas que são coadjuvantes na manutenção de uma escola de elite, personagens decisivos na formação da tradicional pirâmide capitalista: muitos sem sequer o ensino fundamental e muito poucos alcançando o ensino universitário.

Sem dúvida, os professores dir-se-ão perseguindo e batalhando a favor de um ensino exigente, pela formação de alunos capazes de enfrentar o mercado de trabalho e de sobreviver às desigualdades sociais e culturais. O que se pretende é alertá-los sobre o equívoco dessa trajetória. A defesa de uma prática avaliativa classificatória é a defesa de educação comportamentalista - capitalista. E, pelo contrário, o compromisso com as classes populares exige do educador uma verdadeira aproximação com a realidade social e cultural dos filhos dos trabalhadores e das crianças marginalizadas.

Significado da avaliação - O significado primeiro e essencial da ação avaliativa é o "prestar muita atenção nessas crianças", eu diria, "pegar no pé" dessa criança, mesmo, insistindo em conhecê-la melhor, em entender suas falas, seus

argumentos, teimando em conversar com elas em todos os momentos, ouvindo todas as suas perguntas, fazendo-lhes novas e desafiadoras questões e, fundamentalmente, buscando alternativas da ação educativa coerente à sua realidade.

Avaliar, nesse sentido, significa acompanhar para conhecer e sobretudo contribuir para o seu desenvolvimento. Muito diferente de registrar dados ou buscar provas quanto à sua capacidade.

O que se percebe nas classes populares é a não disponibilidade do adulto em relação às crianças. É um tal de "pára-te-quieto" que não acaba mais! A escola é responsável em oferecer tal disponibilidade de diálogo; adultos realmente disponíveis, frente às crianças, aos jovens, sem censuras, comparações, punições e obstáculos.

Desafio - O principal elemento da avaliação é sobretudo a ação desafiadora do professor, "mediadora", provocando o aluno a encontrar melhores soluções para seus problemas. É preciso acreditar, então, que a educação é um ato contínuo na vida dessas crianças e que permanentemente podem ser levadas a reformular suas primeiras impressões de mundo e recriar o saber científico.

Utopia, professor? Não, compromisso! Um compromisso avesso ao obstáculo, ao padrão pré-estabelecido, à eliminação de milhares de crianças da escola. Compromisso com a qualidade de ensino, direito da criança, obrigação da sociedade!

Questões para debate

- 1 - Qual é o significado da avaliação adotada em nossa escola e nas escolas em geral?
- 2 - Por que a avaliação classificatória é negativa e contribui com a evasão escolar?
- 3 - Por que a aprovação automática não significa não avaliar?

OBS: Seria importante discutir o significado da avaliação, através de palestras, painéis, grupos de estudo, debates. Inicialmente que pode ser tomada pela escola, pelos professores, pelos estudantes... É uma dica.

***Jussara Hoffmann** é professora assistente da Faculdade de Educação da UFRGS, autora do livro: "Avaliação: mito e desafio - Uma perspectiva construtivista" e pesquisadora na área de avaliação educacional e educação infantil.

Diretor
Pe. Zeno Hastenteufel

Editor
Camilio Simon (MTPS nº 3708)

Equipe responsável
Pedro Ovídio Paganin, Luiz Gambin, Lúcia Maria Barcelos, Moacir A. Turmina (MTPS nº 6910), André Lauro Birck (MTPS nº 5818), Arnaldo Batista S. dos Santos, Maria Isabel de Andrade Teixeira, Neli Maria Teixeira, Jorge Avício da Silveira Teixeira, Sérgio Antonio Kurnifer, Ângela Machado Barcelos, Elena Zoro, Nilva Costella.

Mundo Jovem é uma publicação mensal (ano escolar) da editora da Pontifícia Universidade Católica do R. G. do Sul, sob orientação do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas e a supervisão da Faculdade dos Meios de Comunicação Social. Inscrição 473301, Livro n. 14, Cartório de Registro Especial.

Como assinar
Basta comunicar o nome e endereço ao Mundo Jovem e efetuar o pagamento.

Preço
Assinatura Individual Cr\$ 280.000,00 ou (280 cruzeiros novos).
Assinatura Coletiva (mais de 5 jornais no mesmo pacote) Cr\$ 230.000,00 (cada) ou (230 cruzeiros novos).
Tanto para quem recebe o jornal Individual ou coletivamente, **para cada 5 assinaturas pagas, a 6ª é grátis**.

Como pagar
O pagamento pode ser feito pelo Correo (Vale Postal) ou por **Cheque Nominal ou Vlsado**, para creditar em favor de **Jornal Mundo Jovem**, Caixa Postal 1429 - 90619 - 900 Porto Alegre, RS - Fone (051) 339-1511 e (051) 339-1610.

Composição a laser
Artline Consultoria e Sistemas de Informática
Fone (051) 221-2493

Impressão
Escola Profissional Champagnat: Fone: (051) 339-1308

4 (52) Mundo Jovem/maio 93 - Sem trabalho não há cidadania

ANEXO Q - "EVASÃO E REPETÊNCIA, DE NOVO! (Texto para Análise – Anos 1990)

EDUCAÇÃO

Evasão e repetência, de novo!

É de fundamental importância a questão da evasão e repetência no contexto global da educação brasileira, que apresenta o nível de analfabetos de 19% e os que entram na escola não ficam ou ficam mais tempo por repetirem uma série até mais de uma vez.

Entre os países das Américas, o Brasil é superado em relação à repetência apenas por Haiti, Guatemala e República Dominicana.

Falar de evasão e repetência já é tão batido, porém, parece um bom momento para refletir "de novo" sobre o assunto. Ao começar um ano, somos levados a boas decisões e compromissos renovados e, quem sabe, desta vez, esta questão seja levada a sério. Também lembramos bem alguns conselhos de classe, onde professores afirmam: "este não tem condição de passar", outros dizem: "ele não tem base. Brincou o ano inteiro, necessita reforçar mais estes conteúdos; infelizmente, este aluno não se recuperou!" Outros professores ficaram encabulados porque na sua "matéria" não ficou ninguém. Alguns professores de religião não quiseram ficar no conselho, não sentiram necessidade e nem tiveram espaço para falar.

No final de tudo, sempre ficam dois, três, quatro, cinco ou até mais de cada turma, somando 40, 50, por escola, e este ritual torna-se natural e até determina, para alguns, "qualidade de ensino", status para certas disciplinas e professores. Ficamos pensando aqui no nosso estado se esta realidade aconteceu em outros estados. Não temos esta resposta em relação ao ano de 95, mas nos outros anos percebemos que sim, pois muitos autores já apresentaram em seus escritos dados estatísticos que comprovam isto. Assim podemos considerar a situação brasileira.

A realidade

Refletindo sobre esta realidade, pode-se até tomar a mesma embarca-

ção dos professores citados acima e reforçar a culpa por esta situação de fracasso no aluno, ou atribuir total responsabilidade no outro polo do processo ensino-aprendizagem que é o professor, mas acreditamos que esta problemática é bem mais ampla. Ultrapassa os muros da escola: os profissionais são desvalorizados e as verbas ficam cada vez menores em nosso país. Mas o discurso de Educação de Qualidade para todos, continua. Não sabemos de que "todos" estão falando e nem de que qualidade! Porque o percentual de analfabetos, de evasão e repetência não diminui.

Esta consideração não é para o educador tirar o "corpo fora", como dizemos no popular. Foi acreditando no "ver" a realidade global como ajuda na compreensão da realidade local, dando clareza. No que se refere à evasão e repetência, os educadores, tem muito o que mudar e para isto se faz necessário parar e pensar: por que os alunos se evadem? Por que, o que o professor fez na escola que não os fez ter vontade de permanecer? Os mestres estão satisfeitos com sua ação pedagógica? Ela desperta o desejo de participação, de descoberta, de pesquisa?

O processo de avaliação reduz-se apenas a dar nota, a aprovar ou reprovar ou ele é um processo contínuo, diagnóstico que colabora no processo de construção do conhecimento de formação de bons hábitos, boas atitudes e ajuda a desenvolver habilidades?

Algo precisa ser feito

Se os educadores mudarem sua postura diante da evasão e repetência, isto é, começando a fazer do pedagógico um instrumento, um meio para vivenciar cidadania, cooperação, participação, justiça, fraternidade e construção de conhecimento, não só estarão contribuindo com a mudança do mundo educativo, eliminando a evasão e a repetência, mas também contribuindo com a mudança do contexto global da sociedade.

O início de um trabalho educativo é época propícia para reverter o quadro e descobrir qual a contribuição de cada um no esforço conjunto de fazer a es-



Sergio Kumpier / MJ

cola cumprir o seu papel, ensinar e aprender traduzindo em acesso, permanência e sucesso escolar dos alunos.

Para continuar esta reflexão, sugerimos questões para serem respondidas, primeiro, individualmente, depois em grupo, e debatidas em plenário. ▼

BIBLIOGRAFIA

1. HÖFFMANN, Jussara – Avaliação Mito e Desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre, RS, 1993.
2. DEMO, Pedro – Desafios Modernos da Educação – ed. Vozes, 1993.
3. COSTA, Dóris Anita Freire – Fracasso escolar: diferença ou deficiência. ed. Kuarup, 1993, Porto Alegre.
4. REVISTA de Educação da AEC – Ano 19 – nº 76 – julho/setembro 1990; Ano 21 – nº 84 – julho/setembro 1992; Ano 23 – nº 92 – julho/setembro 1994.
5. Série Ideias, 6 – tua criança é capaz de aprender? FDE, São Paulo, 1990.
6. Revista AMAE – nº 172 – Ano XVIII – junho 1985.
7. Raízes e Asas – Avaliação e Aprendizagem, nº 8.

QUESTÕES PARA DEBATE

- 1 – Qual foi a realidade da nossa escola, da minha turma no ano passado em relação a evasão e repetência?
- 2 – Como eu senti e vivi esta situação em relação a causas e consequências?
- 3 – Como poderei neste novo ano letivo, diminuir estas causas e evitar estas consequências?
- 4 – O que, de concreto, vou fazer para elevar as taxas de permanência e sucesso escolar dos nossos alunos?

Maria do Socorro de Souza, Diretora Pedagógica da DinArtes – Centro de Assessoria Pedagógica – Fortaleza, CE, membro da Diretoria da AEC Nacional e do Ceará e da Equipe Editorial da Revista de Educação – AEC.

ANEXO R – “ESPERANÇA DE UMA NOVA ESCOLA” (Texto para Análise – Anos 2000)

Esperança de uma nova escola

Alguns fazem um discurso muito negativista da educação pública no Brasil, um olhar onde só se destacam problemas. Dizem que há uma baixa produtividade porque há muita reprovação; que a escola não ensina; que o professor não está qualificado; que a escola é um fracasso! Acho que este discurso tem uma intenção que é desprestigiar o público.

Podemos ter um outro olhar sobre educação e eu diria que, se olhar mos com outro olhar, vamos descobrir que nos últimos 20 anos, desde o final dos anos 70 até hoje, estão acontecendo coisas extremamente ricas na educação brasileira. Há coisas tão ricas, ou mais, na educação pública brasileira quanto na educação privada. O que acontece é que o modelo de educação de qualidade que foi construído desde a última reforma, em 1971, através da lei 5.692, fez muito mal ao país. Criamos uma imagem de qualidade da educação tendo por parâmetro uma educação utilitarista, mercantil, voltada apenas para preparar mão-de-obra para o trabalho, ou voltada apenas para preparar adolescentes, jovens que passassem no vestibular.

Condenamos nossa adolescência, nossa juventude, à uma educação credencialista, que apenas se preocupava em prepará-los para o mercado e não se preocupava com educar, construir eles como sujeitos culturais, sociais. Neste momento, de um lado, alguns estão querendo que este modelo de qualidade chegue à escola pública, outros estão querendo que este modelo de qualidade saia, inclusive, da escola privada. Porque esse é um modelo muito pobre e que na realidade nega à nossa infância, adolescência e juventude o direito à educação básica universal, o direito à cultura, ao saber e à aprovação dos valores, da identidade, o direito, enfim, a se desenvolverem como seres humanos.

Uma nova educação

Uma nova concepção já vinha sendo gestada. Paulo Freire foi uma das pessoas que mais marcaram nesta direção. Acho que estamos num momento em que isto

EDUCAÇÃO

está questionando a escola, a concepção de qualidade que está imposta e estamos construindo uma nova concepção de qualidade, uma nova prática de educação.

Durante muito tempo vimos experiências isoladas. Ao longo destes 20 anos as diversas áreas do conhecimento avançaram muito. Tudo isto foi criando uma cultura, um olhar novo e práticas educativas que tentavam transgredir esta concepção utilitarista de qualidade.

O salto qualitativo desta última década foi que algumas administrações municipais e estaduais optaram por valorizar estas práticas. E não só valorizar estas práticas significativas que já vinham acontecendo na escola, mas, sobretudo, articular estas práticas e a partir delas construir uma proposta pedagógica para toda a rede municipal ou estadual. Significa que hoje não temos apenas as chamadas políticas oficiais do governo federal. Hoje temos políticas que vão em outra direção e que já têm cor-

professores, dar condições para que, estimulados e com recursos, construam, ampliem, radicalizem mais estas propostas.

Finalidade da educação

Estas propostas educativas do campo e da cidade, que tanto coincidem, trazem uma nova concepção do que seja a função da escola. A função da escola até agora, na nossa tradição, sobretudo reforçada nas últimas décadas pela reforma 5692, colocou a escola muito vinculada ao preparo para o mercado de trabalho. Educar era preparar mão-de-obra eficiente. Acho que estamos vivendo um momento em que estamos recuperando algo que a nova LDB insiste muito, que a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do ser humano. Eu diria que estamos dando uma guinada de uma concepção mercantilista para uma concepção humanista. Estamos recuperando a concepção que sempre foi da educação básica que é o direito ao desenvolvimento pleno do ser humano, o direito à cultura, ao conhecimento, a ter uma identidade, a ser gente.

O jovem tem direito ao conhecimento, a conhecer-se como sujeito humano, corpóreo, tem direito a ter um papel na sociedade. E estava sendo dado a ele apenas o direito de se qualificar para o mercado de trabalho. E é isso que algumas escolas oferecem: aprender a fazer cruzeiros, fórmulas para um dia passar no vestibular naquilo que você escolher ou que a sociedade te prometer como mais rendoso e ponto final. Está mudando isto. No momento em que trabalhamos a escola por ciclos da vida humana, a infância, a adolescência, a juventude recuperam a sua centralidade. Elas deixam de ser tempos mortos, sem sentido na vida humana, tempos apenas de preparação para a vida adulta. A vida é também vivida em todas as fases e tem que ser vivida com a mesma dignidade.



po, uma administração por trás delas, uma intencionalidade, e elas têm o status de serem assumidas por governos. Hoje nós não nos limitamos a criticar políticas e práticas que não nos agradam. Hoje temos um leque de alternativas na educação básica, muito rico e que está significando uma grande mudança na educação brasileira.

Não se trata, no entanto, do governo ter uma política muito avançada, levar para os professores, para as famílias e alunos e tentar envolvê-los. Pelo contrário, são os governos que têm que se envolver com estas experiências que estão acontecendo. E o que eles têm que fazer é respeitar esses

QUESTÕES PARA DEBATE

- 1 - Quais são os limites da "educação de qualidade"?
- 2 - O que existe de novo na educação brasileira? Que alternativas estão sendo construídas?
- 3 - Como realizar, na sua escola, uma educação mais humanista?

Miguel Arroyo, professor na UFMG, da Faculdade de Educação, Secretário Adjunto de Educação na Prefeitura de Belo Horizonte, MG.

"Começar de novo. Vai valer a pena"

fevereiro/2000 - 15

ANEXO S - "A ESCOLA CIDADÃ E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA" (Texto para Análise – Anos 2000)

Educação

micas e, acima de tudo, conhecimento aprofundado das teorias. O trabalho pedagógico se desenvolva para além do senso comum e se torne realmente uma atividade intencional.

Preparar para a cidadania
Três aspectos são importantes na formação do professor, conforme a pedagoga Maria Lúcia A. Aranha: qualificação, formação pedagógica, formação ética e política.

No primeiro aspecto, o professor deve adquirir os conhecimentos científicos indispensáveis para o ensino dos conteúdos específicos da sua área.

O segundo aspecto indica que não basta estar bem informado. É necessário superar os níveis do senso comum, tornando a atividade sistematizada, a fim de garantir a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

O último aspecto diz respeito ao trabalho transformador que o professor desenvolve. A educação está inserida em um contexto social, político e econômico. Por isso o professor não pode estar alienado dos acontecimentos do seu tempo. Daí a importância da formação ética e política no processo de conscientização das novas gerações, com relação aos problemas a serem enfrentados.

Além disso, a formação política permite uma melhor compreensão sobre o que é relevante ensinar e como fazê-lo. Convém que o professor se posicione diante das situações lutando contra a submissão política, a alienação, as exclusões, e as diversas formas de preconceitos.

De fato, a atividade educacional deve ser uma atividade de preparação do cidadão para a vida social e sua transformação. A escola, em hipótese nenhuma, pode isentar-se da sua mais importante função: social, política e cultural, preparando indivíduos capazes, que tenham uma visão de mundo com consciência crítica, para que possam agir e mudar esta mesma sociedade.

Diz o psicólogo chileno Cláudio Naranjo: "se quisermos mudar o mundo, é preciso mudar a gente que está neste mundo. Esta mudança só pode ser feita através da educação".

Vivemos no auge da globalização da economia e das comunicações, numa época marcada pelas contradições, individualismo e mudança de paradigmas. É, portanto, dentro desse cenário pós-moderno que a escola deve atuar, cenário este que impõe novos desafios para nós educadores. Qual deve ser a educação ideal neste contexto?



Carbone

A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna

Raidalva Araújo de Queiroz Guimarães,
Coordenadora Pedagógica no Colégio Estadual
Herculano Farias, Barreiras, BA.

Certamente, a educação deve estar voltada para a autonomia, a ética, para a valorização da diversidade cultural, para a busca da identidade. Uma educação antropológica, que forme seres mais humanos e menos técnicos. Pessoas criativas e inventivas, capazes de refletir, de ouvir o outro, de respeitar o diferente, de analisar situações e buscar soluções. Uma formação para pessoas sensíveis, porém sábias, que veja o outro como um parceiro importante para a construção do seu saber. Neste novo cenário, será preciso reconstruir o saber da escola, as relações interpessoais e a formação do professor. Ele deverá ser criativo, aproveitando seu espaço em sala de aula para promover o entendimento com os "diferentes", esforçando-se para que os conflitos sejam resolvidos e não camuflados. A interdisciplinaridade seja o elo de ligação entre as várias disciplinas e seus respectivos professores e, a contextualização faça dos conteúdos algo significativo.

Reconstruir o saber
Acima de tudo, a proposta desta escola é que o educando seja realmente o centro de todo processo. Portanto, há de

se considerar os seus conhecimentos e o educador deve saber ouvi-lo, conhecê-lo e colaborar de modo que este possa avançar sempre mais.

Para que tudo isso possa se concretizar é necessário que se reconstrua o saber da escola e a formação do educador: os dois eixos que devem nortear a nova prática educativa.

A reconstrução do saber, no horizonte da pós-modernidade, constitui-se num grande desafio, uma vez que este saber sempre esteve pronto e determinado dentro de uma "grade curricular", inquestionável e inflexível, devendo ser cumprida fielmente por todos.

Sem uma formação adequada do professor, nada muda. Aqui reside o ponto crucial de todo processo: sem uma formação consistente, o educador não consegue conduzir com êxito o processo educativo da escola cidadã.

Mudar a educação não é algo que depende apenas de teorias revolucionárias ou da eficiência de novos métodos. Toda mudança em educação significa, antes de mais nada, mudança interior e, consequentemente, de atitude. Contudo, sabemos que para isso, os cursos de magistério e pedagogia devem proporcionar aos seus alunos uma compreensão sistematizada de todo progresso educativo, incluindo novas metodologias, técnicas e dinâ-

Questões para Debate

- 1 - O que é uma "escola cidadã"?
- 2 - O que significa "reconstruir o saber" nas escolas?
- 3 - O que é feito na sua escola ou município para a formação dos educadores?

março/2003 (33) - 9

O maior mal é não fazer o bem



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

RUI ANTÔNIO DE SOUZA

**IDÉIAS DE EDUCAÇÃO
NA COMUNICAÇÃO DO
JORNAL MUNDO JOVEM: 1963 a 2005**

Profa. Dr. Maria Helena Steffens de Castro
Orientadora

Porto Alegre
2008